

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

KARLA RIBEIRO

**ENSAIOS DE *GAZZETTINO DEL BEL MONDO* DE UGO
FOSCOLO:
UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO COMENTADA PARA O
PORTUGUÊS**

**FLORIANÓPOLIS
2016**

Karla Ribeiro

**ENSAIOS DE *GAZZETTINO DEL BEL MONDO* DE UGO
FOSCOLO:
UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO COMENTADA PARA O
PORTUGUÊS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Karine Simoni

Florianópolis
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Karla Ribeiro

**ENSAIOS DE *GAZZETTINO DEL BEL MONDO* DE UGO
FOSCOLO:
UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO COMENTADA PARA O
PORTUGUÊS**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 13 de dezembro de 2016.

Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão
Coordenadora do Curso

Prof. Dra. Karine Simoni
Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET/UFSC

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Andréia Guerini
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dra. Andréia Guerini
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET/UFSC

Prof. Dra. Andrea Cesco
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET/UFSC

Prof. Dr. Daniel Serravalle de Sá
Programa de Pós-Graduação em Inglês – PPGI/UFSC

AGRADECIMENTOS

A esta Força que nos guia, nos protege, nos rodeia, Força essa que muitos chamam de Deus;

Aos meus genitores, Hailton e Neide, pela educação que me proporcionaram, pela vida que me deram, pela confiança que sempre depositaram em minhas atividades;

Aos professores de minha vida, pois cada um contribuiu com um tijolo para a construção de minha ética, de minha formação, da minha vida;

Ao meu noivo Lauro, pois muito me impulsionou para que eu conseguisse concluir mais esta etapa de minha formação, assaz importante para mim;

Aos colegas de Mestrado que fiz na PGET, especialmente a minha “irmãzinha” Giovanna, pelas conversas, pela acolhida em sua casa, quando precisei.

A todos os professores da PGET, pois foram essenciais para que eu elaborasse minha dissertação;

Um agradecimento muito especial para a minha orientadora, professora Karine Simoni, que, sem me conhecer, depositou sua confiança em mim, principalmente me apresentando Ugo Foscolo. Professora Karine, toda minha gratidão, pelas suas orientações, pelas leituras proporcionadas, pelo conhecimento que você me possibilitou, por me orientar no Mestrado. Muito agradecida!!!

“O tradutor tem que ser enciclopedista, o que vem ao encontro da minha atitude intelectual em relação à literatura e ao mundo, eu sou um pouco enciclopédico. Eu não sabia o que queria ser em termos profissionais, eu queria fazer tudo, saber tudo e me parece que Guimarães Rosa era assim também. Ele tinha uma curiosidade fantástica por tudo, Ciências Naturais, História, Arqueologia Botânica, Linguística.” (ZILLY, 2012)

RESUMO

Esta dissertação se propõe a realizar a tradução comentada para o português de dois textos de Ugo Foscolo, que viveu entre os séculos XVIII e XIX: o *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo* e o *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*, ambos presentes na coletânea *Lettere Scritte dall'Inghilterra (Gazzettino del bel mondo)*. Esses ensaios foram escritos durante o período de exílio do autor na Inglaterra, entre os anos de 1816 e 1827. A proposta da tradução dos ensaios de Foscolo é baseada em Antoine Berman (1995, 2012), com a defesa da tradução da letra. A análise da tradução pautou-se em tópicos considerados importantes para o texto de chegada, tais como o ritmo, a ortografia, a ironia, além de um enfoque sobre o uso de pronomes de tratamento. Espera-se com esta dissertação contribuir para que a obra de Foscolo seja melhor conhecida pelo público brasileiro ou mesmo de língua portuguesa. Autores como Palumbo (1994), Verdenelli (2007) e Nicoletti (2006) serviram para embasar o estudo acerca da produção literária de Foscolo, bem como para dar suporte teórico-crítico sobre a vida do autor e a influência que esta teve em seus escritos, sempre com forte crítica política e social, em defesa da pátria italiana. O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro, faz-se uma apresentação do autor relacionando a vida de Foscolo com a sua produção literária, além de refletir acerca do que representa o ensaio epistolar, característica dos textos traduzidos neste projeto; no segundo capítulo, são trazidas as traduções dos ensaios *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo* e o *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*, com o texto em italiano ao lado do texto em português; finalmente, no terceiro capítulo, é realizada a análise das traduções empreendidas com base na tradução da letra, destacando os marcadores temporais, tais como os pronomes de tratamento, as abreviações e iniciais maiúsculas, questões de léxico e semântica – arcaísmos, prefixos, nomes e abreviaturas – além de questões estilístico-sintáticas e a ironia, elemento importante destes textos foscolianos.

Palavras-chave: Tradução comentada; Ugo Foscolo; *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo*; *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*.

ABSTRACT

This dissertation intends to realize a commented translation to Portuguese of two Ugo Foscolo's texts, a writer who lived between the XVIII and XIX centuries: *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo* and *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*, both from the epistolary *Lettere Scritte dall'Inghilterra (Gazzettino del bel mondo)*. These essays were written during the author's exile period in England, between the years 1816-1827. The translation purpose of Foscolo's essays is based in Antoine Berman (1995, 2012) with his defense of the translation of the letter. The translation analysis was based in topics considered important to the translated text, i.e., rhythm, orthography, irony, besides an emphasis on the use of treatment pronouns. I hope to make a great contribution with this work in order to make Foscolo's writings well-known by the Brazilian people or even the Portuguese speakers. Authors like Palumbo (1994), Verdenelli (2007) and Nicoletti (2006) were used to give basis to the study about Foscolo's literary production as well as to give some theoretical-critical support on the author's life and its influence on his texts, always with strong political and social critics in defense of the Italian nation. The work is divided in three chapters: in the first one, it is made a presentation of the author relating Foscolo's life to his literary production, besides reflecting about what an epistolary essay represents, a characteristic of the texts here translated; in the second chapter the translations of the following essays are presented: *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo* and *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*, with the text in Italian next to the one in Portuguese; at last, in the third chapter, it is done the translation analysis based in the translation of the letter, highlighting the temporal markers, i.e., treatment pronouns, abbreviations, and capital letters, lexical and semantical issues – archaisms, prefixes, names and acronyms – besides stylistical and syntactical issues and the irony, a great mark of these foscolian texts.

Keywords: Commented translation; Ugo Foscolo; *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo*; *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Retrato de Ugo Foscolo	25
Figura 2 – Holland House	42
Figura 3: Versão impressa de <i>Lettere scritte dall’Inghilterra</i> organizada por Edoardo Sanguinetti.....	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronomes de tratamento de 2ª pessoa.....	112
Quadro 2 – Estratégia de tradução dos pronomes do caso reto de 2ª pessoa	114
Quadro 3 - Uso dos pronomes Tu e Vos do latim	115
Quadro 4 - Palavras reduzidas para manter o ritmo.....	116
Quadro 5 – Arcaísmos encontrados nos textos traduzidos	117
Quadro 6 - Uso de sufixo indicativo de superlativo sintético.....	119
Quadro 7 – Uso de prefixos	119
Quadro 8 - Onomásticos encontrados nos ensaios foscolianos	120
Quadro 9 - Citações e expressões em idioma estrangeiro preservados na tradução	123
Quadro 10 – Trechos de outros autores adaptados ou com tradução em português	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	112
1 FOSCOLO, UM ESCRITOR ENTRE DOIS MUNDOS	23
1.1 A LITERATURA DE FOSCOLO NO EXÍLIO	23
1.1.1 <i>Lettere Scritte dall'Inghilterra (Gazzettino del Bel Mondo)</i>	48
1.2 DO ENSAIO EPISTOLAR	54
CAPÍTULO II	61
2 UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE DOIS ENSAIOS DE LETTERE SCRITTE DLL'INGHILTERRA (GAZZETTINO DEL BEL MONDO)	61
2.1 SAGGIO D'UN GAZZETTINO DEL BEL MONDO	120
2.2 SAGGIO D'UN GAZZETTINO DEL BON TON INGLESE	78
CAPÍTULO III	96
3 O ESTRANGEIRO NO TEXTO DE CHEGADA E A TRADUÇÃO DA LETRA	96
3.1 COMENTÁRIOS SOBRE AS TRADUÇÕES	106
3.1.1 Marcadores temporais do texto	108
3.1.1.1 <i>Pronomes de tratamento: o caso do "Voi" e do "Tu"</i>	109
3.1.1.2 <i>Abreviações e uso de iniciais maiúsculas</i>	115
3.1.2 Questões de léxico e semântica	117
3.1.2.1 <i>Arcaísmos</i>	117
3.1.2.2 <i>Uso de sufixos e prefixos</i>	118
3.1.1.3 <i>Estilística e emprego de nomes e abreviaturas</i>	120
3.1.1.4 <i>Do emprego de línguas estrangeiras e outros autores</i>	122
3.1.3 Questões estilístico-sintáticas	129
3.1.4 A ironia dos ensaios	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO

Neste estudo, voltaremos nosso olhar à obra de Ugo Foscolo, escritor da literatura italiana que viveu a sua experiência literária no período entre os séculos XVIII e XIX, que engloba os chamados Neoclassicismo – *grosso modo*, este pode ser identificado como o movimento que busca retomar os ideais clássicos gregos e romanos com base nas ideias iluministas –, e Romantismo, relacionado com ideais de liberdade, nacionalismo, pessimismo, historicismo. (CARPEAUX, 1985; D’ONOFRIO, 2002). O foco da pesquisa são os ensaios *Saggio d’un Gazzettino del bel mondo e Saggio d’un Gazzettino del bon ton inglese*, ambos produzidos durante o exílio do autor em Londres, na Inglaterra, entre 1816 e 1827, e publicados postumamente em 1951¹ sob o nome de *Lettere scritte dall’Inghilterra (Gazzettino del Bel Mondo)*.

Esta dissertação objetiva propor uma tradução dos referidos textos para o português do Brasil, com o escopo de contribuir para que a obra de Foscolo venha a ser mais conhecida em terras brasileiras, visto que Foscolo é considerado pela crítica literária um cânone da literatura italiana, além de um dos maiores representantes do romantismo italiano na Europa (LUZZI, 2012). Importante é, também, ressaltar que o tipo de texto escolhido para ser traduzido ao português brasileiro são ensaios com características epistolares, ou seja, são ensaios destinados a alguém, isto é, com destinatário específico, como veremos adiante. A importância de trazer *Saggio d’un Gazzettino del bel mondo e Saggio d’un Gazzettino del bon ton inglese* para o português do Brasil é possibilitar ao leitor brasileiro interessado no assunto o contato com um autor que viveu em uma Europa de revoluções, de polêmicas, de ideias iluministas, bem como possibilitar a leitura em português de um escritor que introduziu a crítica histórica na literatura italiana. (BUONAFINA, 2006).

Além do proposto, espera-se também contribuir para a reflexão sobre as especificidades da tradução de textos com características de ensaios, como é o caso dos textos que se constituem no objeto de estudo deste trabalho. Lukács (1971), em seu texto “Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Poppe”, já falava da importância de se estudar os ensaios, não somente como uma contribuição teórica, mas como fonte de reflexão acerca de determinado tema. Escreveu ele:

¹ FUBINI, Mario (a cura di). *Prose varie d’arte*. Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo V. Firenze: Le Monnier, 1951.

Por que lemos ensaios, então? Muitos deles por causa dos ensinamentos, mas há também outros que oferecem atrativos bem diversos. Não é difícil separar uns de outros: não é verdade que hoje vemos e julgamos a *tragédie classique* de modo muito diferente que Lessing na *Dramaturgia de Hamburgo*; que os gregos de Winckelmann nos parecem peculiares e quase incompreensíveis e que em breve talvez sintamos o mesmo em relação à Renascença de Burkhart? E, no entanto, nós os lemos – por quê? (1971, p. 2)

O questionamento sobre por que razão ler ensaios é foco de raciocínio do estudioso húngaro em seu ensaio crítico escrito na década de 1970. Segundo ele, a leitura dos ensaios provoca ensinamentos diversos que podem contribuir para a compreensão de determinados fatos de uma dada época. No caso dos ensaios de Foscolo aqui estudados, podemos inferir que podem ser úteis para ajudar a entender a sociedade inglesa e sua cultura, os modos e as modas da época e como estes foram se alterando ao longo dos anos. Não se trata, naturalmente, de tomar os ensaios como depositários de uma verdade única sobre os fatos e as ideias, mas sim de estudá-los considerando que foram elaborados a partir do olhar de Foscolo e que, portanto, apresentam um ponto de vista que é marcado pela experiência de mundo de seu autor. Os textos literários têm sua importância também pelo fato de possibilitarem ao leitor uma leitura histórica, estética, artística do período em que foram escritos. No caso dos ensaios de Foscolo, o leitor perceberá o pensamento do autor, ex-combatente do exército de Napoleão e defensor da libertação italiana, em relação a assuntos como os hábitos da sociedade, especialmente da alta sociedade, o tratamento para com os servos, o que fazia a classe senhoral, etc.

Na história literária italiana, Ugo Foscolo é reconhecido, principalmente, pelas obras *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, publicada em definitivo em 1817, e pela obra *Dei Sepolcri*, de 1807. A primeira trata-se de um romance epistolar com inspiração patriótica e de revolta contra a ação de Napoleão Bonaparte frente ao Tratado de Campofórmio², misturada com elementos de cunho sentimental/ amoroso, enquanto a segunda, igualmente de cunho político, é uma composição poética que versa sobre o papel da memória e dos valores nobres, como o amor à pátria e às letras diante da efemeridade da vida. (VERDENELLI, 2007).

² Tratado de Campofórmio: tratado diplomático assinado por Napoleão Bonaparte, que cedeu o território de Veneza à Áustria em 1797.

Por conta de desafetos políticos e literários, Foscolo passou parte de sua vida na condição de exilado³. O período de exílio do autor na Inglaterra, compreendido entre 1816, quando chega à capital inglesa, e 1827, ano da sua morte, é considerado pela crítica, como apontam Verdenelli (2007), Palumbo (1994) e Nicoletti (2006), um dos períodos mais produtivos do autor; um período diverso em relação ao vivido na Itália no que diz respeito à sua produção literária, pois ao invés de escrever somente textos de crítica literária e/ou afrontar a política napoleônica, características da produção italiana, Foscolo produziu também um considerável volume de cartas e, em menor escala, de traduções. Além disso, pode-se pensar a figura de Foscolo como um mediador cultural no âmbito do ensino, pois se dedicou também à lecionar línguas - conhecedor que era de Latim, além da Língua Italiana - e literatura em terras inglesas. Dentre os textos escritos no período, como foi dito, está o *Lettere scritte dall'Inghilterra (Gazzettino del Bel Mondo)*, no qual Foscolo procura retratar as impressões sobre os costumes ingleses por ele observados. Vale lembrar que Foscolo foi muito bem recebido logo nos primeiros dias de estada na Inglaterra, frequentando, inclusive, a alta burguesia inglesa daquele período. (WICKS, 1968).

O exílio de Foscolo na Inglaterra serviu para que o autor pudesse se posicionar com mais autonomia sobre as questões políticas, sociais e literárias da Itália do período. Posiciona-se assim como uma espécie de porta-voz a toda a Europa sobre o perigo dos governos tirânicos e sobre a “pátria desgraçada e miserável”, neste caso, a Itália, país das ruínas, do antigo, como o próprio Foscolo referiu-se à pátria deixada para trás em sua fuga para a Inglaterra em uma de suas cartas⁴. Como foi dito,

³ O exílio definitivo iniciou em 1815, quando Foscolo, após abandonar o convite para escrever uma revista para o governo e antes de prestar juramento à Áustria na condição de oficial do Reino Itálico, seguiu para a fronteira da Suíça, em Chiasso, seguindo para Lugano. Ali, elaborou *Discorsi sulla servitù dell'Italia*, textos publicados após sua morte. Foscolo também perpassou as cidades de Roveredo, Val Mesolcina, Coira, até chegar a Zurique, no final de agosto de 1815. Estabeleceu-se em Hottingen, onde publicou três exemplares de *Vestigi della storia del sonetto italiano dall'anno MCC al MDCCC* pela casa editorial Orell e Füssli, de Zurique. Após sua estada na Suíça, Foscolo decide estabelecer-se na Inglaterra, chegando a Londres no dia 12 de setembro de 1816. (NICOLETTI, 2006)

⁴ *Epistolario, II* (luglio 1804-dicembre 1808), publicado em 1952.

Foscolo se estabeleceu em Londres, cidade que já naquele período ultrapassava um milhão de habitantes. (VERDENELLI, 2007, p. 269).

Segundo Palumbo (1994, p. 162), o epistolário *Lettere scritte dall'Inghilterra* havia sido dividido por Foscolo em temas: Usos, Literatura e Política. As *Lettere* não foram concluídas pelo autor, mas, provavelmente por conta de seu formato, puderam ser publicadas postumamente sob o nome de *Gazzettino del bel mondo*. Tal formato tinha como característica o fato de as cartas possuírem início, meio e fim, sendo, portanto, apresentadas em formato de texto completo, ainda que sentenças não concluídas, frases incompletas e siglas nem sempre fáceis de serem identificadas sejam comuns ao longo do texto. Por essas peculiaridades da escrita, no meu entender, a obra aqui analisada apresenta características que se aproximam da escrita ensaística⁵.

A escolha por *Saggio d'un Gazzettino del bel Mondo* e *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*, ambos do *Gazzettino del bel mondo*, deu-se exatamente pelo tom observador com que Foscolo olhava para a sociedade, como divulgador e crítico dos costumes ingleses e por ambos os textos apresentarem qualidades de ensaio com característica epistolar, o que será tratado mais adiante.

Saggio d'un Gazzettino del bel mondo é um texto que trata dos costumes ingleses de início do século XIX, quando Foscolo, na sua condição de exilado, percebia aquela sociedade específica como uma espécie de *corpus* de análise: neste ensaio, especificamente, o autor inicia falando sobre a promessa que havia feito ao *Contino*, destinatário do ensaio, de escrever as edições que fariam parte do *Gazzettino del Bel Mondo*. Ou seja, um periódico destinado a falar sobre o mundo inglês e o dia a dia dos cidadãos. Ao longo do ensaio, Foscolo compara os italianos aos ingleses, assim como a outros cidadãos de outras nações: “[...] I Francesi ne sono maestri: gli Svizzeri vanno più sempre imitandoli come orsi che ballano: quanto agl’Inglesi non saprei dirvi [...]”⁶ (FOSCOLO, 1978, p. 81).

Saggio d'un Gazzettino del bel mondo conta, também, o esforço que Foscolo faria para compilar os textos para as edições do *Gazzettino*, como numa espécie de favor pelo fato de considerar o *Contino* pessoa de sua estima:

⁵ Mais adiante, no Capítulo I, será discutido o conceito de escrita ensaística.

⁶ Os Franceses são mestres nisso: os Suíços vão além sempre imitando-os como ursos que bailam: quanto aos Ingleses, não lhe saberia dizer. (Todas as traduções deste trabalho são de minha autoria)

[...] Ma non posso aiutarmi da me a coricarmi in letto; e il mio infermiere si sta forse languendo di sonno. Dunque domani. Per ora, affinché non foss'altro vediate com'io per amor vostro entro in un gran ginepraio, vi porrò qui la epigrafe generale de' gazzettini miei [...]. (FOSCOLO, 1978, p. 87)⁷

No trecho citado, Foscolo destaca que nem ele próprio pode se ajudar a deitar-se, contudo, fará o esforço de escrever as edições do periódico, tudo isso “per amor vostro”⁸, isto é, por consideração ao Contino, destinatário do ensaio em questão. E, enquanto narra a dificultosa – segundo descreve no excerto acima - função de redigir os textos para o *Gazzettino*, Foscolo enumera diversas atitudes cotidianas do povo inglês, grande parte das vezes ironizando tais atitudes, como no trecho em que destaca o divórcio na Inglaterra: “In Inghilterra i mezzidivorzi sono rarissimi, o sí poco apparenti che appena se ne bisbiglia”⁹ (FOSCOLO, 1978, p. 83). Noto que o verbo “bisbiglia” tem relação com fofoca, bisbilhotar a vida alheia, numa referência aos hábitos ingleses para o fato de haver divórcios na sociedade de então, algo fora do comum. Portanto, motivo para as pessoas “bisbilhotarem” a vida alheia, fato que não passou despercebido no texto de Foscolo.

Já o *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* apresenta várias subseções que marcam diferentes momentos em que foram escritas as cartas: II (iniciando o texto, carta datada de 17 de julho de 1817), III (carta datada de 18 de julho de 1817), V (sob o título *Teoria del 'bon ton'*, sem data precisa²) e XV (sem título e sem data precisa). A ideia central do texto, assim como o ensaio sobre o *Bel Mondo*, é a sociedade inglesa, como o próprio nome do ensaio aponta – *Bon Ton inglese* – e como o próprio Foscolo escreve: “[...] che i Francesi chiamano *bon ton*, gl'Inglese credo *high life* – e ch'io tradurrei volentieri *eleganza signorile* [...]”¹⁰ (1978, p. 72). Mais uma vez, os modos ingleses retornam ao texto foscoliano como alvo de sua visão crítica acerca do homem e do que ele

⁷ Mas não posso ajudar a mim mesmo a deitar-me na cama; e o meu enfermeiro está, talvez, morrendo de sono. Então, amanhã. Por ora, até que não haja outro, veja como eu, por amor ao senhor, entro num grande imbróglio, lhe colocarei aqui a epígrafe geral dos *gazzettini* meus.

⁸ Por amor ao senhor.

⁹ Na Inglaterra, os meio-divórcios são raríssimos, ou tão pouco aparentes que pouco se fala a respeito.

¹⁰ [...] que os Franceses chamam *bon ton*, os ingleses creio *high life* – e que eu traduziria com gosto como elegância senhoril [...]

representa: por que certas atitudes diante de um determinado fato? Qual a razão para os homens daquela sociedade agirem deste ou daquele modo perante uma certa situação, como quando o escritor descreve cenas de dor e morte de lacaios guiados pelo Conde P. que acabam perecendo em nome dos nobres: “io giovinetto udiva spesso in certi crocchi esaltare il Conte P., appunto perché guidando una quadriglia inglese faceva perire tutti i lacché, i quali l’un dopo l’altro si gloriavano di morire al servizio di sí potente signore”¹¹ (1978, p. 70).

O ensaio crítico sobre o *bon ton* inglês também fala sobre os valores morais dos ricos em contraposição aos de classes mais baixas, além de evidenciar a moda de viajar e conhecer outros lugares somente para dizer que se esteve ali, como hábito dos abastados. Também aparecem, em alguns momentos do texto, referências à escritura de textos para o periódico *Gazzettino*, do mesmo modo que o ensaio sobre o *Bel Mondo*.

A respeito do objetivo de Foscolo ao escrever esses textos ensaísticos, é válido destacar a introdução da obra, na qual ele se dirige diretamente ao leitor e afirma:

Letttore

Queste mie sono lettere d'uomo esule il quale scrivendo per ozio agli amici suoi intorno alla nazione a cui rifuggi, ripensava pur tanto alla patria che gli vennero fatti de' paragoni fra l'Inghilterra e l'Italia.

E tu pure guardane alcune per ozio e non leggere un po' seriamente fuorchè la sola dettata con animo di pubblicarla — ed è questa: e la non è prefazione da ch'io non presumo di darti un libro d'autore. Onde discorrerò teco quanto nelle altre lettere con gli amici miei; e con pari sincerità. E quand'anche tu non l'accolga con pari fiducia, t'accorgerai, spero, ch'è lettera d'uomo ad uomo. (1978, p. 17)¹²

¹¹ Eu, jovenzinho, ouvia com frequência em certos grupos exaltar o Conde P., exatamente porque guiando uma quadrilha inglesa fazia perecer todos os lacaios, os quais, um após o outro, se gloriavam de morrer a serviço de tão poderoso senhor.

¹² Leitor, estas minhas são cartas de homem exilado, que escreve por ócio aos amigos seus em torno a uma nação para a qual me refugiei, pensava, pois, tanto na pátria que lhes fizeram comparações entre a Inglaterra e a Itália. E tu observas algumas por ócio e não leia seriamente a não ser a

Como é possível perceber, Foscolo parece colocar-se como um mediador entre os costumes ingleses e os costumes italianos, afirmando também que o leitor verá não se tratar de um “livro de autor”, ou seja, um grande livro, mas um texto escrito como se ele estivesse escrevendo para um amigo. Ou seja, Foscolo procura estabelecer uma relação de proximidade e até de intimidade para com o leitor, de modo a estreitar laços com ele, o que possivelmente contribuiria, na visão de Foscolo, para a compreensão da sua escrita e do seu papel de mediador. Nesse sentido, os textos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa podem ser vistos sob o prisma da tradução cultural¹³, ou seja, o olhar estrangeiro de Foscolo para a terra recém-descoberta denota que o autor assumiu para si a função de intermediador entre duas culturas – a inglesa e a presente na Itália.

Voltando ao *Saggio d'un Gazzettino del Bon Ton inglese*, é importante destacar, como foi dito, que nele Foscolo apresenta a sociedade inglesa e a retrata com o que ele identifica de costumes e manias, destacando, de modo especial, o tratamento interpessoal mantido pelos ingleses e também a moda usada na Inglaterra. Ainda na introdução da obra, afirma ele:

i miei pareri intorno agl'Inglese derivarono tutti da sentimenti istantanei, spassionati d'astio o d'amore; ond'io li tengo per equi — ma a prometterli giusti mi bisognerebbero esperimenti più cauti e più lunghi. Se non che il troppo esaminare assedia il giudizio di dubbj e disanima la fantasia che quasi ispirazione ci move ad esprimere ingenuamente i sensi e i pensieri destati in noi dalla presenza di cose nuove. (1978, p. 17)¹⁴

somente ditada com ânimo de publicá-la – e é esta: e não é o prefácio do que eu não presumo em dar-te um livro de autor. Onde discorrerei contigo quanto nas outras cartas com os amigos meus; e com igual sinceridade. E quando tu também não a acolheres com igual confiança, te darás conta, espero, que é carta de homem para homem.

¹³ A partir do conceito de transportar a linguagem do passado para a do presente, os conceitos da época estudada, neste caso, o século XIX, para a realidade atual do público receptor, com base nos estudos de Burke e Pochia Hsia (2007).

¹⁴ [...] as minhas impressões a respeito dos ingleses derivaram todas de sentimentos instantâneos, sem paixões rancorosas ou de amor; onde eu as tenho por femininas – mas a prometê-las justas seriam necessários

Nesse excerto, Foscolo declara escrever com base em seus sentimentos momentâneos, tentando não realizar análises longas para que ele não se preencha de dúvidas e sejam apagadas as suas inspirações no ato de expressar-se ao escrever. Ele afirma que busca destacar rotinas, vivências, o dia a dia na Inglaterra do século XIX, ou seja, descreve o cotidiano de amigos e conhecidos ingleses, assim como o “inglesamento”, entendido como a inserção de hábitos ingleses na rotina diária de amigos seus italianos.

Em *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*, como dito, Foscolo estabelece algumas características da sociedade inglesa de então, descrevendo ironicamente¹⁵ os modos de ser e o comportamento humano perante situações aparentemente modestas e do cotidiano de uma sociedade, tal como o costume do casamento e das relações interpessoais em tal ocasião. Nessa perspectiva, o texto resulta em um retrato do comportamento dos nobres do período, como marqueses, condes, escudeiros, dentre outros. O *Saggio* data de julho de 1817 e também tinha por função fazer parte de um *gazzettino*¹⁶ citado pelo próprio autor, o que acabou não se concretizando durante a sua vida.

Conhecer os diferentes aspectos da obra foscoliana pode ser de grande importância para os estudos culturais, literários e históricos na relação Brasil e Itália, levando em consideração que o século XIX foi de grandes levadas migratórias a partir da Itália rumo a outros países, tal como o Brasil, nação que recebeu grande número de imigrantes, assim como fez o autor rumando para a Inglaterra ao ser exilado. Mesmo o grande foco da imigração italiana ter ocorrido na segunda metade do século XIX, é importante refletir sobre o contexto pré-emigração e qual

experimentos mais cautelosos e mais longos. Se não que o examinar em demasia assedia o juízo com dúvidas e desanima a fantasia que quase inspiração nos move a exprimir ingenuamente os sentidos e os pensamentos suscitados em nós pela presença de coisas novas.

¹⁵ O tema *Ironia* será tratado posteriormente.

¹⁶ *Gazzetta* eram chamados os jornais até o fim dos anos 1970. *Gazzettino* é um derivado de *gazzetta*. Atualmente, muitos periódicos utilizam-se do nome *Gazzetta*, como é o caso do periódico italiano *Gazzetta dello Sport*. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/gazzettino/>>. Acesso em: 02 dez. 2015. Ainda conforme a página “Lessicografia della Crusca in rete”, *gazzettino* é a forma diminutiva de *gazzetta*, jornal impresso de pequeno tamanho, com poucas folhas. Disponível em: <<http://www.lessicografia.it/pagina.jsp?ediz=5&vol=7&pag=86&tipo=3>>. Acesso em: 12 out. 2016.

a relação dos fatos até se chegar a um autor como Ugo Foscolo, figura exilada e atuante político de seu tempo, permitindo-nos compreender parte do panorama sócio-histórico de então, tentando entender como se configurava a Europa – e em especial a Itália - naquele período e o que fez muitos italianos emigrarem de seu país de origem indo para outras regiões, por meio do conhecimento de um autor que vivenciou ativamente a política do seu tempo e atuou como poeta, crítico literário, prosador, enfim, um homem de letras de seu tempo. Certamente as razões pelas quais Foscolo partiu da Itália foram diferentes dos motivos pelos quais ocorreram as levas migratórias para a América. Contudo, a História da Itália interessa a muitas pessoas no Brasil, descendentes daqueles italianos emigrados, mantendo um vínculo com o país de origem de seus antepassados.

Tendo sido homem de letras, é importante ressaltar que o autor perpassou diversos gêneros: poesia, discurso, cartas, ensaios, além de ter sido professor e crítico literário. De modo especial, conhecer o *Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo* e o *Saggio d'un Gazzettino del Bon Ton Inglese* poderia contribuir para ampliar o conhecimento dos hábitos culturais ingleses e as relações europeias no século XIX a partir de diversas situações rotineiras dos núcleos vivenciados pelo escritor.

Em relação à escrita de Foscolo, como diz o teórico alemão Theodor Adorno (2003, p. 26), “o ensaio confere à experiência tanta substância quanto a teoria tradicional às meras categorias”. Isso quer dizer que, ao lermos os ensaios e cartas de Foscolo do período de seu exílio inglês, podemos nos aproximar de elementos que caracterizaram a época bem como as ideologias de então. Ainda de acordo com Adorno (2003, p. 27), “o ensaio [...] não quer procurar o eterno no transitório, nem destilá-lo a partir deste, mas sim eternizar o transitório”. Nesse sentido, os costumes que Foscolo observou na Inglaterra e descreveu nos seus textos são um indício de que tais modas eram comuns naquele período, sendo, pois, transitórias. No entanto, ficaram eternizadas por meio dos ensaios, ou cartas, do autor. Naturalmente, ao estudá-los é preciso considerar que o conteúdo dos ensaios/ das cartas não retratam a realidade tal qual se apresentava, e sim retratam a visão de mundo, ou o ponto de vista, de quem os escreveu.

Ressalto, mais uma vez, que traduzir os ensaios de Foscolo pode ser importante porque, além de esteticamente terem grande valor, principalmente para os estudos literários, é possível aproximarmos de um período pleno de revoluções, de ações libertárias, acontecimentos sócio-históricos de grande valor, ideias do século XIX que tiveram influência sobre ações que delinearam cenários na Europa com reação

além-continente. Além do mais, é também por meio da tradução que as ideias circulam e se manifestam, sendo esta mais uma razão para que se estude e traduza Foscolo no Brasil. Os tradutores podem ser vistos, deste modo, como importadores de valores culturais, como trazem Delisle e Woodsworth (2005), ao abordarem as traduções ao longo da história, destacando que “las importaciones que hace el traductor no son transferencias unilaterales desde la llamada lengua/cultura de partida hacia la llamada lengua/cultura de llegada”¹⁷, pois o tradutor coloca em circulação transformações e manipulações, gerando hibridizações culturais e de valores, tendo grande influência sobre os conteúdos que circulam nas sociedades. Pensando nisso, proponho a tradução comentada dos referidos textos.

A tradução aqui proposta é baseada nos estudos da tradução da letra, os quais se pautam em valorizar os aspectos textuais do texto de partida, buscando transportar para o texto traduzido as principais características que identificam o de partida, como, por exemplo, a pontuação, o tipo de texto, estrutura sintática dos períodos, tipo de vocabulário, etc. (BERMAN, 2012). Portanto, tem como escopo apresentar um texto, de certo modo, estrangeiro ao leitor do texto traduzido para que este reconheça e valorize a estética do autor na língua de partida, não se preocupando somente com a língua, mas buscando apresentar conceitos que tornaram o texto primeiro de grande valor estético para a literatura, por exemplo.

A pesquisa tem por fundamento observar o estilo de Foscolo para trazê-lo na tradução de modo a buscar a poética do autor, o jogo de palavras por ele usado, o ritmo de sua escrita, além dos elementos culturais considerados essenciais para caracterizar as referidas obras. Como base para fundamentar o presente trabalho de tradução, como dito, foram utilizados os conceitos sobre tradução e cultura do francês Antoine Berman (2012) e as considerações de Margaret Wicks (1968), Giuseppe Nicoletti (2006) e Matteo Palumbo (1994) a respeito da vida de Foscolo na Inglaterra e das características de sua escrita.

O trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro será apresentada a vida literária de Ugo Foscolo com foco no período de seu exílio na Inglaterra, fazendo um levantamento do contexto histórico da época. Além da experiência literária do escritor, serão também tratados alguns aspectos relacionados à sua vida, em virtude de que esta teve

¹⁷ [...] as importações que o tradutor faz não são transferências unilaterais da chamada língua/cultura de partida para a chamada língua/cultura de chegada.

grande influência nas cartas e ensaios escritos, os quais, como foi dito, retratam as impressões do autor em relação a diversos acontecimentos do cotidiano. Esse capítulo se justifica pelo fato do autor ainda não ser muito conhecido no Brasil.

No segundo capítulo, é apresentada a tradução dos dois escritos de Foscolo aqui propostos – *Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo* e o *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*.

O terceiro capítulo é reservado à análise da tradução, com destaque para as características do texto, em especial para o uso de pronomes pessoais e formas de tratamento, a estrutura sintática das frases e a pontuação usada nos ensaios, bem como o estilo e o gênero, assim como a linguagem utilizada pelo autor. Serão observados aspectos como variações ortográficas, uso de arcaísmos e / ou coloquialismo nas expressões, formas de saudação, as abreviações, as letras (maiúsculas e minúsculas), dentre outros. A estrutura do texto foscoliano também terá espaço neste capítulo, pois o autor mesclou prosa e verso no mesmo texto, realizando citações de trechos de autores como Dante Alighieri e Francesco Petrarca. Desta forma, compreender as características da obra foscoliana em termos de estrutura e de estilística faz-se de grande importância para o trabalho aqui proposto, especialmente para compreender melhor a linguagem de Foscolo, bem como para tentar identificar em que medida essa se relacionava com a linguagem utilizada na época.

Como foi dito, os escritos de Foscolo podem contribuir para refletir sobre os aspectos sócio-históricos do período e das relações entre italianos e ingleses, uma vez que Foscolo, embora tenha deixado a península itálica, não a retirou de sua memória e procurou divulgar entre os ingleses os aspectos que considerava mais importantes. Foscolo, portanto, faz-se um mediador cultural de relevo entre os dois ambientes, aspecto este que procurarei mostrar no decorrer da dissertação.

Após a análise da tradução e dos textos de Foscolo, são feitas as considerações finais, contribuindo com a defesa de se estudar as obras de Ugo Foscolo no Brasil, visto que existem estudos concomitantes a este que procuram contemplar outras obras foscolianas, sempre com o intuito de valorizar o trabalho literário realizado pelo autor, que também foi agente político e disseminador de ideias em vida.

CAPÍTULO I

Entender por que Foscolo escreveu ensaios e quais as situações que o levaram a dissertar sobre determinados assuntos é primordial para que o tradutor da sua obra possa ter mais elementos disponíveis e também mais conhecimento para realizar uma tradução mais consciente. É essa compreensão sobre a vida de Foscolo no exílio inglês que este capítulo se propõe a trazer, para que a tradução dos dois ensaios escolhidos se aproxime o máximo possível do texto de partida.

1 FOSCOLO, UM ESCRITOR ENTRE DOIS MUNDOS

There was a period in the nineteenth century when a knowledge of the language and literature of Italy could almost be taken for granted among Englishmen of culture. The epic struggle for independence and unity sent many patriots into exile before their great aim was achieved¹⁸. (WICKS, 1968, p. xiii)

O conturbado período em que vivia a sociedade italiana do século XVIII e início do século XIX contribuiu para que, dentre os literatos de então, se destacasse Ugo Foscolo, nascido em terras gregas em 6 de fevereiro de 1778, mais precisamente em Zaquintos, nas Ilhas Jônicas, território que então pertencia à Veneza. Anos mais tarde, com a morte do pai, o veneziano Andrea Foscolo, a mãe, a grega Diamantina Spathis, levou a família para se estabelecer em Veneza, onde Foscolo teria intensa vida literária.

Desde a adolescência Foscolo manifestou vivaz interesse pelos estudos no campo da linguagem, além de ter sido seminarista da escola São Cipriano, em Murano, estudando boa parte do tempo de modo autodidata. Desde cedo, mostrou tendência em escrever cartas, algumas das quais foram publicadas em parceria com os mestres com quem tinha contato, como o abade Angelo Dalmistro, o juriconsulto Ubaldo Bregolini, além do sacerdote Giambattista Galliccioli, professor de grego. (NICOLETTI, 2006)

¹⁸ Houve um período no século XIX quando um conhecimento de língua e literatura da Itália poderia ser quase natural entre os ingleses de cultura. O esforço épico por independência e unidade enviou muitos patriotas ao exílio antes que seu objetivo fosse alcançado.

Nos primeiros anos vividos em Veneza, com conhecimento linguístico maior em grego que em italiano, Foscolo frequentou ambientes culturais da cidade, inserindo-se nos salões aristocráticos de Veneza. Desse período é também a elaboração do *Piano di Studi*, uma lista de projetos literários, leituras a serem feitas, obras concluídas e/ou em vias de conclusão, datado de 1796. (FERRONI et al, 2011)

Tais aspectos biográficos são destacados no intuito de mostrar como, desde cedo, Foscolo demonstrou ter um caráter irrequieto e, por vezes, indisciplinado. Para Nicoletti (2006) Foscolo apresentava um comportamento não convencional,

da lui stesso rievocato talvolta con una punta di compiacimento egoistico ma che, tipico di una età difficile, a cavallo tra infanzia e adolescenza, dovette ben presto tingersi di passione politica a seguito delle idee che giungevano d'oltralpe e che già avevano infiammato un'intera generazione di giovani intellettuali italiani.¹⁹ (NICOLETTI, 2006, p. 57)

Foscolo não acreditava que a metafísica devesse dominar a arte da escrita, numa referência à busca do *belo*, mas sim, que a literatura teria uma função social e acreditava que “o pensamento científico e racional não consegue dar conta do sentimento humano” (SIMONI, 2009, p. 39). Suas produções literárias eram sempre repletas de pensamentos não segmentados, plenos do caráter descritivista dos últimos anos do século XVIII. Especificamente quanto ao gênero epistolar, a falta de coesão era uma de suas características, bem como a não relevância da ordem das cartas, mas com importância para o caráter espontâneo, impulsivo e pleno de paixão que tais escritos carregavam. (BUONAFINA, 2006).

Foscolo mostrava-se pensativo sobre o mundo e sobre os modos de agir e pensar das pessoas, e era o seu olhar diante de um mundo que passava por mudanças, que permeava os seus escritos. O próprio Foscolo escreve, em uma de suas cartas, sobre o modo como escrevia e por que escrevia:

¹⁹ [...] por ele mesmo revogado certa vez com uma ponta de complacência egoísta mas que, típico de uma idade difícil, forçosamente entre a infância e adolescência, teve que, cedo, tingir-se de paixão política seguindo ideias que reuniam além das fronteiras e que já tinham inflamado uma inteira geração de jovens intelectuais italianos.

Io non so né perché venni al mondo, né come; né cosa sia il mondo; né cosa io stesso mi sia. Es'io corro a investigarlo, mi ritorno confuso d'una ignoranza sempre piú spaventosa. Non so cosa il mio corpo, i miei sensi, l'anima mia; e questa stessa parte di me che pensa ciò ch'io scrivo, e che medita sopra di tutto e sopra sé stessa, non può conoscersi mai.²⁰ (NICOLETTI, 2006, p. 114-5)



Figura 1 – Retrato de Ugo Foscolo
Fonte: Le MalaBlogger, 2015

Os temas caros a Foscolo giravam em torno de aspectos como a defesa dos elementos do mundo antigo, a defesa da história literária e da necessidade de se formar uma nação italiana; a crítica à sociedade de então e seus hábitos, dentre outros, que o colocam entre o mundo neoclássico e o mundo romântico. Para Nicoletti, o neoclassicismo em

²⁰ “Eu não sei nem por que vim ao mundo; nem como; nem o que seja o mundo; nem o que eu mesmo seja. E se parto a investigá-lo, retorno confuso de uma ignorância sempre mais assustadora. Não sei o que o meu corpo, os meus sentidos, a minha alma; e esta mesma parte de mim que pensa isso que eu escrevo, e que medita sobre tudo e sobre si mesma, não se pode conhecer nunca.”

Foscolo não é aquele envolto em academicismos, mas sim, uma escrita repleta de uma cultura clássica inovadora, trazendo uma nova ideia de poesia lírica, “esemplata essenzialmente sull’esperienza dei ‘poeti greci e latini”²¹. (NICOLETTI, 2006, p. 19)

Por outro lado, aspectos do romantismo na sua obra são evidenciados através do “tema dell’amore infelice e non corrisposto”²² (NICOLETTI, 2006, p. 45). Além do mais, não é difícil encontrar traços autobiográficos em suas obras, com confissões de impulsos seus, forte marca do estilo foscoliano. (NICOLETTI, 2006). Foscolo foi, portanto, um escritor que viveu entre as tendências classicistas e românticas (e pré-românticas). Como afirma Carpeaux (1985, p. 793):

Entre o pré-romantismo e o romantismo existe uma diferença fundamental: o pré-romantismo é caracterizado pelo desenvolvimento de novas capacidades, psíquicas, da sensibilidade para conquistar aspectos até então ignorados do mundo exterior, da natureza e das relações sociais; o romantismo pretende conquistar novos mundos interiores – o seu terreno de predileção é o sonho.

Apesar da definição de Carpeaux ser bastante ampla, pois não contempla, por exemplo, a diversidade de “classicismos” e, em especial, dos diversos “romantismos” europeus e mesmo italianos, a definição do crítico é importante para situar o autor. Também é válida para estabelecer a diferença entre “romantismo” e “pré-romantismo”: de fato, não se pode confundir pré-romantismo como o período que precedeu o romantismo, visto que aquele é permeado de uma nova sensibilidade poética, mais íntima da natureza, com inclinações religiosas e místicas, “regado de sentimentalismo, revolta contra as convenções estéticas do classicismo, gosto pela poesia popular e primitiva – enfim, uma mentalidade que oscila entre tristeza melancólica e protesto revolucionário” (CARPEAUX, 1985, p. 914)

Já a respeito do romantismo, é oportuno, ainda, ressaltar que o escritor romântico possui um sentimento de ruptura consigo mesmo, buscando originalidade, o inesperado, ou como afirma Baudelaire (1846, apud CLAUDON, 1986, p. 179), “não é precisamente na escolha dos assuntos nem na verdade exacta que se situa o Romantismo, mas sim no modo de sentir”. No caso dos textos de Foscolo que se constituem o

²¹ “[...] exemplificada essenzialmente na experiência dos ‘poetas gregos e latinos’.

²² “[...] tema do amor infeliz e não correspondido.”

foco desta dissertação, é importante destacar que a forma de sentir a sociedade e a vida em Foscolo passa pela utilização da ironia, com uma sinceridade intensa em seu epistolário ao narrar os fatos rotineiros, quer seja da sociedade italiana, quer seja da inglesa. Ironia, aqui, segundo o Vocabolario Treccani (2015), entendida como “la dissimulazione del proprio pensiero (e la corrispondente figura retorica) con parole che significano il contrario di ciò che si vuol dire, con tono tuttavia che lascia intendere il vero sentimento”²³.²⁴ Foscolo centra sua produção literária no seu próprio ponto de vista a respeito dos fatos que o circundam. Portanto, o romantismo foscoliano pode ser visto como “uma questão de temperamento, o resultado de uma individualidade” (CLAUDON, 1986, p. 187). Nesse sentido, a consciência nacional contribuía para que o escritor se enquadrasse ainda mais nos ideais românticos de então.

É válido conceituar o que seria a consciência nacional na poética foscoliana, pois a italianidade do escritor provinha do sentir-se “<<italiano d’educazione e d’origine>> che non può certo cancellare quella greccità di origine, di sangue e di latte insieme”²⁵ (VERDENELLI, 2007, p. 19). Assim, a identidade grega não se sobreponha à italiana, nem esta à primeira, pois cada uma possuía lugar reservado na história de Foscolo, fosse por sentimento, fosse por consciência política. Foscolo, ao mesmo tempo em que é incluído entre os românticos do período por parte da crítica literária, procurou se manter afastado destes, pois a tradição erudita neoclassicista fazia-se presente em suas obras. O Mundo Antigo predominava em seus textos, o desejo por uma pátria livre e unificada era motivo de seus escritos, de seus discursos. O classicismo de Foscolo possui traços de suas raízes setecentescas, não sendo um “classicismo freddo e accademico, certamente, ma nemmeno classicismo iluminista malgrado le intenzioni didascaliche e

²³ O tema Ironia será retomando no capítulo sobre a análise da tradução.

²⁴ “A dissimulação do próprio pensamento (e a correspondente figura retórica) com palavras que significam o contrário daquilo que se quer dizer, com tom, entretanto, que dá a entender o verdadeiro sentimento.” Texto disponível em <<http://www.treccani.it/vocabolario/ironia/>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

²⁵ “<<italiano de educação e de origem>> que não pode certamente apagar aquela greccidade de origem, de sangue e de leite juntos.”

allegorizantes das *Grazie*²⁶, afirmação do crítico literário italiano Sebastiano Timpanaro (apud NICOLETTI, 2006, p. 18).

A ode *A Luigia Pallavicini* é exemplo de obra neoclássica dentre os escritos de Foscolo, assim como *La Chioma di Berenice*, ambos retomando o ideal clássico grego e latino. Como afirma Verdenelli (2007), a mitologia de Foscolo é aquela que “prima di arrivare a questo risultato [palavras impulsivas e gritos da paixão], che può apparentemente dare l’idea di una minore inarcatura politico-civile della scrittura, passa attraverso un denso intreccio e sostrato di biografia, di storia, di cultura [...]”²⁷ (VERDENELLI, 2007, p. 151). O estilo neoclássico foscoliano possui estreita relação com o imediatismo da vida, inspirando-se em uma sensibilidade artística que, segundo Verdenelli (2007), dá luz nova e diferente às coisas, com formas literárias incompletas e abertas, típicas da escrita neoclássica de Foscolo.

A chegada do Romantismo começou, na Itália, como “um movimento político a tal ponto que os Austríacos deportam Pellico, incomodam Foscolo e Berchet, enquanto Manzoni permanece livre, ou Canova e Rossini são festejados oficialmente” (CLAUDON, 1986, p.14). Luzzi (2012) identifica quatro características fundamentais para o Romantismo italiano, sendo elas o peso da antiguidade, a alta cultura e a identidade nacional, o imaginário religioso e a resistência à modernidade. Ainda, Luzzi (2012, p. 21) afirma que “nessun altro italiano fu inoltre più influente di lui [Foscolo] nel diffondere la causa della letteratura italiana in Europa”²⁸. Foscolo, pois, se aproximaria da tradição erudita do século XVIII, especialmente de uma “prassi interpretativa di respiro storico”²⁹, inspirada em Giuseppe Vico, e “insieme con questa, un’attenzione alle strutture formali del testo che è tipico portato della più eletta cultura neoclassica”³⁰. (NICOLETTI, 1978 apud SIMONI, 2009, p. 54)

²⁶ “-Classicismo frio e acadêmico, certamente, muito menos classicismo iluminista malgrado as intenções didáticas e alegorizantes das *Grazie*.”

²⁷ “[...] antes de chegar a este resultado, que pode, aparentemente, dar a ideia de uma menor curvatura político-civil da escrita, passa através de um denso entrelace e substrato de biografia, de história, de cultura [...]”

²⁸ “Nenhum outro italiano foi, além disso, mais influente do que ele no difundir a causa da literatura italiana na Europa.”

²⁹ Práxis interpretativa de respiro histórico.

³⁰ “[...] e junto a esta, uma atenção às estruturas formais do texto que é típico trazido da mais eleita cultura neoclássica.”

O romantismo, enquanto escola literária, apresenta-se na prosa e nos versos do autor de Jacopo Ortis com grande inspiração que se traduz sempre num lirismo retórico, cantando “o poder do ideal, o futuro radioso” (CLAUDON, 1986) do escritor romântico. Este lirismo retórico acaba por transformar o romance romântico, nos limites do romantismo interior, confundindo o autor com o herói ao longo da narrativa. Foscolo faz isso com Jacopo Ortis, por exemplo (CLAUDON, 1986, p. 192). O autobiografismo aparece neste período também e o autor *didimeo*³¹ impregna-se dessa característica romântica. Para Claudon (1986), as semelhanças entre Foscolo e Jacopo Ortis são explícitas, pois o *eu* do autor chega a confundir-se com o herói da história, sendo um recurso narrativo ou porque assim o quis o escritor.

O autobiografismo aparece sob duas formas: uma, com características fisionômicas; a outra, sob um viés cultural. Há dois registros epistolares, pelo menos, que se enquadram nesse autorretrato foscoliano: com características culturais, datada de 29 de setembro de 1808 e endereçada ao ex-cônsul prussiano em Roma e diplomata alemão Jakob Salomo Bartholdy, expressando a contrariedade à Napoleão Bonaparte, o autor escreve com fortes tendências nacionalistas, como descrito na referida carta, de número 667, *Epistola I*:

Quantunque italiano d'educazione e d'origine, e deliberato di lasciare in qualunque evento le mie ceneri sotto le rovine d'Italia anzichè all'ombra delle palme d'ogni altra terra più gloriosa e più lieta, io, finchè sarò memore di me stesso, non oblierò mai che nacqui da madre greca, che fui allattato da greca nutrice e che vidi il primo raggio di sole nella *chiara e selvosa Zacinto*, risuonante ancora de' versi con che Omero e teocrito la celebravano.³² (FOSCOLO, 1808 apud VERDENELLI, 2007, p. 15-6)

³¹ Referência ao pseudônimo do escritor: *Didimo Chierico*. Expressão será melhor explanada nos parágrafos que seguem.

³² “Ainda que italiano de educação e de origem, e deliberado em deixar em qualquer evento as minhas cinzas sob as ruínas da Itália ao invés de, à sombra das palmas de cada outra terra mais gloriosa e mais leda, eu, até que eu me lembre de mim mesmo, não esquecerei nunca que nasci de mãe grega, que fui amamentado por ama de leite grega e que vi o primeiro raio de sol na *clara e selvosa Zaquintos*, ressoante ainda dos versos com que Homero e Teócrito a celebravam.”

Já referindo-se ao autorretrato com tendências fisionômicas, o autor envia a *Lettera 5* ao amigo Gaetano Fornasini, em maio de 1795, dizeres como “Di volto non bello ma stravagante, e d’un’aria libera, di crini non Biondi ma Rossi, di naso aquilino e grosso ma non picciolo e non grande, d’occhi mediocri ma vivi, di fronte ampia, di ciglia bionde e grosse e di mento ritondo. La mia statura non è alta [...]”³³ (FOSCOLO, 1795, p.12 apud VERDENELLI, 2007, p. 15). É perceptível a diferença do autobiografismo do escritor ao compararmos as epístolas: enquanto na primeira o sentimento de pátria, um olhar cultural predomina nas palavras do autor, a segunda carta dedica-se a descrever características físicas suas, como numa espécie de desabafo mental através do corpo físico.

Em relação ao escritor *didimeo*, como referido acima, Nicoletti (2006, p. 217) traz uma reflexão acerca do pseudônimo utilizado pelo escritor:

[...] Chi è dunque Didimo Chierico? Desunto il nome da quello di un antico grammatico alessandrino, Didimo viene comunemente considerato, per una sua innegabile, seppure fantasticata, proiezione autobiografica, una sorta di controparte rispetto all’appassionata e tragica figura di Jacopo Ortis: intanto per l’aspetto esteriore lui che <<vestiva da prete>> senza però aver mai assunto <<gli ordini sacri>> e compiacendosi invece <<della compagnia degli uomini militari>>³⁴.

Foscolo utiliza-se do caráter *didimeo* para dar um tom quixotesco, irônico aos seus textos. *Didimo* conhece o escritor em suas profundezas, sabe de seus gostos, de seus pensamentos, é íntimo do escritor, como lemos no trecho retirado de *Lettera Sulla Moda*, escrita no exílio inglês:

³³ “De vultu não belo, mas extravagante, e de um ar livre, de cabeleira não Loira, mas Vermelha, de nariz aquilino e grosso, mas nem pequeno nem grande, de olhos medíocres mas vivos, de testa ampla, de cílios loiros e grossos e de queixo redondo. A minha estatura não é alta.”

³⁴ “[...] Quem é, pois, Didimo Chierico? Trazido o nome de um antigo gramático alexandrino, Didimo é, comumente, considerado, por uma sua inegável, se não fantástica, projeção autobiográfica, um tipo de contraparte em relação à apaixonada e trágica figura de Jacopo Ortis: nesse meio-tempo pelo aspecto exterior ele que <<se vestia de padre>> sem, porém, nunca ter assumido <<as ordens sacras>> e aproveitando-se, ao invés, << da companhia dos homens militares>>.”

Ma qui si tratta del nostro secolo di mode e di baci
— e tu sî Didimo Chierico amico mio! tu ne
sapevi più d'Anacreonte.

Voi di certo, caro Contino, non potete conoscere
l'amico mio Didimo: appena è conosciuto da me e
da tre o quattro altri³⁵. (FOSCOLO, 1978, p. 49-
50)

A estreita relação de Foscolo com Didimo Chierico fica explícita no excerto acima, principalmente quando Foscolo dá a entender que Didimo faz parte de seu círculo de amizades íntimas.

Seguindo com a caracterização literária de Foscolo, D'Onofrio (2002) põe o escritor de *Gazzettino del Bel Mondo* como pertencente à classe dos românticos revolucionários desafiando os quietistas ou reacionários, sendo estes os que viviam do lirismo, do ideal romântico. Ainda para D'Onofrio, o autor fazia parte da classe que questionava os valores éticos e religiosos, estando entre aqueles que se dedicavam “a amores licenciosos, ao álcool, ao ópio, a viagens em regiões exóticas, praticando até o suicídio (o “mal do século”), como forma de fuga da realidade castradora de suas aspirações”. (D'ONOFRIO, 2002, p. 328)

Na última década do século XVIII, Foscolo coloca em sua obra um tom mais politizado, deixando uma poesia patriótica e com inspiração político-revolucionária “che, a partire dai primi anni Novanta, prende corpo di conserva con le prime vittorie napoleoniche e dunque con il costituirsi anche in Italia di gruppi e *clubs* democratici”.³⁶ (NICOLETTI, 2006, p. 59)

Em Bolonha, neste período, Foscolo dá vida ao primeiro *Ortis*, do romance *Jacopo Ortis*, revelando seu olhar político-civil, assim como escreve *A Bonaparte Liberatore*, *Ai novelli repubblicani* e *A Venezia*, todos em defesa de uma pátria republicana, mostrando, ainda uma posição em defesa da política napoleônica. (VERDENELLI, 2007, p. 111)

O caráter sociológico da poética foscoliana constitui parte do pensamento do escritor sobre o papel da literatura na sociedade, o que

³⁵ “Mas aqui se trata do nosso século de modas e de beijos – e tu, sim, Clérigo Didimo, amigo meu! tu sabias disso mais que Anacreontes. O senhor, certamente, caro Condinho, não pode conhecer o meu amigo Didimo: é conhecido somente por mim e outros três ou quatro.”

³⁶ [...] que a partir dos primeiros anos Noventa, junta-se às primeiras vitórias napoleônicas e, pois, com o constituir-se também na Itália de grupos e *clubs* democráticos.

pode ser encontrado, por exemplo, em *Ipercalisse*, escrita entre 1815 e 1816, em Zurique, na qual o autor diz que “[...] io mi studiava che tutte le mie scritture sotto apparenza di versi e romanzi e pedanteria di letteratura e di tattica e profezie e bizzarrie d’immaginazioni, corressero tuttavia a una mèta politica e all’utilità della Italia”.³⁷ (FOSCOLO, 1962, p. 140, apud NICOLETTI, 2006, p. 15)

Tal caráter sociológico defendido por Foscolo é o que Candido aponta como o papel social da literatura ao afirmar que o escritor, “numa determinada sociedade, é não apenas o *individuo* capaz de exprimir a sua originalidade”, mas sim, aquele que desempenha “um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores”³⁸. (CANDIDO, 2011, p. 83-4)

No meu entender, o papel social de Foscolo, na maioria das vezes, foi o de voz libertária e unificadora de uma nação o que, para ele, provinha de uma *forza d’animo* que o impulsionava a acreditar numa pátria, como cita em uma de suas cartas endereçada a Giambattista Giovio, datada de 19 de outubro de 1813:

Aristippo diceva: <<nessuna terra m’è patria>>; Socrate meglio: <<ogni terra m’è patria>>; ma il meglio sta nelle nude parole. Per me mi credo creato abitatore d’un solo spazio di terra, e concittadino d’un numero determinato d’altri mortali; e s’io non ho patria, l’anima mia cade avvilita. Però vivo sconsolatamente e la mia forza interna mi giova poco, ora che vedo in nuovi pericoli d’usurpazione, di devastazioni, di concussioni, di sangue e persecuzioni d’innocenti o d’incauti questa cara e misera Italia.³⁹

³⁷ [...] eu me esforçava para que todas as minhas escrituras sob aparência de versos e romances e teimosices de literatura e de tática e profecia e bizarrices de imaginação fossem, contudo, para uma meta política e para a utilidade da Itália.

³⁸ CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de Teoria e História Literária. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 83-4.

³⁹ “Aristipus dizia: <<nenhuma terra é minha pátria>>; Sócrates melhor: <<toda pátria me é pátria>>; mas o melhor está nas palavras nuas. Para mim, creio ser criado habitante de um só espaço de terra e concidadão de um número determinado de outros mortais; e eu não tenho pátria, a minha alma cade abatida. Porém, vivo desconsoladamente e a minha força interna pouco me ajuda, agora que vejo em novos perigos de usurpação, de

(FOSCOLO, 1813, p. 395 apud NICOLETTI, 2006, p. 17)

Esse olhar observador que o escritor possui e divulga por meio de sua obra pode ser vista como uma forma de transformação “presente na sociedade e na política de maneira ativa”, fazendo lembrar a ideia de “intelectual como o indivíduo que percorre o mundo onde vive, revista, recolhe, para então compreender, reconhecer, perceber” para conseguir efetuar mudanças na sociedade. (SIMONI, 2009, p. 40)

Nos escritos de Foscolo podem ser encontrados, como poucos do século XVIII, “tutta una serie di motivi e di caratteri che potranno ritrovarsi a fondamento dell’identità nazionale”⁴⁰ (NICOLETTI, 2006, p. 17). O caráter político dos escritos do autor, com referências e reflexões a respeito da função da literatura, pode ser percebido em *Lettere scritte dall’Inghilterra*, que, como foi dito, trata-se de um epistolário datado entre os anos 1816 e 1818, publicado postumamente sob o nome de *Gazzettino del bel mondo* e *Lettera Apologetica*⁴¹.

O século XVIII foi um período em que “filósofos e políticos pensaram e realizaram reformas arrojadas, que prepararam os estados modernos” (TOSTO, 1962, p.161). O século XVIII teve, como citado, diversas reformas na sociedade, como no campo pedagógico, com um aumento de escolas públicas, assim como a fundação de jornais e revistas. Neste período, conforme aponta Tosto, “os costumes não foram os melhores possíveis, mas contra o chichisbeísmo, que solapava a instituição familiar, levantaram-se homens de grande prestígio moral, como por exemplo, Giuseppe Parini” (1962, p. 163), homem admirado por Foscolo.

devastações, de sustos, de sangue e perseguições de inocentes ou de incautos esta cara e miserável Itália.

⁴⁰ “Toda uma série de motivos e caracteres que poderão reencontrar-se para fundamento da identidade nacional italiana.”

⁴¹ Obra destinada a ser publicada como premissa à edição da *Commedia di Dante* que Foscolo pretendia finalizar em 1824 para o editor Pickering. O texto de *Lettera Apologetica*, rascunhado mas incompleto, foi depois encontrado por Giuseppe Mazzini em 1840, em seu exílio em Londres, quando consultou Pickering sobre escritos foscolianos. O texto foi impresso na edição foscoliana *Scritti politici inediti e i tempi*, organizada por Mazzini e publicada em Lugano em 1844 (TATTI, s/d). Disponível em: <<http://www.internetculturale.it/opencms/directories/ViaggiNelTesto/foscol/o/b26.html>>. Acesso em: 04 out. 2016.

Ainda, afirma Tosto que o século XVIII pode ser considerado um período de contrastes, tendo sido ao mesmo tempo “arcádico e revolucionário, metastasiano e alfieriano”, além de ter sido “sério e trágico, sentimental e racionalista, sonhador e ativo, aristocrático e social, cosmopolita e patriótico” (1962, p. 164). As últimas características que Tosto utiliza para fazer referência ao século XVIII podem ser usadas para descrever Foscolo e sua ação enquanto mente pensante e autor de obras que ensejavam uma pátria italiana unificada e, ao mesmo tempo, lutando pela sua liberdade.

Tosto afirma também que os românticos do período consideravam os filósofos e os homens cultos de então muito cosmopolitas, além de os acusarem de terem esquecido a Itália. Na concepção do crítico, isso não teria sido verdade, pois escritores da época, como Parini e Alfieri, foram grandes defensores da italianidade, assim como Foscolo, cujas obras estariam carregadas de ensejos nacionalistas. Deste feito, percebe-se que, mesmo com características cosmopolitas, tais homens foram defensores de um nacionalismo exacerbado, em defesa da Pátria italiana: “Alfieri, em especial, foi mestre de italianidade, e seu amor pela liberdade e independência da Itália fez com que se tornasse um heroico precursor do Ressurgimento italiano”, assim como Foscolo o foi. (TOSTO, 1962, p. 164)

A variedade de obras escritas por Foscolo, assim como os temas presentes em seus textos, demonstram o impulso do autor em escrever e descrever a pátria italiana e sua importância para toda a Europa, além de realizar críticas sobre a realidade política vivida então.

Vale lembrar que ainda no século XVIII, período que teria fortes modificações sociais e culturais, além da Revolução Industrial, aconteceu também a Revolução Francesa (1789), com os ideais de “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. (D’ONOFRIO, 2002). Foscolo viveu entre fins do século XVIII e início do XIX, portanto, fruto de diversos processos históricos considerados importantes. Tal conjuntura fez com que o homem romântico apresentasse aspectos contraditórios, como afirma D’Onofrio (2002, p. 329):

Devido ao conflito insuperável entre o ideal inacessível e o real aviltante, procura-se ou a fuga na solidão e na morte ou a luta para modificar a realidade, ou um suave lirismo ou uma amarga ironia, ou a simplicidade popular ou um refinado individualismo.

A estética romântica e a estética clássica compartilharam dos acontecimentos da segunda metade do século XVIII e influenciaram no declínio

da concepção da arte como imitação da realidade exterior e no reconhecimento da expressão dos sentimentos. Não podemos afirmar que houve a repentina ruptura dos ideais clássicos para a abertura das tendências românticas, mas sim, que houve uma espécie de osmose dentro das tendências estéticas de então. Enquanto o Classicismo trazia objetivismo, condicionamento, razão, contemporaneidade, otimismo, nobreza e sobriedade, o Romantismo vinha com uma proposta ligada ao subjetivismo, à liberdade de expressão, ao sentimentalismo, ao historicismo, ao pessimismo, à burguesia, ao mundo fantástico, à embriaguez e à natureza. Diante de tantas tendências, viam-se escritores permeados de ambas as estéticas, como numa espécie de transição, de mudança. (D'ONOFRIO, 2002)

Para concluir a nossa passagem pela vida e pelas ideias de Foscolo, é válido lembrar que, em 1824, por motivo de dívidas, o escritor foi preso (NICOLETTI, 2006). Além dos problemas financeiros, a hidropisia, doença que o levaria à morte dois anos depois, piorava, fazendo com que a única filha do escritor, Floriana, visse dissipadas as suas economias. Sobre esse período, é válido destacar que,

incapace di amministrare a dovere il ricavato delle sue collaborazioni e dei suoi lavori editoriali, il poeta si trova piú volte nella condizione di dover cambiare il proprio domicilio londinese e, dai quartieri residenziali come Kensington e Saint John's Wood, [...], è costretto negli ultimi tempi a ridursi in una modesta casetta del villaggio suburbano di Turnham Green.⁴² (NICOLETTI, 2006, p. 37)

A morte chegou a Foscolo aos 27 de setembro de 1827, com 49 anos de idade, na cidade inglesa de Turnham Green. Após 44 anos de sua morte, por decisão do governo italiano, o literato recebeu um túmulo na igreja de Santa Croce, em Florença, igreja esta citada na obra *Dei Sepolcri*, local de sepultamento de homens como Galileu Galilei e Vittorio Alfieri.

Todos esses fatos da vida de Foscolo serviram para que eu, particularmente, pudesse me impregnar um pouco das experiências vividas pelo autor para transportá-las ao texto de chegada, sendo por meio de arcaísmos, expressões não muito utilizadas nos dias de hoje, e

⁴² [...] incapaz de administrar por dever o obtido de suas colaborações e dos seus trabalhos editoriais, o poeta se encontra mais vezes na condição de ter de trocar o próprio domicílio londrino e, dos bairros residenciais como Kensington e Saint John's Wood, [...], foi obrigado nos últimos tempos a reduzir-se em uma modesta casinha do vilarejo suburbano de Turnham Green.

ou situações rotineiras vivenciadas no século de quando o autor escrevera, dentre outras situações. Saber de onde veio, como viveu e por que se comportava de tal ou qual maneira é algo que muito me auxiliou na escritura da tradução dos ensaios foscolianos. Como o próprio autor afirma ao realizar uma tradução de *Viagem Sentimental de Yorick*, de Lawrence Sterne: “Faccio ora stampare a Pisa il Viaggio Sentimentale ch’io aveva già tradotto per me; ma ora dovendolo tradurre agli altri, l’ho ritradotto, e mille volte rifatto, e lambiccato e corretto e ricorretto.”⁴³ (FOSCOLO apud BUONAFINA, 2006, p. 54).

Como o próprio Foscolo escreveu, ao realizar uma tradução é preciso que o tradutor reflita sobre suas escolhas e, ao traduzir um texto para outras pessoas, sendo, pois, diferente de traduzir para si próprio, faz-se necessário rever escolhas a fim de que o texto fique o mais parecido possível com a obra de partida bem como com o pensamento do autor. E mais: “né io scrivo verso senza prima imbevermi a mio potere delle dottrine di tanti scrittori intorno ad Omero”⁴⁴ (VICENTINI, 2005 apud BUONAFINA, 2006, p. 54), escreveu Foscolo ao traduzir a *Ilíada*, de Homero, escritor citado nos ensaios foscolianos por diversas vezes.

Ao tratar Foscolo como escritor entre dois mundos, faço referência ao fato de o autor circular pelas culturas inglesa e italiana, versando sobre ambas como numa espécie de conversa acerca de tais sociedades, universos aparentemente distintos. *Entre dois mundos* é o que parece acontecer na vida de Foscolo, estando em solo inglês e comparando com os hábitos italianos, colocando o seu ponto de vista em relação ao cotidiano vivenciado pelo autor, tornando-se um tradutor cultural, pois para os ingleses, conhecer um pouco mais sobre a Itália era grande honra, assim como para os italianos saber o que se passava no dia a dia inglês também era importante. Desta forma, partimos para uma análise sobre a literatura de Foscolo no exílio inglês.

1.1 A LITERATURA DE FOSCOLO NO EXÍLIO

Seguindo a linha nacionalista e descontente com a situação por que passava a Itália, mesmo após a queda do império de Napoleão, em

⁴³ Mando imprimir agora em Pisa a Viagem Sentimental que eu já havia traduzido para mim; mas agora tendo de traduzir aos outros, eu a retraduzi, e mil vezes refiz, e quebrei a cabeça e corrigi e recorrigi.

⁴⁴ [...] nem eu escrevo verso sem antes me impregnar das doutrinas de tantos escritores relacionados a Homero.

1815, “e poco prima di prestare giuramento all’Austria, nella sua qualità di ufficiale del Regno Italico, nella notte fra il 30 e il 31 marzo 1815, [Foscolo] varca clandestinamente (e definitivamente) il confine della Svizzera”⁴⁵ (NICOLETTI, 2006, p. 34). Ali, permaneceu por pouco mais de um ano, chegando, em 12 de setembro de 1816, a Londres, tendo recebido grande acolhida da sociedade inglesa da época.

Antes de rumar para a Inglaterra, Foscolo exilou-se na Suíça, onde passou por grande dificuldade, sendo mantido por amigos e por uma “donna gentile”. Passou por várias cidades, publicou, em Zurique, nova redação de *Ortis* até decidir rumar para a Inglaterra (FERRONI et al, 2003, p. 568). Ali, parece ter alcançado novo vigor literário, possibilitando-lhe diferentes criações, tais como as cartas. Neste período, o cruzamento de modelos literários e ideológicos diversos conseguiu alternar a simplicidade e a estrutura dos escritos, num momento de superação e de amadurecimento graças ao tempo e à experiência vivida. (PALUMBO, 1994)

Esse comportamento o fez partir rumo ao “bel mondo”, referência à Inglaterra e que seria, durante sua estada em Londres, motivo de criação de um *Gazzettino*, reunindo suas impressões acerca do país inglês.

A chegada de Foscolo à Inglaterra deu-se em meados de 1816 e a recepção por ele obtida é descrita por alguns estudiosos, como Nicoletti (2006), que narra as primeiras impressões do autor diante da sociedade inglesa da época, como descrito a seguir:

[...] la prima impressione della società inglese è per lui quanto mai favorevole e già a dieci giorni dal suo arrivo viene accolto in Holland House dove fa la conoscenza di molti letterati e politici inglesi, e fra questi dell’editore John Murray presso il quale, nell’aprile 1817, ristampa le *Ultime Lettere di Jacopo Ortis*, facendole seguire da un’appendice che accoglie *Alcuni capitoli del “Viaggio Sentimentale”*. Si reca quindi in visita William Stuart Rose, già conosciuto in Italia due anni prima, ed entra in amicizia con lo scrittore Roger Wilbraham. Rinasce frattanto in lui, a far datar dall’autunno 1816, quella vena di scrittore didimeo, carica di

⁴⁵ [...] pouco antes de prestar juramento à Áustria, na qualidade de oficial do Reino Itálico, na noite entre 30 e 31 de março de 1815, [Foscolo] ruma clandestinamente (e definitivamente) para a fronteira da Suíça.

un superiore sorriso d'ironia, che dà il tono all'opera di creazione più significativa di questo periodo, la raccolta incompiuta delle *Lettere Scritte dall'Inghilterra*.⁴⁶ (NICOLETTI, 2006, p. 35)

A partir das descrições encontradas da acolhida de Foscolo na Inglaterra, tem-se a impressão de que ele fora amparado pela mais abastada classe, especialmente por pessoas interessadas na própria pessoa de Foscolo, cuja fama já chegara a solo inglês, motivação esta que corroborou com a boa recepção do autor.

Nas palavras de D'Onofrio e Wicks, a *Holland House* é vista como um ponto de referência de Foscolo na Inglaterra, casa esta que fora construída em estilo elisabetano ou jacobino em 1605 para o diplomata Sir Walter Cope, tendo também sido denominada “Cope House”. No século XIX, *Holland House* passou a ser lugar de encontro dos *Whigs*, como Wicks (1968) afirma, a chamada *Whig Society*. A sociedade Whig era aquela que adotava o *Whiggism* como uma espécie de filosofia política a qual prega (ou pregava) a supremacia do Parlamento em oposição à Monarquia, tolerância aos opositores do Protestantismo, além de ser contrária à ascensão do catolicismo ao trono. (KELLY, 2013)

A mansão *Holland House*, no condado de Kensington, centro de Londres, era ponto de encontro de literatos e artistas da época, de pessoas da chamada oposição, neste caso, os Whigs. Segundo relata Kelly,

[...] The house itself, a palatial red-brick Jacobean mansion, was destroyed beyond repair in the last year, but the seated statue of its best-known owner, the third Lord Holland, still marks the

⁴⁶ [...] a primeira impressão da sociedade inglesa é, para ele, mais do que nunca, favorável e já há dez dias da sua chegada vem sendo acolhido na *Holland House* onde está conhecendo muitos literatos e políticos ingleses, e entre esses editores John Murray junto ao qual, em abril de 1817, reimprime as *Últimas Cartas de Jacopo Ortis*, fazendo seguir por um apêndice que acolhe *Alguns capítulos do “Viagem Sentimental”*. Conduz-se, então, em visita a William Stuart Rose, já conhecido na Itália dois anos antes, e entra em amizade com o escritor Roger Wilbraham. Renasce, nesse ínterim nele, a datar-se no outono de 1816, aquela veia de escritor didimeio, carregado de um sorriso de ironia superior, que dá o tom à obra de criação mais significativa deste período, a coletânea incompleta das *Cartas Escritas da Inglaterra*.

meeting point of four main avenues, looking out across lawns towards the remains of his former home.⁴⁷ (2013, p. 1)

Foscolo havia sido recepcionado por tal grupo pelo fato de sua fama enquanto escritor ter alcançado solo inglês antes mesmo de sua chegada. O grande e sempre lotado salão da Holland House o acolheu como uma espécie de escolha para fazer parte da comunidade Whig, a fim de que pudesse, também, por meio de sua literatura, defender os seus interesses, como mostram Newman e Brown (1997) ao escreverem que “guests were chosen to represent an interesting mixture of science, literature, art, and politics”⁴⁸ (NEWMAN; BROWN, 1997, p. 335), e Foscolo estava entre tais convidados. O interesse dos ingleses nas artes europeias colaborou para que Foscolo tivesse boa acolhida nesse momento.

A chegada de Foscolo à Inglaterra é apontada por Wicks (1968) no trecho a seguir, mostrando que a roda de amizades do escritor era bastante abastada e que ele teria sido bem acolhido pelos cidadãos ingleses, principalmente pelos *Whigs*. Vejamos:

From shortly after his arrival until the following May or June, Foscolo was a most frequent visitor at Holland House. His brilliant conversation was another ornament to the famous circle, and Lady Holland's kindness to him made him a ready victim to the charm of her extraordinary personality. ***Lord Holland expressed later to Roger Wilbraham that he considered him the man of greatest value he had ever met in all his life.*** He received him with signal attention as a man of letters, but it was as a victim of a despotic government that he was taken up and fêted and lionized by the rest of Whig society.⁴⁹ (WICKS, 1968, p.7, negritos meus)

⁴⁷ “[...] A casa, uma mansão palaciosa do período Jacobino com tijolos avermelhados, foi destruída na última guerra, mas a estátua de seu mais conhecido proprietário, o terceiro Lord Holland, ainda marca o ponto de encontro das quatro principais avenidas, espreitando os gramados em direção às lembranças do primeiro lar.”

⁴⁸ “convidados eram escolhidos para representar uma mistura interessante de ciência, literatura, arte e política”.

⁴⁹ “Logo após sua chegada até os meses de maio ou junho seguintes, Foscolo era um dos visitantes mais frequentes na Holland House. Sua conversa brilhante era outro ornamento ao famoso círculo, e a ternura de

Wicks (1968) também afirma em seu livro *The Italian exiles in London*⁵⁰ que, na Inglaterra, Foscolo parecia possuir duas faces: uma, com suas dificuldades financeiras; outra, com a pompa sustentada, principalmente, por Lord e Lady Holland, sendo a segunda face a que Foscolo escolhera para apresentar ao mundo. Defende Wicks a respeito da atitude do autor: “In judging the society which received him with such extravagant warmth, only to desert him later when his circumstances were becoming increasingly difficult, we must keep before us the fact that from the first Foscolo’s position had been a false one”⁵¹ (1968, p. 6). Ou seja, a recepção tida pelo escritor em terras inglesas teria sido meramente por interesse da classe abastada que ansiava pela cultura italiana, visto que a posição da Holland House, à época, mostrava-se única, além do mais, “the liberal policy of extending protection to all sufferers in the cause of liberty found supreme expression in the lavish hospitality dispensed there [na Holland House]”⁵² (WICKS, 1968, p. 7).

Na Inglaterra, Foscolo teve contatos com nomes como o do poeta inglês William Stewart Rose, com quem teve longas discussões sobre literatura inglesa e italiana. O autor de Jacopo Ortis recebeu uma carta de apresentação escrita por Lord Holland a fim de entregar aos editores ingleses Longman, além de outra carta de recomendação da parte de Rose para o editor John Murray. Com Murray houve acordo para uma série de cartas sobre “Costumes, Literatura e História Política da Inglaterra e da Itália” para serem publicadas em três volumes. Deste

Lady Holland para com ele o fizeram uma vítima pronta para o charme de sua [da Lady] personalidade extraordinária. Lord Holland expressou, mais tarde, a Roger Wilbraham que ele o considerava o homem de maior valor que ele teria conhecido em toda sua vida. Ele o recebeu com tamanha atenção como um homem de letras, mas era uma vítima de um governo despótico que ele havia aceitado e festejado e lisonjeado pelo resto da sociedade Whig”.

⁵⁰ WICKS, Margaret Campbell Walker. **The Italian exiles in London**. Freeport, NY: Books for Libraries Press, 1968.

⁵¹ “Ao julgar a sociedade que o recebeu com tamanha extravagante simpatia, somente para desertá-lo mais tarde quando as circunstâncias iam ficando imensamente difíceis, devemos atentar-nos para o fato de que por trás da primeira posição de Foscolo havia uma posição que era falsa”.

⁵² “a política liberal de estender proteção a todos os sofredores da causa da liberdade encontrou suprema expressão na extravagante hospitalidade lá dispensada”.

modo, Foscolo teve, durante sua estada em solo inglês, sucesso triunfal, já que “invitations poured in on all sides, and people vied with each other in introducing the famous poet to those who would be useful to him in his exile”⁵³ (WICKS, 1968, p. 4).

Contudo, “Foscolo’s proud sipirit could not accept hospitality without making some return, and from various notes of thanks, dated from the first months of his residence in London, we gather that the return frequently took the form of gifts of his own works”⁵⁴ (WICKS, 1968, p. 4).

Como bem afirmou Wicks (1968), a face da ostentação e pompa foi a escolhida por Foscolo para apresentar à sociedade. Porém, manter um alto padrão de vida lhe custaria muito, como uma renda fixa de cerca de 500 libras por ano, o que, na época, representava um alto valor.

Ainda sobre sua vida de pompa na Inglaterra, temos que Foscolo “hid his poverty from the eyes of his many new acquaintances, but in Italy the Donna Gentile, with almost maternal love, sensed the state of things without waiting for a confession”⁵⁵ (WICKS, 1968, p. 5). Tal dificuldade financeira aparece em cartas suas trocadas com a *Donna Gentile*:

- pur troppo! ho bisogno dell’ajuto altrui; e per ottenerlo, è necessità somma ch’io m’arrenda spesso alle altrui vane carezze, e ch’io sempre spenda più di quello che posso [...] ma in questo paese è grande smacco l’essere povero, e il parere bisognoso: nessuno ti guarda; e nessuno si degna, come diceva l’Ortis, di collocare il beneficio frà cenci”⁵⁶ (FOSCOLO, 1852 apud WICKS, 1968, p. 5).

⁵³ “convites vinham de todos os lados, e as pessoas disputavam umas com as outras apresentar o famoso poeta àqueles que seriam úteis a ele em seu exílio”.

⁵⁴ “o espírito orgulhoso de Foscolo não conseguia aceitar a hospitalidade sem dar algo em troca, e a partir de várias notas de agradecimentos, datadas dos primeiros meses de sua residência em Londres, nós supomos que o retorno frequentemente tomava forma de presentes de seus próprios trabalhos”.

⁵⁵ “escondia sua pobreza dos olhos das suas muitas amizades, mas na Itália a Mulher Gentil, com quase amor maternal, sentia o estado das coisas sem esperar por uma confissão”.

⁵⁶ “- infelizmente! preciso da ajuda dos outros; e para conseguir, é necessidade total que eu me renda com frequência aos agrados vãos de

Assim, Foscolo deixava-se levar pelas aparências da sociedade inglesa, participando das rodas de conversas dos abastados, fazendo-se um deles. Os salões da Holland House estavam abertos para as discussões artísticas e Foscolo era uma das figuras de sucesso daquele lugar, alimentando a ânsia dos nobres ingleses por Arte e Cultura sobre o país italiano.

O exílio inglês aconteceu exatamente quando os centros culturais pós-revoluções (Industrial e Comercial, por exemplo) começaram a se deslocar das regiões latinas e encaminharam-se para os países do norte europeu, de origem anglo-saxônica, como afirma D’Onofrio (2002, p. 330):

Era inevitável que a hegemonia política e econômica da Inglaterra e dos outros países nórdicos acabasse impondo também o predomínio cultural, revelando formas estéticas e princípios ideológicos de povos que até então viveram à margem da cultura europeia por não possuírem uma sólida tradição clássica.



Figura 2 – Holland House

Fonte: HAMMERTON, 1925

A Inglaterra, como novo centro propagador de cultura, clamava por homens de Letras como Foscolo, pois viam em tais figuras a oportunidade de ascensão cultural mais próxima. Os salões, mesmo começando a perder espaço para os cafés, eram pontos de encontro dos grupos sociais interessados em política e literatura.

outrem; e que eu sempre gaste mais do que posso [...] mas neste país é grande golpe ser pobre e a aparência de necessitado: ninguém te olha; e ninguém se digna, como dizia o Ortis, de colocar o interesse em trapos”.

Para compreender melhor a experiência de Foscolo no exílio, as suas razões e as suas implicações, vale lembrar que nesse período a Itália, enquanto nação, ainda não existia. A luta pela unificação do Estado italiano foi reafirmada com o advento do Romantismo, seguindo a linha dos nacionalistas, no período chamado de Ressurgimento⁵⁷ italiano. Dentre as preocupações dos idealizadores do movimento de unificação italiana estava a questão da língua, pois não havia uma língua única falada na península, pelo contrário, havia a presença de um grande número de dialetos, ou seja, línguas que representavam variedades locais derivadas do latim vulgar (FREITAS; BALTHAZAR; LUNATI, 2015). Conforme aponta Marazzini sobre a história da língua italiana,

l'Italia era l'unica nazione in cui la capitale politica (Roma) era destinata a non coincidere con la capitale linguistica (Firenze). I dialetti sono dunque da considerare sempre nel loro rapporto con l'italiano, e l'italiano va visto nel suo rapporto storico con i dialetti; ma si noti che per il periodo dalle origini al Quattrocento non ha ancora senso parlare di 'dialetti'. Si parla di 'dialetto' solo una volta che si è affermata la lingua. 'Dialetto' senza contrapposizione a 'lingua' è un concetto inapplicabile, tanto è vero che gli studiosi, per i secoli XIII-XV, parlano genericamente di 'vulgari italiani'.⁵⁸ (2004, p. 13)

⁵⁷ Segundo a Enciclopedia Treccani, **Risorgimento (Ressurgimento)** seria o período de grande processo espiritual e político, série de transformações econômicas e sociais, de eventos militares e diplomáticos, de expectativas literárias e culturais, entre fins do Setecentos e Oitocentos e que levaram a Itália à independência nacional, à unidade política, ao Estado liberal. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/risorgimento/>>. Acesso em: 03 dez. 2015.

⁵⁸ “A Itália era a única nação na qual a capital política (Roma) era destinada a não coincidir com a capital linguística (Firenze). Os dialetos são, portanto, para considerar sempre na sua relação com o italiano, e o italiano segue visto na sua relação histórica com os dialetos; mas percebe-se que pelo período das origens ao Quatrocentos não há, ainda, sentido em falar de ‘dialetos’. Fala-se de ‘dialeto’ somente uma vez que se é afirmada a língua. ‘Dialeto’, sem contraposição à ‘língua’, é um conceito inaplicável, tanto é verdade que os estudiosos, pelos séculos XIII-XV, falam genericamente de ‘vulgares italianos’.

A Itália só conseguiu unificar-se politicamente em 1862, mas até essa situação ocorrer, muitos italianos se colocaram na linha de frente para defender a pátria italiana. Foscolo foi um deles, principalmente quando da assinatura do Tratado de Campofórmio, tratado este que doaria a República de Veneza à Áustria, fato que desagradou a Foscolo. Em meio às questões políticas de sua época, Foscolo mostrava-se como uma mente incansável e sem sossego, como aponta Simoni:

Os diversos exílios de Foscolo, ainda que de certa forma voluntários, foram causados pelo seu comportamento que o colocou à margem da sociedade literária em várias ocasiões, nas quais Foscolo foi visto como uma espécie de consciência incômoda e impertinente pelos adversários políticos e intelectuais. (2009, p. 42)

Como foi dito, as experiências vividas na Inglaterra possibilitaram a Foscolo a produção de muitas criações literárias, dentre as quais cartas e ensaios que retrataram, a partir de um olhar estrangeiro, a sociedade inglesa do início do século XIX, caso dos dois ensaios aqui trazidos: *Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo* e *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese*.

Do exílio, Foscolo pode ser considerado um “tradutor cultural”, visto que suas cartas e seus ensaios abordavam temas relacionados ao dia a dia dos habitantes da Inglaterra e eram, em muitos casos, enviados a amigos da Itália, contando como os fatos aconteciam na Inglaterra, como se percebe no trecho a seguir: “[...] Neppur le Donne si baciano spesso fra loro: bensì all'occasione del buon viaggio e del ben tornato le si lasciano — non so se con meno scrupolo ma certo con più disinvoltura che le nostre giovinette — baciare da loro amici”⁵⁹. (FOSCOLO, 1978, p.48)

No excerto citado, Foscolo faz uma comparação entre as mulheres inglesas e as mulheres italianas e o ato de beijá-las ou quando beijá-las (ocasião), num ato de tradução cultural por meio de um olhar estrangeiro, ou seja, um italiano traduzindo os costumes ingleses diretamente da Inglaterra. Além disso, a ideia de Foscolo como mediador de culturas está muito ligada ao fato de que ele foi um intérprete dos costumes e principalmente da literatura italiana na

⁵⁹ “Nem mesmo as Mulheres se beijam frequentemente entre si: a não ser na ocasião para desejar boa viagem e bom retorno, isso elas se permitem – não sei se com menos escrúpulo, mas certamente com mais desenvoltura do que as nossas juvenzinhas – beijar pelos seus amigos.”

Inglaterra. O interesse dos ingleses em Foscolo era uma possibilidade de eles poderem conhecer mais a Itália, pois o interesse era na cultura italiana, por isso, a ideia de Foscolo como mediador cultural.

A tradução cultural entra neste ponto visto que o ato de beijar-se entre si é um ponto que pode alterar-se ao longo dos anos: o que representava naquele momento o beijo entre as pessoas? E para o leitor de hoje, passa o mesmo sentido? E como fica no texto traduzido?

Burke, ao tratar acerca do que seja tradução cultural, afirma que a história cultural também é uma tradução cultural da linguagem do passado para a do presente, dos conceitos da época estudada para os de historiadores e seus leitores. Seu objetivo é tornar a "alteridade" do passado ao mesmo tempo visível e inteligível. Isso não significa que os historiadores devem tratar o passado como completamente estranho. (2000, p. 244)

Deste modo, buscar oferecer ao leitor da atualidade o conhecimento dos aspectos culturais de quando fora produzida a obra faz parte do trabalho do tradutor, que deve destacar, no texto, os pontos que julga mais significativos e que possam remeter ao período vivenciado pelo autor.

Ao falarmos, ainda que brevemente, da vida de Foscolo, é importante ter presente que o século XVIII foi, também, o período da Revolução Industrial em vários países da Europa, tendo como seu centro propagador a Inglaterra. A Revolução Industrial inglesa deixou atividades como o artesanato, a manufatura e a pequena indústria doméstica em crise em virtude do advento das fábricas: era o início do proletariado urbano, formado por “artesãos independentes, pequenos comerciantes, funcionários públicos, sacerdotes e pastores humildes” (D’ONOFRIO, 2002, p. 328). Esta era a realidade inglesa no momento em que Foscolo chegava àquele país.

Como já citado, a produção de Foscolo no exílio inglês tentou retratar a sociedade inglesa, descrevendo seus usos, costumes, a política e as influências no cotidiano das pessoas. Como bem escreveu Foscolo ao escritor Samuel Rogers: ‘Mes lettres son un parallèle des *Usages*, de la *Littérature* et de l’*Histoire politique* de l’Angleterre et de l’Italie. Je

les ai divisées en *trois séries* selon les *trois sujets*'.⁶⁰ (FOSCOLO, s/d apud PALUMBO, 1994, p. 162)

Como foi visto, a obra de Foscolo que é o *corpus* desta pesquisa não conseguiu ser finalizada e ter sido editado o *Gazzettino*, devido ao mercado editorial pouco eficaz e a todas as dificuldades econômicas que o circundavam. Ficou um trabalho a ser terminado, conseguindo-se reunir os escritos por temas e não por data cronológica, conforme o próprio autor sugerira e acordara com John Murray, como já citado, sendo o primeiro sobre *Usos*, o segundo sobre *Literatura* e o terceiro a respeito de *Política*.

Em seus ensaios, Foscolo parece ser um “homem do mundo inteiro”, como descreve Baudelaire (apud PALUMBO, 1994), um cosmopolita, característica esta que lhe permite compreender o mundo e seus hábitos, sempre querendo saber, conhecer e avaliar o que se passa na Europa. Tal característica permite-nos pensar na dialética condição de extradição e comunhão, isto é, para poder avaliar e conhecer as diversas facetas da sociedade é necessário sair da condição de “fazer parte”, de integrante, para que o olhar seja livre de influências. Em contrapartida, tornar-se parte do outro, tomando um lugar não somente de espectador da vida, mas como seu membro, faz-se necessário para que se tenha algo a dizer, a expressar, a avaliar. Esta foi a situação de Foscolo em seu exílio, momento este que lhe possibilitou o feitiço de obras descritivas acerca da sociedade inglesa, narrando seus modos, suas modas, seu estilo de ser e viver. (PALUMBO, 1994). Ainda,

Da questa dialettica di prossimità e di lontananza, di chiusura verso la propria anima e di apertura verso il mondo, deriva la qualità più intrinseca del testo foscoliano. Le passioni e desideri individuali si trasformano in <<umore>>, che si muove seguendo estro e capriccio, intrecciando <<pensieri savi, pazzi ed indifferenti>> (LI, p. 378), con un <<andarivieni>> (LI, p. 266) tortuoso, irregolare [...]”⁶¹ (PALUMBO 1994, p. 166)

⁶⁰ Minhas cartas são um paralelo dos *Usos*, da *Literatura* e da *História Política* da Inglaterra e da Itália. Eu as dividi em *três séries* segundo os três temas.

⁶¹ Desta dialética de proximidade e de longitude, de clausura para com a própria alma e de abertura para o mundo, deriva a qualidade mais intrínseca do texto foscoliano. As paixões e os desejos individuais se transformam em <<humor>>, que se move seguindo estro e capricho, entrelaçando

Esse ir e vir do olhar de Foscolo para com os ingleses é típico de um *flâneur*, ou seja, aquele que observa e vivencia a realidade de outrem, numa tentativa de buscar compreender a realidade de tal sociedade.

Apesar de poder ser definido como um cosmopolita pela sua característica de perpassar pelas culturas, Foscolo fazia questão de manter vivos certos hábitos gregos do cotidiano, como o di “appendere arance e limoni agli alberi del giardino, che a Londra era spiaciuta ai suoi ospiti inglesi e ai fuoriusciti italiani come un’estrema bizzarra o un inganno”.⁶² (VERDENELLI, 2007, p. 18).

Ainda a respeito ao período do exílio inglês, mesmo tendo sido de grande produtividade para o escritor, foi marcado pela depressão, doença, falta de recursos financeiros e excessivo trabalho. As cartas escritas durante este período trazem muito do sentimento do autor, o qual expressa muitos de seus pensamentos em relação à sociedade inglesa escrevendo a amigos da Itália, bem como à irmã Rubina, como destacado a seguir:

La prima mia cura, e lunga e faticosissima, fu di mantenere le apparenze, e vivere, come gl’Inglesi si esprimono da gentiluomo; - e intanto, per potere qui guadagnar mi la vita stampando in inglese, perchè in altre lingue non v’è guadagno, ho dovuto perdere due anni a studiare il gusto letterario del paese, sostenendo povertà, e lunghe infermità, e segrete umiliazioni, e sempre serbandò le apparenze di gentiluomo!⁶³ (FOSCOLO, 1823, p. 282 apud SIMONI, 2009, p. 44).

O tema *aparências* é também frequente na poética foscoliana do período do exílio inglês, quando Foscolo descrevia as modas da

<<pensamentos sábios, loucos e indiferentes>> (LI, p. 378), com um <<ir e vir>> (LI, p. 266) tortuoso, irregular [...]

⁶² [...] apanhar laranjas e limões nas árvores do jardim, o que, em Londres, não agradava aos hóspedes ingleses e aos refugiados italianos como uma extrema bizzarice ou um engano.

⁶³ O meu primeiro cuidado, e longo e faticosíssimo, foi de manter as aparências, e viver, como os Ingleses se expressam por Gentil-homem; - e enquanto isso, para poder aqui ganhar a vida escrevendo em inglês, porque em outras línguas não tem ganho, tive de perder dois anos estudando o gosto literário do país, sustentando a pobreza, e longas enfermidades, e secretas humilhações, e sempre mantendo as aparências de gentil-homem!.

sociedade inglesa e ironizava os hábitos rotineiros daquela sociedade, enfatizando certa artificialidade que, segundo ele, predominava no período. Foscolo facilmente tingia-se de ira e orgulho, sempre habituado a uma vida desregrada e dispendiosa, dificultando-lhe a permanência em meio à aristocracia inglesa (FERRONI et al, 2011).

Ainda a respeito dos temas abordados nas cartas do exílio, Palumbo (1994, p. 167) destaca que os temas giravam “dall’esilio alla moda, dai dandys alle mogli, dall’educazione muliebri ai balli, dai giornali letterari ai librai, dalle Università ai pugilatori”⁶⁴, demonstrando que a prática literária de Foscolo de então perpassava diversas áreas, sem limites, inclusive, para sua opinião acerca de cada uma das temáticas envolvidas, visto que o tom intimista das cartas se dava por conta da troca epistolar entre amigos e familiares.

Nas cartas de Foscolo, não é incomum encontrar também a inserção de autores e temas clássicos e menções a deuses gregos e romanos, além de autores clássicos da literatura italiana, como Dante Alighieri. Este, em especial, por diversas vezes é lembrado na obra foscoliana com trechos da *Divina Comédia*, como mostra o excerto retirado de *Saggio d’un gazzettino del bon ton inglese*, que representa a menção a Dante bem como a ideais clássicos gregos:

Ospite riedi a Sparta e di Medea
 Narra e di Dante ingorda d’oro e d’altre
 Le buone; or va: qui l’ottima è colei
 Che molto in casa e poco in piazza è nota
 (FOSCOLO, 1978, p. 48)⁶⁵

A ironia e o retrato da sociedade inglesa desenhados por Foscolo serão vistos a seguir a partir da descrição do escritor em *Lettere Scritte dall’Inghilterra*.

1.1.1 *Lettere Scritte dall’Inghilterra (Gazzettino del bel Mondo)*

Durante seu exílio na Inglaterra, Foscolo produziu cartas e ensaios com foco na descrição das modas inglesas da época. Modas, aqui, entendendo-se como os usos, os hábitos, os costumes dos

⁶⁴ [...] do exílio à moda, dos dandys às esposas, da educação feminina aos vales, dos jornais literários aos vendedores de livros, das Universidades aos pugilistas.

⁶⁵ Hóspede, resides em Esparta e de Medeia / Narra e de Dante cobiça ouro e outras / As boas; ora segue: aqui a ótima é aquela / Que muito em casa e pouco na praça é notada.

habitantes da Inglaterra do período. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, moda pode ser o “uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável com a época, e resultante de determinado gosto, meio social, região, etc.” (2010, p. 511).

As *Lettere* escritas no exílio inglês se diferiam das *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, publicado em definitivo em 1817, vistas as características de cada uma: enquanto as *Lettere Scritte dall’Inghilterra* eram escritas, geralmente, pela manhã, com a mente descansada, ou fresca (como expressa o próprio autor na *Lettera*), parte por parte e para vários destinatários, as *Ultime lettere* foram feitas também em partes, divididas cronologicamente, mas seguindo uma temática sequenciada, em formato de romance epistolar. (PALUMBO, 1994)

No *Ortis*, existe o romantismo patriótico junto das linhas passionais, contando com o desespero como uma marca estilística ao ter de ficar refugiado nas Colinas Eugêneas, revoltado com Napoleão por este ter vendido Veneza aos austríacos (Tratado de Campoformio) (BUONAFINA, 2006). Em contrapartida, nas *Lettere Scritte dall’Inghilterra* não há uma sequência de fatos ou uma história única sequenciada, mas sim cartas e ensaios divididos em temas, tais como *Usos, Literatura e Política*, não estando todos datados, também por esse motivo não sendo divididos cronologicamente, como foi dito (PALUMBO, 1994).

Sobre o destinatário das cartas e ensaios, ao contrário do que aconteceu com *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, esses possuíam característica diversa, trazendo somente o nome e / ou onomásticos, passando

dal signor Enrico Meister a Zurigo alla signora Quirina Maggiotti a Firenze, dall’avvocato Giovanni Collini ancora a Firenze al Contino Cicogna a Milano, da un Cavaliere milanese al conte Confalonieiri, da U.B. amico del cuore, in una sede lasciata indeterminata, a Lady Charlotte Campbell e alla Signora Felicina P. Interlocutori variegati, sparsi in luoghi diversi, e per di più, come dimostrano altri indici provvisori, intercambiali, trasferibili da una lettera all’altra, e dunque non necessari, né metodicamente vincolati ai contenuti che a essi si rivolgono.⁶⁶ (PALUMBO, 1994, p. 104)

⁶⁶ [...] do senhor Enrico Meister em Zurique à Senhorita Quirina Maggiotti em Florença, do advogado Giovanni Collini ainda em Florença ao Conde

Tanto em *Saggio d'un gazzettino del Bel Mondo* quanto em *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* percebemos tal característica, ou seja, a numerosa presença de siglas, abreviações e onomásticos, conforme será analisado no capítulo da análise da tradução.

As cartas e ensaios de Foscolo no exílio inglês foram dispostos com base no tema e não na cronologia. O fato de cada texto ser autossuficiente, completo, como uma unidade concluída por si só, fez com que esses textos fossem “indizio autorevole che la struttura potenziale è più vicina alla forma del saggio che a quella rigorosamente consecutiva che aveva governato la ‘tessitura’ dell’Ortis”⁶⁷. (PALUMBO, 1994, p. 163)

Enquanto as cartas de *Ultime lettere di Jacopo Ortis* tinham uma característica realmente epistolar, com um destinatário, constituindo-se de um romance de paixões, *Lettere scritte dall’Inghilterra* constituíam-se de opiniões mais racionais, com reflexões acerca de algum ponto específico, com o intuito de aproximar o leitor de uma “contemplazione equilibrata, serena e spassionata delle molteplici forme della vita”⁶⁸ (PALUMBO, 1994, p. 164), bem como do espetáculo da sociedade e o comportamento humano, ou seja, um texto ensaístico com características epistolares, como será visto no próximo item.

Foscolo percebia a sociedade realmente como um espetáculo e descrevia isso em seus escritos, como quando escreve sobre as estampas de papagaios em *Lettera sulla Moda – Altre redazioni III*:

Peraltro visitando ieri l’altro un amico mio, giovinotto di moda, lo trovai vestito da capo alle piante di certa tela indiana a fondo bianchissimo dipinto a graziosissimi pappagalli. Nel cuffiotto aveva un pappagallo – su le maniche due pappagalli – nel petto due pappagalli per ogni

Cicogna em Milão, de um Cavaleiro Milanês ao conde Confalonieri, de U.B. amigo do coração, numa sede indeterminada, à Lady Charlotte Campbell e à Senhora Fellicina P. Interlocutores variados, espalhados em lugares diversos, e pelo mais, como demonstram outros índices provisórios, intercambiáveis, transferíveis de uma carta a outra, e, portanto, não necessários, nem metodicamente vinculados aos conteúdos que a esses se dirigiam.

⁶⁷ [...] indício importante que a estrutura potencial está mais próxima da forma do ensaio do que aquela rigorosamente consecutiva que governara a ‘tessitura’ do Ortis.

⁶⁸ [...] contemplação equilibrada, serena e desapaixonada das múltiplas formas da vida.

mammella – cinque o sei o dieci che non ho potuto contare, nelle falde, nelle spalle della vesta da camera – e tutti i pappagalli e’ pareva che parlassero – e pappagalli nelle <<trose>> - e dappertutto insomma, fuorché nelle pantofole ch’erano gialle col becco all’insú alla chinese.⁶⁹ (FOSCOLO, 1978, 59)

Ele não apenas descreve as vestes do amigo “giovinotto di moda”, como marca o texto com ironia e senso de bizarrice, como se ele percebesse esse mundo das Modas e estivesse além dele, num plano totalmente alheio, somente colocando seu parecer a respeito do assunto, como um *flâneur* que,

entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos, bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. (BENJAMIN, 1994, p. 35)

A observação era a principal ferramenta de Foscolo no exílio inglês para que pudesse desenvolver seus textos e enviá-los a amigos na Itália e também para que fosse compilado o *Gazzettino*. Ao longo de seus escritos, o autor parece impregná-los de ironia e sarcasmo, como uma pessoa decepcionada com a sociedade onde vivia, mas sempre comparando-a com a Itália que deixara para trás.

No que diz respeito ao estilo dos textos selecionados para esta tradução, *Saggio d’un Gazzettino del Bel Mondo* é um texto que trata dos costumes ingleses de início do século XIX, quando Foscolo, no exílio, percebia aquela sociedade específica como uma espécie de

⁶⁹ Por outro lado, visitando antes de ontem um amigo meu, juvenzinho de moda, o encontrei vestido da cabeça aos pés com uma certa tela indiana de fundo branquíssimo pintado de graciosíssimos papagaios. Na touquinha tinha um papagaio – sobre as mangas dois papagaios – no peito dois papagaios para cada mamilo – cinco ou seis ou dez que não pude contar, nas laterais, nas costas da roupa de dormir – e parecia que todos os papagaios falavam – e papagaios nas <<trose>> - e por tudo, enfim, além de que nas pantufas que eram amarelas com o bico para cima à la chinês.

corpus de análise: neste ensaio, especificamente, o escritor inicia falando sobre a promessa que havia feito ao *Contino*, destinatário do ensaio, de escrever as edições que fariam parte do *Gazzettino del Bel Mondo*. Ou seja, um periódico destinado a falar sobre o mundo inglês e o dia a dia de seus cidadãos.

Já o *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* apresenta várias subseções que marcam diferentes momentos em que foram escritos os textos: II (iniciando o texto, carta datada de 17 de julho de 1817), III (carta datada de 18 de julho de 1817), V (sob o título *Teoria del 'bon ton'*, sem data precisa) e XV (sem título e sem data precisa). A essência do texto, assim como o ensaio sobre o *Bel Mondo*, é a sociedade inglesa, como o próprio nome do ensaio aponta – *Bon Ton* inglês – e como o próprio Foscolo escreve: “[...] che i Francesi chiamano *bon ton*, gl’Inglese credo *high life* – e ch’io tradurrei volentieri *eleganza signorile* [...]”⁷⁰ (FOSCOLO, 1978, p. 72). Mais uma vez, os modos ingleses retornam ao texto foscoliano como alvo de sua visão crítica acerca do homem e do que ele representa: por que tal ou tal atitude diante de um determinado fato? Qual a razão para os homens daquela sociedade específica agirem deste ou daquele modo perante uma certa situação, como quando o escritor descreve cenas de dor e morte de lacaios guiados pelo Conde P. que acabam perecendo em nome dos nobres: “io giovinetto udiva spesso in certi crocchi esaltare il Conte P., appunto perché guidando una quadriglia inglese faceva perire tutti i lacché, i quali l’un dopo l’altro si gloriavano di morire al servizio di sí potente signore”⁷¹ (FOSCOLO, 1978, p. 70).

Lettere scritte dall’Inghilterra leva, também, o nome de *Gazzettino del Bel Mondo*, isso porque Sanguinetti (FOSCOLO, 1978) reuniu cartas e ensaios de Foscolo não publicados em vida. Tais ensaios eram destinados ao periódico *Gazzettino*, como o próprio Foscolo destaca em alguns momentos ao longo dos textos, como no primeiro parágrafo de *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*: “Benché sia

⁷⁰ [...] que os Franceses chamam *bon ton*, os ingleses creio *high life* – e que eu traduziria com gosto como elegância senhoril.

⁷¹ Eu, juvenzinho, ouvia com frequência em certos grupos exaltar o Conde P., exatamente porque guiando uma quadilha inglesa fazia perecer todos os lacaios, os quais, um após o outro, se gloriavam de morrer a serviço de tão poderoso senhor.

tardi, ed io scriva svogliato, non voglio spedire domani il precedente numero senza questo [...]”⁷² (FOSCOLO, 1978, p. 69).



Figura 3: Versão impressa de *Lettere scritte dall'Inghilterra* organizada por Edoardo Sanguinetti
Fonte: Da Autora, 2016

Sanguinetti reuniu, no livro publicado em 1978, os seguintes textos escritos por Foscolo:

- *Al lettore;*
- *Frammenti delle lettere;*
- *Lettera sulla moda;*
- *Serie di gazzettini scritti non volendo al contino C. milanese;*
- ***Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese;***
- ***Saggio d'un Gazzettino del bel mondo;***
- *Appendice al Gazzettino N. 1;*
- *Gazzettino del bel mondo N. 2;*
- *Appendice al Gazzettino N. 2;*
- *Gazzettino del bel mondo N. 3;*
- *Appendice al Gazzettino N. 3;*
- *Gazzettino del bel mondo N. 4;*
- *Gazzettino del bel mondo N. 5;*
- *Gazzettino del bel mondo N.7;*
- *Gazzettino del bel mondo N. 12.*

⁷² Mesmo que seja tarde, e eu escreva sem vontade, não quero enviar amanhã o número precedente sem este.

Neste projeto de tradução, destacamos apenas os dois ensaios em negrito, pois, como já explanado, a escolha se deu por serem dois textos similares e ensaísticos, com mesmo tema (sociedade inglesa do século XIX) e escritos durante o mesmo período do exílio inglês.

Nesse item, apresentamos as características de Foscolo ao escrever suas cartas e ensaios, com ênfase para *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo* e *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese*, além de termos analisado o período literário das produções do autor. No item seguinte, falaremos sobre o ensaio com característica de cartas, caso em que Foscolo se enquadra nos textos selecionados para o projeto de tradução aqui levado a cabo.

1.2 DO ENSAIO EPISTOLAR

Eu creio que [...] se tem insistido em demasia apenas no aspecto da “bela escrita”; que o ensaio possa ter o mesmo valor estilístico de uma obra literária e que, portanto, seria injustificado falar a esse respeito em diferenciação de valores. (LUKÁCS, 1971, p. 01)⁷³

Ligado às artes ou à ciência? Qual a melhor definição para a escrita de ensaio? Até que ponto o ensaio se separa da ciência para aproximar-se da estética literária? Seria esta uma discussão entre Ciência e Arte?

Tais questionamentos são recorrentes nas leituras acerca da definição de ensaio e o que representaria ele dentro da literatura. Lukács (2008) traz a problemática da definição de ensaio como somente pertencente ao meio científico-filosófico em detrimento do brilho estético que possui tal gênero para a literatura. No ensaio *A alma e as formas*, Lukács desenrola reflexões sobre a função do ensaio e o que ele representa para a sociedade. O crítico define o ensaio como uma forma de arte e busca trazer as diferenças entre ensaio e obra literária visto que, para ele, o ensaio é pertencente à literatura. Escreve ele, afirmando querer mencionar as diferenças “tão-somente para que tenhamos presentes apenas os verdadeiros ensaios e não aqueles escritos úteis, porém injustificadamente assim denominados, que não nos podem oferecer nada além de ensinamentos e dados e ‘conexões’” (LUKÁCS, 2008, p. 1).

⁷³ LUKÁCS, Georg. **Die Seele und die Formen**. Essays. Neuwied: Luchterhand, 1971, pp. 7-31. [Tradução de Mario Luiz Frungillo]

Adorno também traz sua contribuição a respeito do que seja ensaio e por que são escritos textos deste tipo:

O ensaio, porém, não admite que seu âmbito de competência lhe seja artisticamente prescrito. Em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram. O ensaio reflete o que é amado e odiado, em vez de conceber o espírito como uma criação a partir do nada [...]. (2003, p. 16-17)

Como uma criança, ou seja, sem se preocupar com a visão que colocava nos textos era que Foscolo parecia escrever, exatamente como Adorno (2003) coloca na citação acima. O amor e o ódio citados pelo teórico aparecem nas linhas foscolianas partindo de uma visão pessoal, a qual poderia ser interpretada conforme quem recebesse o texto, uma escrita despreocupada com quem fosse ler sua produção, um texto pela arte, mas ao mesmo tempo sabendo da importância nele contida para a sociedade e os indivíduos leitores.

A função do ensaio como texto desprovido de função científica e despreziosa para com a veracidade das ideias nele contidas também são discussões que Adorno aponta em suas reflexões:

[...] o ensaio se aproxima de uma autonomia estética que pode ser facilmente acusada de ter sido apenas tomada de empréstimo à arte, embora o ensaio se diferencie da arte tanto por seu meio específico, os conceitos, quanto por sua pretensão à verdade desprovida de aparência estética. (2003, p. 18)

As características que são peculiares a Foscolo em seus ensaios postos em evidência nesta dissertação podem ser relacionadas às questões apontadas por Adorno quando este cita a ironia do escritor contida na escrita e a explanação de ideias a respeito de diversos temas:

O ensaísta abandona suas próprias e orgulhosas esperanças, que tantas vezes o fizeram crer estar próximo de algo definitivo: afinal, ele nada tem a oferecer além de explicações de poemas dos outros ou, na melhor das hipóteses, de suas próprias ideias. Mas ele conforma ironicamente a essa pequenez, à eterna pequenez da mais profunda obra do pensamento diante da vida, e

ainda a sublinha com sua irônica modéstia.
(LUKÁCS, 1911 apud ADORNO, 2003, p. 25)

A exposição de ideias e pensamentos acerca de determinado ponto é verificado nos ensaios escritos por Foscolo em seu exílio inglês, dando ênfase à sociedade inglesa de então e o que o escritor testemunhava em seu cotidiano, como podemos verificar no trecho retirado de *Saggio d'un gazzettino del Bon Ton Inglese*, no qual o escritor descreve os hábitos rotineiros da sociedade inglesa:

E cosí va fatto, da che è pur moda e anche inglese. Anzi, per dir giusto, l'andare e tornare volando è oggi in tutta l'Europa un indizio du suprème bon ton. Per lo piú sî fatti viaggiatori portano seco fuori di casa loro tutte le virtù, eccettuata l'indulgenza, perch'ei se la serbano da poterla esercitare assai piú utilmente con le lor Dame. E intanto vedono a Milano, a Firenze e altrove le contesse A-B-C-D sino al Z, che assordano l'aria e tutte le vie col fracasso e la pompa delle carrozze – e saltando da baccanti ne' balli – e sfoggiando nelle veglie e ne' palchetti in teatro dinanzi i forestieri allo splendore di mille lumiere i loro vezzi invecchiati per la gioventú del paese, aspirano non potend'altro alla celebrità dell'infâmia.⁷⁴ (FOSCOLO, 1978, p. 75)

O ensaio, portanto, pode ser visto como um texto pertencente a um gênero amplo podendo dissertar acerca de diversos assuntos, não necessitando seguir uma linha científica unicamente, mas com o autor ciente do que está falando no texto. Guerini corrobora com o conceito de ensaio, afirmando que existe certa dificuldade em enquadrar o ensaio dentro de um único conceito, questão que

⁷⁴ E assim segue, do que é tido por moda e também inglês. Aliás, para ser justo, o ir e vir voando é, hoje, em toda a Europa um indício du suprème bon ton. No mais, viajantes assim feitos levam consigo para fora de casa todas as suas virtudes, com exceção da indulgência, porque eles a conservam para poder exercitá-la muito mais utilmente com as suas Damas. E, enquanto isso, veem em Milão, em Florença e onde quer que estejam as condessas A-B-C-D até o Z, que ensurdecem o ambiente e todas as ruas com o fracasso e a pompa das carruagens – e fazendo-se de bacantes nos bailes – e desfilando nas festas de salão e nos palquinhos no teatro em frente aos forasteiros ao esplendor de mil luminárias os seus vícios envelhecidos pela juventude do país, aspiram, não podendo outra coisa, à celebridade da infâmia [...]

[...] pode decorrer do fato de o ensaio ser um gênero que pode tratar dos mais variados temas, e por estar dentro dos mais diversos campos: literatura, filosofia, religião, história, medicina etc, não possuindo, conseqüentemente, uma única forma de expressão, sendo seu estilo bastante livre, flexível. (2000, p. 12)

Sendo “bastante livre e flexível”, como declara Guerini (2000), os ensaios de Foscolo aqui traduzidos enquadram-se exatamente nesse perfil, pois ambos possuem conteúdo opinativo acerca de determinado tema: o mundo inglês de início do século XIX. Ainda consoante Guerini, é importante ressaltar que não se chegou a uma definição precisa e rigorosa do que seja o ensaio dentro da Teoria Literária,

pois as teorizações sobre o assunto são, como já visto, praticamente inexistentes. Afinal, o gênero foi inventado por um francês, ganhou notoriedade e uma forma peculiar na Inglaterra e foi teorizado pelos alemães. (2000, p. 18-19)

Aqui, consideramos o ensaio como texto literário, levando em consideração que:

A falta de teorização sobre o assunto explica-se em parte ao vasto campo que esse gênero abarca, podendo ser comparado com o romance, que é um gênero, segundo August Wilhelm Schlegel, que tem por objetivo abranger tudo e, assim, pode fazer uso de quase todos os gêneros, pois pode se relacionar e ter traços em comum com outros gêneros, tais como o drama, o tratado, a prosa didática, a biografia, a historiografia, o relato de viagens, as memórias, a confissão, o diário, etc. (GUERINI, 2000, p. 18-19)

No caso de Foscolo, poderíamos enquadrar a temática dos dois ensaios aqui estudados e traduzidos dentro da historiografia, além de servirem como uma espécie de diário – visto que o escritor coloca muito do cotidiano vivenciado por ele – e relato de viagens – isso porque Foscolo estava exilado na Inglaterra e os hábitos da população inglesa eram para ele motivo de reflexão para seus escritos, como identificado no excerto a seguir retirado da tradução de *Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo*:

I Francesi ne sono maestri: gli Svizzeri vanno più sempre imitandoli come orsi che ballano: quanto agl'Inglesi non saprei dirvi; n'ho degli esempi:

tuttavia — e prescindendo da' diplomatici co' quali e de' quali parlo di rado — g'Inglese non mi paiono simulatori; bensí dissimulatori e senz'arte; ascoltano e tacciono.⁷⁵ (FOSCOLO, 1978, p. 81)

Mais uma vez, a ideia de “homem do mundo todo” é retomada para embasar a ideia de ensaio como texto historiográfico, como uma espécie de diário de relatos e o *flâneur* retorna para auxiliar Foscolo na composição de seus textos. Outro excerto de *Saggio d'un gazzettino del Bon Ton inglese* contribui com a afirmação:

Lasciamo stare le tragedie e l'Italia e i duelli – voi nel vostro viaggio da Milano a Napoli vi siete presentato ne' crocchi in abito militare, e non senza diritto, perché avevate già accompagnato una volta il viceré come suo ciambellano alla guerra. Qui peraltro si va da soldato fra i soldati e fra le dame si veste da gentiluomini, e così si usava da noi a Milano e a Parigi [...].⁷⁶ (FOSCOLO, 1978, p. 69)

A opinião faz parte dos ensaios, do início ao fim, de Foscolo, o qual traz seu ponto de vista acerca do que acha correto e daquilo que julga não ser tão correto assim. Também usa, podemos dizer, de sinceridade e forte espírito opinativo ao afirmar que apenas está escrevendo tais textos para o *Gazzettino del Bel Mondo* porque possui apreço por quem o solicitou a fazer tal empreitada, como no trecho do *Saggio d'un gazzettino del Bel Mondo*:

Ma non posso aiutarvi da me a coricarmi in letto; e il mio infermiere si sta forse languendo di sonno. Dunque domani. Per ora, affinché non foss'altro vediate com'io per amor vostro entro in un gran ginepraio, vi porrò qui la epigrafe generale de' gazzettini miei – e quando mai li

⁷⁵ Os Franceses são mestres nisso: os Suíços vão mais os imitando como ursos que bailam: quanto aos Ingleses, não lhe saberia dizer; não tenho exemplos: contudo – e dispenso a Diplomacia com a qual e da qual falo raramente – os Ingleses não me parecem simuladores, a não ser dissimuladores e sem arte: escutam e calam-se.

⁷⁶ Deixemos de lado as tragédias e a Itália e os duelos – e o senhor, na sua viagem de Milão a Nápoles, se apresentou nas reuniões com roupa militar, e não sem direito porque já havia acompanhado uma vez o vice-rei como seu cortesão na guerra. Aqui, por outro lado, veste-se de soldado entre os soldados e entre as damas veste-se de cavalheiro, e assim era para nós em Milão e em Paris [...]

vorreste cucire in un volumetto, fatela ricopiare nel frontispizio.⁷⁷ (FOSCOLO, 1978, p. 87)

Foscolo destaca que não possui interesse nos escritos e que apenas os escreve para colaborar com o Conde que é amigo seu. Contudo, não deixa seus textos em segundo plano, muito pelo contrário, trabalha neles com tamanho apreço sentido nas linhas e no cuidado ao tomar emprestadas ideias de escritores por ele admirados, tais como Dante Alighieri e o poeta Giuseppe Parini, os quais, por diversas vezes, assumem a voz do texto de Foscolo, até mesmo em latim (o uso de línguas estrangeiras será tratado no Capítulo de Análise da tradução).

Tomando a ideia de que o ensaio pode abarcar outros gêneros, temos, nos dois textos desta proposta de tradução, ensaios com característica epistolar, ou seja, a discussão sobre determinado assunto com um destinatário, podendo ser dividido em temas, característica do gênero epistolar e característica esta encontrada nos ensaios foscolianos. Vale destacar que o *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* apresenta partes, sendo conforme abaixo dividido, relacionando-se à estrutura seguida por religiosos da Idade Média na Europa (MOYSÉS, 2010, p. 81):

- II: iniciando o texto, carta datada de 17 de julho de 1817;
- III: carta datada de 18 de julho de 1817;
- V: não há sequência numérica entre a carta anterior e esta, sob o título *Teoria del 'bon ton'*, sem data precisa; e
- XV, também sem título e sem data precisa.

Enquanto *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* apresenta-se dividido em partes e em datas diferentes, *Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo* apresenta um texto corrido, se divisões, tratando apenas de um único tema, contudo, apresenta destinatário logo no início da carta-ensaio: “Al Contino C*** a Milano).

Continuando a reflexão acerca do gênero carta, percebemos que tal é tratado, por diversas vezes, como subgênero ou exterior à literatura, tal como afirma Brioschi et al (2003, p. 140) dizendo que as cartas são

⁷⁷ Mas não posso ajudar a mim mesmo a deitar-me na cama; e o meu enfermeiro está, talvez, morrendo de sono. Então, amanhã. Por ora, até que não haja outro, veja como eu, por amor ao senhor, entro num grande imbróglio, lhe colocarei aqui a epígrafe geral de gazzettinos meus – e quando os quiser compilar em um volumezinho, transcreva-a no frontispício.

“tipi extraletterari di cui la narrativa si è servita, in epoche antiche e moderne⁷⁸”.

Moysés (2010, p. 73) destaca a falta de interesse por parte da crítica literária em relação ao gênero carta bem como ao ensaio:

[...] embora objeto de movimentação editorial e de crescente interesse acadêmico nessa primeira década do século XXI, a carta continua lembrada pela teoria literária, de forma fugaz, ainda mais porque aparentada (às vezes, confundida, [...]) com o ensaio, outro gênero tão marcante na literatura quanto carente de mais estudos teóricos.

Ainda consoante Moysés (2010) em relação ao gênero carta, esta faz parte da história da humanidade, tendo sido parte da vivência de muitos pensadores e escritores, como o próprio Petrarca, cânone da literatura italiana. E mais:

Sêneca considera a carta um meio para tornar presente o destinatário (“[...] é o único meio de que dispões para vires à minha presença”), que “não deve encher a mão esquerda do leitor” e deve ser escrita “**num estilo nem grandiloquente nem vulgar**” (TIN, 2005 apud MOYSÉS, 2010, p. 78, grifos meus).

A expressão em negrito do trecho citado acima reafirma o estilo de escrever de Foscolo nos dois textos traduzidos neste projeto de tradução, sendo nem formalmente excessivo nem vulgar ao extremo, mantendo sua postura de escritor mesclada à do exilado, conforme se lê nos ensaios do Capítulo II.

Desta forma, a riqueza do pensamento e os detalhes do texto de Foscolo não tornam seus ensaios menos literários, mas sim, pertencentes a um gênero amplo e que permite ao leitor adentrar num mundo de várias nuances e pontos de vista, no caso, o de Foscolo, como aconteceu com os escritos do *Gazzettino del bel mondo*.

⁷⁸ [...] tipos extraliterários cuja narrativa serviu-se, em épocas antigas e modernas.

CAPÍTULO II

Neste capítulo, trago a proposta de tradução para os dois escritos de Ugo Foscolo: *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo* e *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* sob o enfoque da tradução da letra pautado nos estudos de Berman (2012), com a valorização do estrangeiro na tradução.

2 UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE DOIS ENSAIOS DE *LETTERE SCRITTE DALL'INGHILTERRA (GAZZETTINO DEL BEL MONDO)*

Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo apresenta-se em forma de um texto único, sem subtítulos, diferentemente de *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* que, como veremos, traz subdivisões no corpo do texto. O texto sobre o *bel mondo* apresenta a temática da moda fortemente discutida, além de o próprio Foscolo dissertar acerca do texto que está para escrever e encaminhar ao Conde, destinatário de seus ensaios para publicação no *Gazzettino*, supostamente editado pelo Conde, conforme apontam os escritos de Foscolo.

A dor sentida pelo autor, que estaria sofrendo dores e desconfortos físicos por conta de uma perna enferma, bem como as dificuldades enfrentadas por ele também são encontrados ao longo do texto: “Anch’io, mio caro Contino, mi sto lietamente sdraiato di notte e di giorno da che mi è toccato precipitarmi di cavallo ed ho una gamba in pericolo, e insieme il conforto che la mia disgrazia è di moda”⁷⁹. (FOSCOLO, 1978, p. 84)

Já em *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* podemos ler, ao longo do texto, subitens, tais como: II (iniciando o texto, carta datada de 17 de julho de 1817), III (carta datada de 18 de julho de 1817), V (sob o título *Teoria del 'bon ton'*, sem data precisa) e XV (sem título e sem data precisa). Em relação à temática, como já dito, os costumes ingleses eram o ponto de concentração do texto crítico de Foscolo.

No que diz respeito ao projeto de tradução empreendido, posso afirmar que houve momentos de muita dúvida sobre as escolhas a serem feitas, a começar pelos pronomes de tratamento utilizados pelo autor. Outro problema com que me deparei foi a pontuação utilizada no texto

⁷⁹ Eu também, meu caro Condinho, estou alegremente deitado de noite e de dia pelo que me aconteceu de cair de cavalo e tenho uma perna em perigo, e junto o conforto que a minha desgraça está na moda.

de partida: no idioma traduzido, como será visto na tradução realizada, não foi possível manter todos os traços da escrita do autor, tendo, em alguns momentos, que adaptar o texto para uma leitura mais compreensível em português no sentido de respeitar as regras de pontuação da língua de chegada.

Também é importante ressaltar a dificuldade em relação ao vocabulário oitocentista e que tentei manter no texto traduzido, principalmente para preservar os marcadores temporais (como será visto no Capítulo 3). Além do mais, nomes e siglas, além de citações em idiomas estrangeiros, foram todos mantidos como no original, isso para tentar fazer o leitor do texto em português compreender que, em mãos, possui um ensaio do século XIX.

No item a seguir, apresentamos as traduções junto aos respectivos textos em italiano para, no Capítulo 3, realizar os comentários sobre as traduções empreendidas e os desafios de se traduzir um autor como Foscolo.

2.1 SAGGIO D'UN GAZZETTINO DEL BEL MONDO

<p>SAGGIO D'UN GAZZETTINO DEL BEL MONDO</p> <p>Al Contino C*** a Milano. N.1. – GAZZETTINO DEL BEL MONDO</p> <p>Londra, Mercoledì 9 Luglio 1817.</p> <p>NOTIZIE – Arte di dire la verità. – Eroine teatrali e loro campioni. – Mezzi-divorzi. – Alcibiadi. – Mercantesse di profumi. – Vesta di camera. – Gambe rotte per moda. – Poema dedicato alla Moda. – Auguri a' bambini. – Poeti commensali. – Dedicatorie italiane. – Epigrafi inglesi. <i>Impransi correptus voce magistri.</i> HORAT.</p>	<p>ENSAIO DE UM GAZZETTINO DO BEL MONDO</p> <p>Ao Condinho C*** em Milão. N.1. – GAZZETTINO DO BEL MONDO</p> <p>Londres, Quarta-feira, 9 de Julho de 1817.</p> <p>NOTÍCIAS – A arte de dizer a verdade. – Heroínas teatrais e seus campeões. – Meio-divórcios. – Alcebiádes. – Mercadoras de perfumes. – Roupa de dormir. – Pernas quebradas por moda. – Poema dedicado à Moda. – Felicitações às crianças. – Poetas comensais. – Dedicatórias italianas. – Epígrafes inglesas. <i>Impransi correptus voce</i></p>
---	---

Caro Contino. — Allorché il Cavalier P*** vi scriveva ch'io mi sono uno de' rari forestieri alla moda — non vi diceva che un po' piú del vero. Bensí accertandovi ch'io compilerei meglio di lui il Gazzettino del *Bel Mondo* — ch'ei vi aveva promesso — vi diceva un po' meno del vero.

Questa appunto è delle mode universali e perpetue di noi gente alla moda, perché riesce utilissima a scansare gl'inconvenienti della verità e della bugia — non dico il rimorso, che è cosa di coscienza, la quale non s'ingerisce gran che nelle mode — non direi neppure il rossore, che è istinto della rozza onestà, la quale quand'è ingentilita in onore ci stringe a vergognare, non tanto della necessaria simulazione, quanto dell'imprudente sincerità. I Francesi ne sono maestri: gli Svizzeri vanno piú sempre imitandoli come orsi che ballano: quanto agl'Inglese non saprei dirvi; n'ho degli esempi: tuttavia — e prescindo da' diplomatici co' quali e de' quali parlo di rado — gl'Inglese non mi paiono simulatori; bensí dissimulatore e senz'arte; ascoltano e tacciono. Infatti sono piú liberi de' Francesi; piú indipendenti degli Svizzeri; e non tremano mai, come noi, sotto la verga di nuovi signori; ond'hanno poca necessità d'industriarsi con sotterfugi servili.

magistri.

HORAT

Caro Condinho. — Quando o Cavaleiro P*** lhe escrevia que eu sou um dos raros forasteiros na moda — não lhe dizia nada mais que a verdade. Certamente lhe garantindo que eu compilaria melhor que ele o *Gazzettino* do *Bel Mondo* — que ele lhe havia prometido — lhe dizia um pouco menos da verdade.

Esta, certamente, é das modas universais e perpétuas de nós, pessoas na moda, porque consegue utilíssima evitar os inconvenientes da verdade e da mentira — não digo o remorso, que é coisa de consciência, a qual não se ingere a não ser nas modas — não diria nem mesmo a vermelhidão, que é instinto da rude honestidade, a qual, quando é cheia de gentilezas em honra nos obriga a passar vergonha, não tanto pela necessária simulação quanto pela imprudente sinceridade. Os Franceses são mestres nisso: os Suíços vão além sempre imitando-os como ursos que bailam: quanto aos Inglese, não lhe saberia dizer; tenho exemplos deles: contudo — e dispenso a Diplomacia com a qual e da qual falo raramente — os Inglese não me parecem simuladores, a não ser dissimuladores e sem arte: escutam e calam-se. Na verdade, são mais livres que os Franceses,

Inoltre gl'Italiani sono dotati di piú fantasia, la quale se congiura con la tirannide a disciplinarci a colorare la verità di bugie, congiurava altresí con la libertà del genio a insegnarci a fingere meglio la natura nelle pitture, e ci dettava poesie piú ad immagini che a sentenze. Congiurava e dettava.

Il grande Bacone che aveva studiato – cosí non l'avess'egli praticato assai male! – il *Bon ton* nelle corti, notò nel suo *Essay on truth* che *un po' di tinta di bugia aggiunge garbo alla verità*. Or il *Bon ton* non gira egli per tutti noi su l'unico cardine d'illuderci e piacerci scambievolmente?

Comunque sia, io stassera mi starò alle parole di Madonna Laura discesa una notte in visione al suo innamorato già vecchio – ed ei morí appunto in quell'anno – e gli disse:

Per finzion non cresce il ver né
scema;

mais independentes que os Suíços e não tremem nunca, como nós, sob a vara de novos senhores; de onde têm pouca necessidade de se rapinarem com subterfúgios servís.

Além do mais, os Italianos são dotados de mais fantasia, a qual se conjura com a tirania a nos disciplinar para colorir a verdade com mentiras, conjurava também com a liberdade do Gênio a nos ensinar a fingir melhor a Natureza nas pinturas e nos ditava Poesia mais em imagens que em sentenças. Conjurava e ditava.

O grande Bacon que havia estudado – ah! não tivesse ele praticado tanto mal! – o *Bon ton* nas cortes, notou no seu *Essay on truth* que um pouco de tinta de mentira acrescenta garbo à verdade. Agora, o *Bon ton* não gira ele para todos nós sobre o único eixo a nos iludir e nos agradar mutuamente?

Seja como for, eu, hoje à noite, trocarei algumas palavras com Madonna Laura descida uma noite na visão de seu amante, já velho – e ele morreu bem naquele ano – e lhe disse:

Que a ficção não faz a causa

<p>onde su la faccenda del Gazzettino promessovi dal Cavaliere P***, il vero schietto si é ch'ei me l'ha voluto addossare – però, mescendo quel che è con quel che non è, vi ha dato una risposta da cortigiano e da metafisico.</p> <p>E il fatto sta ch'egli, il Marchese F*** ed io componiamo per quest'anno il triumvirato degli Italiani alla moda. Io sarò il Lepido – e il Cavaliere, se alcuna Cleopatra cantante o danzante non lo seduce a correrle dietro per l'onde sul navicello di Douvre, otterrà il lungo e pacifico regno d'Augusto. Ma non credo ch'ei voglia lasciar andar in disuso la moda nostra di professarci cavalieri a visiera alzata, e insieme cassieri privati delle eroine teatrali.</p> <p>Qui quando risplendono da eroine sono applaudite secondo il loro merito e la loro fortuna nell'arte, ma sono anche giudicate secondo i loro portamenti domestici. Però vestono modeste; vivono oneste, o cautissime; e siedono in compagnia fra le oneste cautissime in ogni casa. In Italia le matrone sole sono in diritto di imporre rispetto per le lor</p>	<p>maior⁸¹;</p> <p>do que sobre a empreitada da Gazetinha prometida a você pelo Cavaleiro P***, o verdadeiro autêntico sim é que ele me quis impor – porém, misturando aquele que está com aquele que não está, lhe deu uma resposta de cortesão e de metafísico.</p> <p>E o fato é que ele, o Marquês F*** e eu compomos para este ano o triunvirato dos Italianos na moda. Eu serei o Fanfarrão – e o Cavaleiro, se alguma Cleópatra cantante ou dançante não o seduz a lhe correr atrás pelas ondas no naviozinho de Douvre obterá o vasto e pacífico reino de Augusto. Mas não creio que ele queira deixar andar em desuso a moda nossa de professar-nos cavaleiros de viseira erguida, e, juntos, caixeiros privados das heroínas teatrais.</p> <p>Aqui, quando resplandecem como heroínas são aplaudidas segundo o seu mérito e a sua sorte na arte, mas são também julgadas segundo seus comportamentos domésticos. Porém, vestem-se modestas;</p>
---	--

⁸¹ PETRARCA, Francesco. **Triunfos**. [Tradução de Luís Vaz de Camões]. São Paulo: Hedra, 2006.

debolezze; e ne abusano tanto, da far sospettar male della virtù d'ogni donna; e peggio di quelle che vivono di commedie e di canto e di ballo, alle quali anche le cittadine chiudono l'uscio. La femminile castità non creduta si perverte in vizio sfacciato; e più che mai quando ha bellezza, gioventù, povertà, seduzioni, satire, adulazioni, esempi nobili; tutte insomma occasioni prossime che secondo i Gesuiti fanno veniale il peccato. E dove i Duchi e i Marchesi vanno militando a spada tratta per una famosa plebea, le loro consorti usurpano le prerogative delle regine di nobilitare favoriti – per lo più forestieri, e se egli è tedesco gli danno il titolo di *Monsieur le Baron*. ***** eppur la è d'animo nobile al pari de' suoi natali: vidi com'essa ne' giorni delle sciagure die' prova di fede generosa e virile alla Vice Regina più che non lo squadrone di tutti voi ciamberlani e scudieri. Ma nelle donne quel detto del Petrarca è pur vero!

Natura non può star contra il costume.

vivem honestas, ou cautíssimas; e sentam-se em companhia entre as honestas cautíssimas em todas as casas. Na Itália, somente as matronas têm o direito de impor respeito pelas suas fraquezas; e abusam muito disso a ponto de levantar suspeita sobre a virtude de qualquer mulher; e pior para aquelas que vivem de comédias e de canto e de dança, às quais também as cidadãs fecham as portas. A castidade feminina não acreditada se perverte em vício despudorado; e, mais que nunca, quando tem beleza, juventude, pobreza, seduções, sátiras, adulações, exemplos nobres; todas, enfim, ocasiões próximas que, segundo os Jesuítas, fazem venal o pecado. E onde os Duques e os Marqueses vão militando corajosamente por uma famosa plebeia, as suas consortes usurpam as prerrogativas das rainhas de tornarem nobres os favoritos – principalmente forasteiros, e se ele é alemão, dão-lhe o título de *Monsieur, o Barão*. ***** e mesmo ela é de ânimo nobre como seus conterrâneos: vi como ela, nos dias das amarguras, deu prova de fé generosa e viril à vice-rainha, mais que o esquadrão de todos vocês, fidalgos e escudeiros. Mas nas mulheres aquele ditado do Petrarca é mesmo verdade!

A natureza não pode estar contra

<p>In Inghilterra i mezzi-divorzi sono rarissimi, o sí poco apparenti che appena se ne bisbiglia.</p> <p>Or io fo pure la figura sguaiata! Appunto il Cavaliere P*** mi rispondeva un giorno a Milano: <i>E vi par egli poco il farsi vedere in Faeton amante riamato della donna ammirata dal popolo ed aspettata in tutte le città capitali d'Europa? – Ma, e il ridicolo?</i> gli diss'io – <i>Ma e Alcibiade</i>, mi rispos'egli, <i>vestito da Spartano non sarebbe stato egli ridicolo agli Ateniesi?</i> Io gli raccomandai che se mai fosse proverbato da' suoi concittadini, vedesse di capitanare come Alcibiade contro di loro un esercito. Ei borbottò non so che di Don Chisciotto; e la questione finí per allora – tanto piú che, da poco divario in fuori, menava io pure la bella vita; e mi son pur oggi quell'io</p> <p><i>Quem tenues decuere togae nitidique capilli,</i></p>	<p>o costume.⁸²</p> <p>Na Inglaterra, os meio-divórcios são raríssimos, ou talmente pouco aparentes que pouco se fala a respeito.</p> <p>Agora eu fiz mesmo papel de grosseiro! Bem quando o Cavaleiro P*** me respondia um dia em Milão: <i>E lhe parece pouco fazer-se ver dentro de um Faeton, amante reamado da mulher admirada pelo povo e esperada em todas as capitais da Europa? – mas, e o ridículo?</i> lhe disse eu – <i>Mas e Alcebiades</i>, me respondeu ele, <i>vestido de Espartano, não teria sido ele ridículo aos Atenienses?</i> Eu lhe aconselhei que se nunca fosse proverbado pelos seus concidadãos, tratasse de capitanear contra eles, assim como Alcebiades, um exército. Ele resmungou não sei o quê de Don Quixote; e a questão terminou por aí - tanto é que a pouca distância para fora, levava eu a bela vida; e sou ainda hoje aquele eu</p> <p><i>Quem tenues decuere togae nitidique capilli</i>⁸³,</p>
--	--

⁸² Tradução minha da canção *O aspettata in ciel beata e bella*. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. **Lettere Scritte dall'Inghilterra**. Milano: Mursia, 1978. p. 83.

⁸³ Horácio, Livro I, Epist. XIV. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. **Lettere Scritte dall'Inghilterra**. Milano: Mursia, 1978. p. 83.

a chi stavan bene gli abiti lindi e le nitide ciocche – a ogni modo ei potrebbe, quanto al Gazzettino, servirvi meglio d'assai. Sebbene ei sia capitato qui dopo di me, ei già conosce, e paga piú di me il sartore di Corte e i calzolai di *Bond Street*,

e la fata che grida: acque adoroſe!
Tinture! incanti contro gli anni e i
nei!

E latte fresco di Parigi e rose!
Profumi! – e vende taciti imenei.

Cosí la Moda in Europa rimbiondisce ad un modo i suoi sudditi – ma con minime varietà piú di mille, argutissime, bizzarrissime e spesso fanciullesche; e talvolta anche innocentissime, amabili e tutte proprie d'un solo paese; ed inimitabili e quasi anche inosservabili da' viaggiatori. Infatti il Cavaliere P***, benché oggimai siasi tutto quanto inglesato, non s'è ancor divezzo dell'uso di baloccarsi per tre o quatt'ore ogni mattina su e giú per la camera – e come tutti i patrizi continentali, continua a dare udienza in zimarra, in cuffiotto da notte e pianelle. Qui non è vezzo. Anzi ognuno appena uscito di sotto le coltri, si veste di tutto punto e fa colazione a mani lavate; e pochi non si rivestono innanzi pranzo. Sappiatelo, perché volendo stare agli usi inglesi sarà bene che cominciate la mattina – non troppo

a quem caíam bem as vestes elegantes e as nítidas madeixas – de qualquer modo, ele poderia, quanto ao *Gazzettino*, lhe servir muito mais. Se bem qu'ele tenha chegado aqui depois de mim, ele já conhece, e paga mais que eu o alfaiate da Corte e os sapateiros de *Bond Street*.

E a fada que grita: águas
adorosas!

Tinturas! encantos contra os anos
e os novos!

E leite fresco de Paris e rosas!
Perfumes! – e vende tácticos
himeneus.

Assim, a Moda na Europa reenlourece de uma maneira os seus súditos – mas com mínimas variedades mais de mil, argutíssimas, bizarríssimas e frequentemente joviais; e às vezes também inocentíssimas, amáveis e todas mesmas de uma só região; e inimitáveis e quase também inobserváveis pelos viajantes. De fato, o Cavaleiro P***, se bem que já se tenha inglesado por completo, não se desabituou ainda a vagar por três ou quatro horas toda manhã para lá e para cá pelo quarto – e como todos os patrícios continentais, continua a dar ouvidos de chimarra, de touquinha e chinelas. Aqui não é hábito.

per tempo – in città un po' prima di mezzodì: e in villa, un po' dopo le dieci.

Anch'io, mio caro Contino, mi sto lietamente sdraiato di notte e di giorno da che mi è toccato precipitarmi di cavallo ed ho una gamba in pericolo, e insieme il conforto che la mia disgrazia è di moda. Qui v'è da incontrare gambe e braccia signorili storpiate piú che nani e chierici gobbi in Milano. Anzi mentre scrivo, Lady *** giace anch'essa sopra un sofà, e per lo stesso accidente; e anche per questo viviamo di simpatia – ma la è simpatia che mi fa star assai peggio.

*Quando novelle a chiedere
Manda l'inclita Nice
Del pie' che me costringe
Suole al letto infelice,
sento repente l'intimo
petto agitarsi del bel nome al suon:
rapido il sangue fluttua
ne le mie vene; invade
acre calor le trepide
fibre, m'arrosso; cade
la voce...*

Cosí che a riavermi, ripenso al Conte Alfieri ed ad voi, Contino mio caro.

Aliás, todo mundo logo que sai debaixo das cobertas se veste da cabeça aos pés e toma café da manhã de mãos lavadas; e poucos não se trocam de novo antes do almoço. Saibam disso, porque, querendo estar nos usos ingleses, será bom que comecem pela manhã – não muito por tempo – na cidade um pouco antes do meio-dia: e em casa de campo, um pouco depois das dez.

Eu também, meu caro Condinho, estou alegremente deitado de noite e de dia pelo que me aconteceu de cair de cavalo e tenho uma perna em perigo, e junto o conforto que a minha desgraça está na moda. Aqui, encontram-se pernas e braços senhoris estropiados mais que anões e clérigos corcundas em Milão. Aliás, enquanto escrevo, Lady *** jaz também ela sobre um sofá e pelo mesmo acidente; e também por isso vivemos de simpatia – mas esta é a simpatia que me faz estar ainda pior.

*Quando novidades a pedir
Manda a ilustre Nice
Do pé que me costringe
Calça ao leito infeliz,
Sinto repente o íntimo
Peito agitar-se do belo nome ao
som:*

*Rápido o sangue flutua
Nas minhas veias; invade
Acre calor as trépidas
Fibras, me enrubesço; cai*

<p>Non però crediate che sian versi tragici. Li scriveva il Parini vostro concittadino; ed era infermo de' ginocchi fin dall'adolescenza: ma nacque anima ardente, educatasi per proprio vigore da sé: né languí per età, né per presentimento di morte. Compose nel 1799 con estro generoso il sonetto:</p>	<p>A voz...⁸⁴</p>
<p>Predàro i Filistei l'arca di Dio, tacquero gl'inni e l'arpe de' Leviti -</p> <p>e avea settant'anni: lo dettò; e dopo un'ora e mezzo spirò.</p>	<p>Assim, que a reaver-me, repenso no Conde Alfieri e no senhor, Condinho meu caro. Não acreditem, contudo, que sejam versos trágicos. Escrevia-os Parini, seu concidadão; e estava enfermo dos joelhos desde a adolescência: mas nasceu alma ardente, educou-se por próprio vigor seu: nem debilitou-se pela idade, nem por pressentimento de morte. Compôs em 1799 com inspiração generosa o soneto:</p>
<p>Morí povero perch'era figlio di contadini, e non vendeva libelli né elogi. Leopoldo II, passando per la vostra città, vide un vecchio d'altero aspetto che strascinavasi sul bastone. Intese ch'era lo zoppo Parini; e volle che al suo stipendio di lettore di eloquenza il comune aggiungesse tanto che il vecchio s'aiutasse d'un calessetto. Ma i luogotenenti de' Monarchi obbediscono per lo piú a' ricchi della provincia; e gli avi e i padri vostri nel fango e far ridere il volgo⁸⁰; perché ei deplorando i loro</p>	<p>Saquearam os Filisteus a arca de Deus, Calaram-se os hinos e as arpas dos Levíticos -⁸⁵</p> <p>e tinha setenta anos: o ditou; e depois de uma hora e meia, expirou. Morreu pobre porque era filho de camponeses e não vendia libelos nem elogios. Leopoldo II, passando pela sua cidade, viu um velho de altivo aspecto que se arrastava na bengala. Julgou que fosse o coxo Parini; e quis que, ao seu salário de leitor de eloquência a Comuna</p>

⁸⁰ Frase que remete à Ode de Giuseppe Parini *La Caduta*. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. *Lettere Scritte dall'Inghilterra*. Milano: Mursia, 1978. p. 85.

⁸⁴ Tradução minha (vide capítulo sobre Análise da Tradução). Versos da ode de Giuseppe Parini *Il messaggio*. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. *Lettere Scritte dall'Inghilterra*. Milano: Mursia, 1978. p. 84.

miseri obbrobri, gli aveva redarguiti con severità giusta di cittadino, con dignità d'uomo, e con ingegno temuto ed odiato. Oggi lo celebrate come lume della vostra città.

Ei non giovò a mutar gli usi, da che alle anime irugginite bisognano armi, leggi e regno lungo di principi non forestieri. Né voi lo intendente; perché pare ch'ei non volesse farvi spregevoli al popolo, e sperando di assuefarvi a pensare, vestí la satira di stile derivato dal genio de' sublimi scrittori e dal suo. Derise usanze di quell'età quasi tutte italiane, e per lo piú vostre municipali; ed è arduo anche a' dotti stranieri: e riuscirà d'anno in anno piú oscuro a' nostri nepoti. Infatti ei dedicò il suo bel volumetto con una lettera alla *Dea Moda*. Ma spiò la natura com'era modificata ne' cuori de' personaggi ch'ei dipingeva, e il gusto de' pochi ch'ei desiderava giudici del suo quadro: lo tratteggiò con l'ardire di chi sa di potere e dovere manifestare la verità odiata da' contemporanei, e desiderata da' posteri, e la abbellí degli ornamenti che hanno lode d'antichi, perché da venticinque secoli e piú sono sempre splendidi e freschi. Però la *Moda* si compiace

acrescentasse tanto que o velho era ajudado por uma charretezinha. Mas os tenentes locais dos Monarcas obedecem principalmente aos ricos da província; e os seus avós e pais no charco e fazer rir o vulgo; porque ele, deplorando os seus míseros opróbrios, lhe havia redarguido com justa severidade de cidadão, com dignidade de homem e com inteligência temida e odiada. Hoje o celebrais como lume da vossa cidade.

Ele não ousou mudar os hábitos do que para as almas enferrujadas precisa-se de armas, leis e reino extenso de príncipes não forasteiros. Nem o senhor o compreende; porque parece que ele não queria lhe fazer desprezível ao povo e esperando o senhor se habituar a pensar, vestiu a sátira de estilo derivado do gênio dos sublimes escritores e do seu. Derivados hábitos daquela idade quase todos italianos e, principalmente, seus municipais; e é árduo também aos doutos/ sábios estrangeiros: e conseguirá de ano em ano mais obscuro aos nossos netos. De fato, ele dedicou o seu belo volumezinho com uma carta à *Deusa Moda*. Mas espiou a

⁸⁵ Soneto escrito por Giuseppe Parini na chegada dos austríacos a Milão. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. **Lettere Scritte dall'Inghilterra**. Milano: Mursia, 1978. p. 85.

della dedica; e benché ella non sappia né leggere quel poema né ravvedersi de' suoi capricci, lo ha favorito, e lo proteggerà; e quando nessuno si ricorderà piú di noi avrà lettori ed interpreti.

Studiatelo; o non foss'altro provatevi. Ha per titolo il *Giorno*, ed è distribuito in quattro canti: *Mattino; Meriggio; Vespro; Notte*: e celebra gli studi ridicoli, le oziosissime occupazioni, i vizi spregevoli, le noie invidiate, e i delitti impuniti, ne' quali i patrizi spendevano con perpetuo ricorso immutabile, impreteribile le ventiquattr'ore delle tenebre e della luce. Vedrete le fogge e il bel mondo milanese e il *bon ton*; e vi compiacerete che da cinquant'anni in qua il giorno vostro non siasi alterato che di poche apparenze. La rivoluzione fu meteora che lo ottenabrò; ma il Sole invocato da voi raggiava di sopra la tempesta — or eccola diradata; godete e splendete d'antica e novissima gloria; e il vostro poeta la aveva antiveduta.

Però che non sí tosto uno di voi

natureza como estava modificada nos corações dos personagens que ela pintava, e o gosto dos poucos que ele desejava juizes do seu quadro: o tracejou com o ardor de quem sabe de poder e dever manifestar a verdade odiada pelos contemporâneos, e desejada pelos pósteros, e a adornou de ornamentos que possuem louvor de antigos, porque há vinte e cinco séculos e mais são sempre esplêndidos e frescos. Porém, a *Moda* se compraz da dedicação e ainda que ela não saiba nem ler aquele poema nem arrepende-se de seus caprichos, o favoreceu, e o protegerá; e quando ninguém se recordar mais de nós, terá leitores e intérpretes.

Estude-o; ou não fosse outro, experimente. Tem por título o *Dia*, e é distribuído em quatro cantos: *Manhã, Tarde, Anotecer; Noite*: e celebra os estudos ridículos; as ociosíssimas ocupações, os vícios desprezíveis, os aborrecimentos invejados, e os delitos impunitos, nos quais os patricios gastavam com perpétuo recurso imutável, impreterível as vinte e quatro horas das trevas e da luz. Verá as neblinas e o bel-mundo milanês e o *bon ton*; e lhe condescenderá que de cinquenta anos para cá o seu dia não se tenha alterado além de poucas aparências. A revolução foi meteoro que o

nasceva a popolar gentilmente la presente generazione, ei s'accostava alla vostra culla a bisbigliarvi all'orecchio:

Tu sarai simile
Al tuo gran genitore

E intanto i vostri frati maestri ed ai futuri – e poetini abatini braccieri delle vostre nonne – e pastori e bifolchi arcadi – ed accademici, vi cantavano in coro il *Carmen Genetlicum* vaticinando molti bei presagi uditi dal buon vecchio – e questo udito, son pochi anni, da me: *che voi guidati dalle ombre de' cavalieri crociati, vostri antenati, navigherete a riconquistare Gerusalemme*. Così spiravano gratitudine e divozione, ed erano invitati ogni domenica a pranzo a pagare il loro scotto recitando la parte di Sileno ****

...dalla cui lubrica arte
Novvella sposa vergognando parte
–

ma il marito e gli amanti le davano la baia – però tornava a sedere e imparava. E da che era pur moda, il Parini aveva il torto a presumere

obscreceu; mas o Sol invocado pelo senhor raiava por cima da tempestade – ou ei-la rareada; goza e resplandece da antiga e novíssima glória; e o seu poeta a tinha antevisto.

Porém, que nem bem rapidamente um de vocês nascia a popular gentilmente a presente geração, ele se aproximava de seu berço a balbuciar ao seu ouvido:

Tu serás parecido
Com teu avô⁸⁶

E, no entanto, os seus frades mestres e aos futuros – e poetinhas abadezinhos braceiros de suas avós – e pastores e lavradores árcades – e acadêmicos, lhe cantavam em coro o *Carmen Genetlicum*, profetizando muitos belos presságios ouvidos pelo bom velho – e este ouvido, faz poucos anos, por mim: *que os senhores, guiados pelas sombras dos cavaleiros das Cruzadas, seus antepassados, navegarão para reconquistar Jerusalém*. Assim, inspiravam gratidão e devoção, e eram convidados todo domingo ao almoço para pagar a sua cota, recitando a parte de Sileno ****

⁸⁶ Versos retirados da Ode de Giuseppe Parini intitulada *Vespro*. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. **Lettere Scritte dall'Inghilterra**. Milano: Mursia, 1978. p. 86.

che un poeta sobrio potesse giovare a sí fatti ubriachi. Forse farò che possiate paragonare a lui un emulo suo che v'ammaestrava – e tuttavia v'ammaestra – felicemente (4).

Avendo io oramai principiato, e non potendo far altro, andrò innanzi di sera in sera con de' fogli e li manderò ad impostare ogni martedì e venerdì, tanto che vi facciano da gazzettino fino a che il Cavaliere P*** abbia agio da liberare la sua promessa. E da che m'avete scritto ragioni e doglianze contro di lui, perch'ei non v'ha per anco servito, ed io temo di dovervi servire in guisa che avrete da rammaricarvi anche di me, vi farò innanzi tratto un tantino di prefazione.

Ma non posso aiutarmi da me a coricarmi in letto; e il mio infermiere si sta forse languendo di sonno. Dunque domani. Per ora, affinché non foss'altro vediate com'io per amor vostro entro in un gran ginepraio, vi porrò qui la epigrafe generale de' gazzettini miei – e quando mai li vorreste cucire in un volumetto, fatela ricopiare nel frontispizio;

...de cuja indecente arte
Nova esposa envergonhando
parte –⁸⁷

mas o marido e os amantes zombavam dela – porém, voltava a sentar e aprendia. E como era mesmo moda, Parini se enganava a presumir que um poeta sóbrio pudesse beneficiar-se de tais fatos bêbados. Talvez farei com que o senhor possa comparar a ele um êmulo seu que lhe educava – e, contudo, lhe educa - felizmente. Tendo eu já principiado e não podendo fazer outra coisa, irei antes de noite em noite com folhas e as mandarei para postar toda terça-feira e sexta-feira, de modo que lhe façam um *gazzettino* até que o Cavaleiro P*** tenha tempo de cumprir a sua promessa. E por que o senhor me escreveu razões e angústias contra ele, porque ele ainda não lhe serviu, e eu temo dever servir-lhe de modo que terá que se arrepender de mim também, lhe farei rapidamente uma breve prefação.

Mas não posso ajudar a mim mesmo a deitar-me na cama; e o meu enfermeiro está, talvez, morrendo de sono. Então,

⁸⁷ Versos adaptados da Ode de Giuseppe Parini intitulada *La recita dei versi, versos 35-36*. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. **Lettere Scritte dall'Inghilterra**. Milano: Mursia, 1978. p. 86.

*Nec me animi fallit Graiorum
obscura reperta
Difficile illustrare latinis
versibus esse:
multa novis verbis praesertium
cum sit agendum
propter egestatem linguae, et
rerum novitatem.
Sed tua me virtus tamen, et
spectata voluntas
Suavis amicitiae quemvis
perferre laborem
Suadet: et induct noctes vigilare
serenas,
Quaerentem dictis quibus et quo
carmine demum
Clara tuae possim praepandere
lumina menti
Res quibus oculus penitus
convisere possis.*

LUCRETIUS, I, 130-9.

Ora mi proverò di darvi un volgarizzamento all'uso de' Gesuiti che stempravano i poeti antichi in frasi moderne per comodo del Delfino di Francia.

Non io m'illudo; so quando le invenzioni oscure de' Greci sieno malagevoli da illustrarsi in versi latini: anzi, per la povertà della lingua e per la novità delle cose, molte idee richiedono vocaboli nuovi. Non di meno la tua virtù e la sincerità della tua indulgente amicizia mi confortano a tollerare qualunque fatica, e a vegliare le

amanhã. Por ora, até que não haja outro, veja como eu, por amor ao senhor, entro num grande imbróglio, lhe colocarei aqui a epígrafe geral dos *gazzettini* meus – e quando os quiser compilar em um volumezinho, transcreve-a no frontispício;

*Nec me animi fallit
Graiorum obscura reperta
Difficile illustrare latinis
versibus esse:
multa novis verbis
praesertium cum sit
agendum
propter egestatem linguae,
et rerum novitatem.
Sed tua me virtus tamen, et
spectata voluntas
Suavis amicitiae quemvis
perferre laborem
Suadet: et induct noctes
vigilare serenas,
Quaerentem dictis quibus et
quo carmine demum
Clara tuae possim
praepandere lumina menti
Res quibus oculus penitus
convisere possis.
LUCRÉCIO, I, 130-9.*

Agora tentarei lhe dar um volgarizzamento ao uso dos Jesuítas que deixavam sem cabelos os poetas antigos com frases modernas por comodidade do Delfim da França.

notti serene fantasticando con quali locuzioni e con che armonia io possa far prorompere i raggi del tuo lucido ingegno, sí che tu veda a un tratto tante cose sí occulte.

Questa essendo prosa poetica potrebbe stare per epistola dedicatoria e se la non vi dispiace, ricopiatela intitolandola del vostro nome con le seguenti varianti – invece di versi *latini*, scrivere *gazzettini italiani* – e *invenzioni inglesi*, invece *d'invenzioni de' Greci* – e alle *notti serene* aggiungere *rarissime in Londra*. Il resto quadra a pennello.

Veramente la è dedicatoria che stando alla moda italiana pecca di laconismo. Pur siete compensato dalla prolissità dell'epigrafe che è moda degli Inglesi a' quali oggi par poco un motto lungo, e l'allungano con due e tre di idiomi e sensi diversi. Pare a me che l'epigrafe abbia da annunziare quasi lampo la sostanza del libro, e la mente dello scrittore. Ma forse la loro mente consiste a far sapere ch'ei sanno piú lingue.

Não eu me iludo; sei quando as invenções obscuras dos Gregos sejam maldosas para ilustrar-se em versos latinos: ou melhor, pela pobreza da língua e pela novidade das coisas, muitas ideias requerem vocábulos novos. Não por menos a tua virtude e a sinceridade da tua indulgente amizade me confortam para tolerar qualquer aborrecimento, e a velar as noites serenas fantasiando com quais locuções e com que harmonia eu possa fazer prorromper os raios do teu lúcido pensamento, de modo que tu vejas rapidamente tantas coisas occultas.

Esta, sendo prosa poética, poderia ficar como epístola dedicatoria e se ela lhe desagradar, reescreva-a intitulando-a com o seu nome com as seguintes variantes – em vez de versos *latinos*, escrever *gazzettini italianos* – e *invenções inglesas*, em vez de *invenções dos Gregos* – e às noites serenas acrescentar *raríssimas em Londres*. O resto use a caneta à vontade.

Realmente esta é dedicatoria que, estando na moda italiana, peca de laconismo. Como o senhor é compensado pela prolixidade da epígrafe que é moda entre os Ingleses aos quais hoje parece pouco uma palavra

	<p>longa, e a alongam com duas ou três de idiomas e sentidos diversos. Me parece que a epígrafe tenha que anunciar quase que num relâmpago a essência do livro e a mente do escritor. Mas, talvez, a mente deles consiste em anunciar que conhecem mais línguas.</p>
--	--

2.2 SAGGIO D'UN GAZZETTINO DEL BON TON INGLESE

SAGGIO D'UN GAZZETTINO DEL BON TON INGLESE	ENSAIO DE UM GAZZETTINO DO BON TON INGLÊS
Giovedì 17 luglio 1817.	Quinta-feira, 17 de julho de 1817.
<p>II. Benché sia tardi, ed io scriva svogliato, non voglio spedire domani il precedente numero senza questo, tanto da non lasciarvi fantasticare cos'abbia a che fare l'Alfieri con la tribolazione della mia gamba e con voi. Da che voi non avete comune con esso se non il titolo di conte, ch'ei – né di ciò lo biasimo né lo lodo – non ha assunto mai nel titolo de' suoi libri.</p>	<p>II. Mesmo que seja tarde, e eu escreva sem vontade, não quero enviar amanhã o número precedente sem este, principalmente para não lhe deixar fantasiar sobre o que teria a ver o Alfieri com a atribulação da minha perna e com o senhor. É que o senhor não tem nada em comum com ele a não ser o título de conde, que ele – sobre isso nem o critico nem o louvo – nunca se referiu ao título de seus livros.</p>
<p>L'Alfieri incocciatosi che il cavallo saltasse una sbarra nell'Hyde Park si slogò un braccio, e dopo tre o quattro giorni duellò – poi tornato da Firenze vestiva da militare perché parevagli farsi piú bello – poi scrisse tragedie e abbellì la poesia italiana dell'unica corona che le mancava.</p>	<p>Alfieri, cismando que o cavalo saltasse uma barra no Hyde Park, deslocou um braço, e depois de três ou quatro dias duelou – depois, retornado de Florença, vestia-se de militar porque parecia deixar-lhe mais bonito – depois, escreveu tragédias e enfeitou a poesia italiana com a única coroa que lhe faltava.</p>
<p>Lasciamo stare le tragedie e l'Italia e i duelli – voi nel vostro viaggio da Milano a Napoli vi siete presentato ne' crocchi in abito militare, e non senza diritto, perché avevate già accompagnato una volta il viceré come suo ciamberlano alla guerra. Qui peraltro si va da soldato fra i</p>	<p>Deixemos de lado as tragédias e a Itália e os duelos – o senhor, na sua viagem de Milão a Nápoles, se apresentou nas reuniões com roupa militar, e não sem direito porque já havia acompanhado uma vez o vice-rei como seu cortesão na guerra. Aqui, por outro lado, veste-se de soldado entre os</p>

soldati e fra le dame si veste da gentiluomini, e cosí si usava da noi a Milano e a Parigi – perché la divisa, volere e non volere, la è pur sempre livrea. Onde non credo che gl'Inglese viaggiando ambiscano di abbellirsene se per avventura non fosse qualche ecclesiastico.

Inoltre, contino mio, avete come l'Alfieri comperato a Londra de' bei cavalli; e non sí tosto tornato in patria vi siete avventato a peggiori pericoli, galoppando addosso alla gente – frantumando il *tilbury* inglese – e il cavallo morí sul fatto – non però l'uomo che fu per caso avvolto dalle vostre ruote, e che non morí se non dopo due dí allo spedale. E voi vivo ed illeso e compianto dalle dame e ammirato nei caffè e rispettato da' tribunali ed esecrato forse in qualche tugurio, siete diventato eroe della moda; son oggi per l'appunto tre anni.

È dolore, soffocato dolore che mi fa parlare – e a mal mio grado – sí amaro. Ripenso al passato e fremo, e gemo dell'oggi e mi chiudo gli occhi per non vedere il domani. Vostro padre e vostro zio e quasi tutti i patrizi d'Italia avevano il diritto di vedere spirar gli uomini sotto a' loro cavalli.

Io giovinetto udiva spesso in certi crocchi esaltare il Conte P.,

soldados e entre as damas veste-se de cavalheiros, e assim era costume para nós em Milão e em Paris – porque a divisa entre querer e não querer é sempre livre. De onde não creio que os Ingleses, viajando, ambicionem enfeitar-se se não por avventura não fosse algum eclesiástico.

Além do mais, meu condezinho, o senhor comprou em Londres, assim como Alfieri, belos cavalos; e nem bem retornou à pátria se aventurou a perigos piores, galopando em meio à gente – despedaçando o *tilbury* inglês – e o cavalo morreu neste fato – não, porém, o homem que, por acaso, se meteu em sua rota, e que não morreu se não depois de dois dias no hospital. E o senhor, vivo e ileso e agraciado pelas damas e admirado nos cafés e respeitado pelos tribunais e execrado talvez em alguma miserável casa, se tornou herói da moda; faz, hoje, exatamente, três anos que isso aconteceu.

É dor, sufocada dor que me faz falar – e para meu desgosto – tão amarga. Volto a pensar no passado e tremo, e gemo pelo hoje e fecho os olhos para não ver o amanhã. Seu pai e seu tio e quase todos os patricios da Itália tinham o direito de ver o último suspiro dos homens embaixo de seus cavalos.

Eu, jovernzinho, ouvia com frequência em certos grupos

appunto perché guidando una quadriglia inglese faceva perire tutti i lacché, i quali l'un dopo l'altro si gloriavano di morire al servizio di sí potente signore. Allora i lacché in farsetto e calzati di tela bianca tanto che non paressero nudi, e con un elmetto a piume di mille colori, correvano inseguiti incalzati da' cavalli – sdruciolavano e stramazavano travolti spesso dal cocchio – e anche a piú veloci mancava la lena; ma avrebbero perduto la gloria del mestiere ed il pane, né s'attentavano di pigliar fiato, e il polmone rigonfiavasi, il cuore palpitando scoppiava quasi dal petto, e il sangue fluttuava a gorgi impetuosi per le viscere e bolliva dentro il cervello, e qui pur correvano col viso di color pavonaccio vomitando sangue, e spiravano giovinetti – e i padri vostri s'affrettavano tuttavia co' loro cavalli a non far aspettare gli ospiti in villa.

E anche in città, e nelle vie piú frequentate, e non quando i padri vostri guidavano, ma quando guidava il loro cocchiere, il costume di colorare i piedi dei cavalli e le rote di sangue plebeo era trapassato in diritto – e non sangue di servi colpevoli di averlo volontariamente venduto; bensí di liberi e d'innocenti. Però mezzo secolo fa un generoso vostro

exaltar o Conde P., exatamente porque guiando uma quadrilha inglesa fazia perecer todos os lacaios, os quais, um após o outro, se gloriavam de morrer a serviço de tão poderoso senhor. Então, os lacaios de colete e calçados de tela branca de modo que não parecessem nus, e com um capacetinho de plumas de mil cores, corriam enfileirados, seguidos pelos cavalos – deslizavam e caíam com frequência, derrubados pelo coche – e também aos mais velozes faltava a energia; mas teriam perdido a glória da profissão e o pão, nem se atentavam em retomar fôlego, e o pulmão se enchia novamente, o coração palpitando quase saía do peito, e o sangue flutuava em moinhos impetuosos pelas vísceras e fervia no cérebro, e aqui corriam com o rosto na cor arroxeadada vomitando sangue, e exalavam juvenzinhos – e seus pais se apressavam, contudo, com os seus cavalos para não deixar os hóspedes esperarem em casa.

E também na cidade, e nas ruas mais frequentadas, e não quando seus pais guiavam, mas quando era o cocheiro deles quem guiava, o hábito de colorir os pés dos cavalos e as rodas de sangue plebeu era passado adiante por direito – e não sangue de servos culpados de tê-lo voluntariamente vendido, mas sim de libertos e de inocentes. Porém, meio século atrás, um generoso seu concidadão

<p>concittadino godava al popolo milanese:</p> <p style="padding-left: 40px;">Temi il non mai da legge, o verga, o fune Domabile cocchier, temi le rote, che già piú volte le tue membra in giro avvolser seco, e del tuo impuro sangue corser macchiate, e il suol di lunga striscia, spettacol miserabile!, segnaro.</p> <p style="padding-left: 40px;"><i>V'intendo dirmi: le sono ironie – e questa è poesia – poi d'allora in qua gli usi sono mutati – ma voi parlate sempre così risentito – v'affliggete; provocate nemici – e infamate la vostra patria.</i></p> <p style="padding-left: 40px;">È vero. Anzi ora non ho piú né cuore né polso – E è tardi, ed il watchman m'avvisa che è mezzanotte. Domani spero potrò continuare – e logicamente – e Dio voglia che l'analisi fredda de' vostri costumi non riesca piú obbrobriosa che quanto è riscaldata dalla poesia; non dissimulerò quanto si sono mutati, e come non è da imputarsi al</p>	<p>gozava do povo milanês:</p> <p style="padding-left: 40px;">Temas o 'nunca mais' de lei, ou vara, ou corda Domável cocheiro, temas as rodas, Que já muitas vezes os teus membros Circularam seco, e do teu impuro sangue Correr manchados, e o solo de longa listra, Espetáculo miserável!, marcado.⁸⁸</p> <p style="padding-left: 40px;"><i>Eu lhe entendo ao dizer-me: são ironias – e esta é poesia – pois de então para cá os usos mudaram – mas o senhor fala sempre assim ressentido – o senhor se aflige; provoca inimigos – e difama a Sua pátria.</i></p> <p style="padding-left: 40px;">É verdade. Aliás, agora não tenho mais nem coração nem pulso – E é tarde, e o watchman me avisa que é meia-noite. Amanhã espero que possa continuar – e logicamente – e Deus queira que a análise fria dos seus costumes não fique mais vergonhosa do que é riscaldata pela poesia; não dissimularei o quanto mudaram, e como não é de se recusar ao caráter, mas aos</p>
---	--

⁸⁸ Tradução minha. Versos de *Mattino*, de Giuseppe Parini (1729-1799).

carattere ma alle sciagure della nostra nazione se i patrizi non si potevano segnalare fuorché con la superbia delle ricchezze, con l'abuso dei titoli e con l'impunità delle colpe. – Alle loro inimicizie sono assuefatto – vado a dormire.

Venerdì 18 luglio

III. Il corriere di stasera parte co' due primi numeri; e martedì ne manderò tre; due poco importanti, e saranno questo e il seguente – ed uno ove m'ingegnerò a farvi vedere un po' chiaro nelle torbidissime fonti de' nostri costumi, e farveli paragonare co' forestieri; e lo vado scrivendo, ogni mattina a mente chiara, a pezzi per pezzi, ed adagismo. E intanto stasera e domani sera mi difenderò della troppa poesia – e domani dell'incolpazione che voi mi date dell'ironia...

TEORIA DEL <<BON TON>>

V.

*Ut cum carceribus sese effudere
quadrigae
Addunti in spatia: et frustra
retinacula tendens
Fertur equis auriga, neque audit
currus habenas.
VERGIL., Georg., I, 512-4*

Adunque procediamo logicamente.

Gli uomini generalmente, da

infortúnios da nossa nação se os patrícios não podiam assinalar a não ser com a soberba das riquezas, com o abuso dos títulos e com a impunidade das culpas. – Às suas inimizadas estou acostumado – vou dormir.

Sexta-feira, 18 de julho

III. O carteiro desta noite parte com os dois primeiros números; e terça-feira mandarei três dele; dois pouco importantes, e serão este e o seguinte – e um no qual tentarei fazer-lhe ver um pouco claramente nas turbidíssimas fontes dos nossos costumes, e fazer-lhe compará-los com os forasteiros; e o vou escrevendo, cada manhã de mente clara, parte por parte, e adagismo. E, enquanto isso, hoje à noite e amanhã à noite me defenderei do excesso de poesia – e amanhã do inculpamento que o senhor me dá pela ironia...

TEORIA DO <<BON TON>>

V.

*Ut cum carceribus sese effudere
quadrigae
Addunti in spatia: et frustra
retinacula tendens
Fertur equis auriga, neque audit
currus habenas.
VERGIL., Georg., I, 512-4*

Então, procedamos logicamente.

Os homens, geralmente, com poucas exceções, estudam a ponto

poche eccezioni in fuori, si studiano di chiamare a sé gli occhi del popolo – sentono come la novità solleciti sempre la curiosità – vedono che il vestir nuovamente, camminare, parlare ecc. diversamente sono espedienti piú vistosi degli altri e piú agevoli – e però se ne giovano tutti quelli che alla vanità umana aggiungono un po' di danaro e un po' d'ozio.

I pochi che hanno molto danaro abusano della novità – e avendo molt'ozio se ne svogliono presto, e promuovono nuove invenzioni – la loro vanità si converte ragionevolmente in orgoglio – onde per non essere imitati dalla moltitudine aggiungono il lusso e la pompa.

Que' rari che hanno magnificenza di cuore, ed eleganza d'ingegno, da ben profittare delle ricchezze e del lusso, diventano arbitri della Moda – e la raffinano, e le danno leggi, che, quantunque sembrino incerte, sono nella loro essenza immutabili – e deriva, in lor naturale e quasi inimitabile, quella gentilezza d'usi, di fogge, di parole, di modi e di commercio sociale che i Francesi chiamano *bon ton*, gl'Inglese credo *high life* – e ch'io tradurrei volentieri

de chamarem para si os olhos do povo – sentem como se a novidade solicite sempre a curiosidade – veem que o vestir-se singularmente⁸⁹, caminhar, falar etc. diferentemente são expedientes mais vistosos dos outros e mais facilitados – e porém, favorecem-se disso todos aqueles que à vaidade humana juntam um pouco de dinheiro e um pouco de ócio.

Os poucos que têm muito dinheiro abusam da novidade – e tendo muito ócio se cansam logo disso, e promovem novas invenções – a vaidade deles se converte racionalmente em orgulho – por isso, para não serem imitados pela multidão, acrescentam o luxo e a pompa.

Aqueles raros que têm magnificência de coração, e elegância de pensamento, de bem aproveitar as riquezas e o luxo, tornam-se árbitros da Moda – e a refinam, e as dão leis, que, mesmo que pareçam incertas, são em sua essência imutáveis – e deriva, em sua natural e quase inimitável, aquela gentileza de usos, de maneiras de se vestir, de palavras, de modos e de comércio social que os Franceses chamam *bon ton*, os ingleses creio *high life* – e que eu

⁸⁹ Foscolo traz uma nota para o vocábulo “nuovamente”: “in maniera singolare”. (FOSCOLO, 1978, p. 72)

<p>eleganza signorile, sí amabilmente expressa da Dante quand'ei desiderava in Italia</p> <p>Le donne, i cavalier, gli affanni e gli agi Che ne invogliano amore e cortesia.</p> <p>Ma ne' paesi ove tutti hanno opportunità di farsi ammirare per l'eloquenza o il valore o le dignità, la signorile eleganza – e imitada e guardata como lume grazioso che i pittori chiamano velatura – alletta occhi altrui e provoca piú emulazione che invidia.</p> <p>E cosí parmi sia in Inghilterra.</p> <p>Ne' paesi dove i ricchi hanno occasioni di farsi guardare per la loro eloquenza, il valore e le dignità, essi quando possono avere magnificenza elegante, se ne giovano senza vantarsene; e cosí è in Inghilterra.</p> <p>Ne' paesi dove il danaro trapassa velocissimo per tutte le case e le inaffia como rigagnoli d'un gran fiume tutti i prati d'intorno, ogni cittadino tenta allora d'imitare la eleganza – e</p>	<p>traduziria com gosto como elegância senhoril, tão amavelmente expressa por Dante quando ele desejava na Itália</p> <p>Cavaleiros e damas, glória rara, Que inspiram amor e cortesia.⁹⁰</p> <p>Mas nos lugares onde todos têm oportunidade de fazer-se admirar pela eloquência ou o valor ou as dignidades, a senhoril elegância – e imitada e vislumbrada como lume gracioso que os pintores chamam veladura – desperta olhares alheios e provoca mais emulação que inveja.</p> <p>E assim me parece que seja na Inglaterra.</p> <p>Nos lugares onde os ricos têm ocasiões de deixarem-se observar pela sua eloquência, o valor e as dignidades, esses quando podem ter magnificência elegante, se favorecem disso sem se vangloriarem; e assim é na Inglaterra.</p> <p>Nos lugares onde o dinheiro penetra de forma muito rápida por todas as casas e as banha como córregos de um grande rio todos os prados ao redor, cada cidadão tenta, então, imitar a elegância – e assim é na Inglaterra.</p>
--	---

⁹⁰ Versos de *Purgatório*, XIV, 109-110, de “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri. Alteração realizada verso 110 (Vide capítulo sobre Análise da Tradução. ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. [Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro]. São Paulo: Atena Editora, 2003.

cosí è in Inghilterra.

Dove le leggi sono inesorabili per tutti, e quindi l'infamia delle pene è piú terribile a' ricchi, il pudore nelle donne, e l'onore negli uomini giova spesso invece di bargello e di carcere, e i poveri ammirano i ricchi e i ricchi rispettano i poveri – e tutt'al piú si deridono reciprocamente – e cosí é in Inghilterra.

Dove ogni magnificenza ed il lusso deriva da una corte scostumata e dispótica, e pochi possono emularla, il popolo si contenta del pane, e quando anche il pane gli è tolto, rivoltasi, e inventa mode peggiori; però le donne in Francia si vestivano à *la guillotine* e legavano le Grazie e le Furie ad un nodo.

Ma dove le leggi come in Italia non punivano che la plebe, la magnificenza ed il lusso non poteano avere il pudore e l'onore per freno – ed allora i nobili bresciani si gloriavano d'avere degli sgherri che trucidavano impunemente le persone – i nobili milanesi facevano scoppiare a piè de' loro cavalli i lacchè – i cardinali volevano aver il privilegio di dar...perché il bargello non pigliasse gli omicidi presso di loro ecc. ecc. – e cosí allora i costumi della nobiltà

Onde as leis são inexoráveis para todos, e, portanto, a infâmia das penas é mais terrível aos ricos, o pudor nas mulheres, e a honra nos homens, ao contrário, se aproveita do oficial de polícia e do cárcere, e os pobres admiram os ricos e os ricos respeitam os pobres – e todos além do mais gozam uns dos outros reciprocamente – e assim é na Inglaterra.

Onde toda magnificência e o luxo deriva de uma corte desacostumada e despótica, e poucos podem emulá-la, o povo se contenta com o pão, e quando também o pão lhes é tirado, se revolta, e inventa modas piores; porém, as mulheres na França se vestiam à *la guillotine* e ligavam as Graças e as Fúrias em um enlace.

Mas onde as leis como na Itália não puniam a não ser a plebe, a magnificência e o luxo não podiam ter o pudor e a honra como freio – e então os nobres brescianos se gloriavam por terem capangas que trucidavam impunemente as pessoas – os nobres milaneses faziam explodir aos pés de seus cavalos os lacaios – os cardeais queriam ter o privilégio de dar...para que o oficial de polícia não roubasse os homicidas nas suas fronteiras etc. etc. – e assim, então, os costumes

facevano appunto come i vostri cavalli inglesi. Così l'uomo al quale basta prima d'essere guardato, desidera d'essere ammirato, poi rispettato, poscia temuto e finalmente si compiace d'essere esecrato dagli altri.

La rivoluzione in vent'anni fece all'Italia il bene che le Crociate fecero all'Europa. I teorici declamavano contro le Crociate, poi s'accorsero che per esse l'Europa uscì dal governo feudale.

Bonaparte aprì alla gioventù la carriera e la gloria delle armi e la vice-regina d'Italia, la più amabile e la più ingenua e la più bella fra le figlie dei re, diede esempi di costumi. Ma Bonaparte alle grandi qualità che lo innalzarono aggiunse quelle doti plebee che lo precipitarono – fra le quali l'essere incettator di gazzette – incettatore di cacao e zucchero – e superstizioso della nobiltà.

XV.

*Iam mens praetrepidans avet
vagari.*
CATULLO

Così mi s'è aperto dinanzi agli occhi un, direi, Eliso terrestre nel

da nobreza faziam exatamente como os seus cavalos ingleses. Assim, o homem ao qual basta antes ser observado, deseja ser admirado, depois respeitado, em seguida temido e, finalmente, se compadece de ser execrado pelos outros.

A revolução em vinte anos fez para a Itália o bem que as Cruzadas fizeram para a Europa. Os teóricos declamavam contra as Cruzadas, depois se deram conta de que para eles a Europa saiu do governo feudal.

Bonaparte abriu à juventude a carreira e a glória das armas e a vice-rainha da Itália, a mais amável e a mais ingênua e a mais bela entre as filhas do rei, deu exemplos de costumes. Mas Bonaparte, às grandes qualidades que o ergueram juntou aqueles dotes plebeus que o precipitaram – entre os quais ser incitador de gazetas – incitador de cacao e açúcar – e supersticioso da nobreza.

XV.

*Iam mens praetrepidans avet
vagari.*
CATULLO

Assim se abriu diante dos meus olhos um, diria, Elísio terrestre no

quale per altro io non mi spero di poter mai passeggiare – e quand’anche, mi ci vorrebbe tempo, e intanto il brio e il lume della gioventú se ne va. Godiamo voi ed io di quel po’ abbiamo potuto imparare dalla bellissima giovane. Tanto piú che né voi potreste tornar qui o rimanervi per anni, e dall’altra parte allorché ci siete stato per tre settimane avete adempiuto all’intento vostro. Voi in Inghilterra ci siete già stato per tre settimane – e il conte C*** per quattro – e il marchese V*** per cinque – e altri cosí – fra’ quali a’ dí scorsi il marchese C*** esaminò l’Inghilterra nell’*Hôtel Sablonière* e non usciva mai che per vedere il bel mondo nel circuito di *Leicester Square* e bastavagli. S’annoio; e dopo quindici giorni partí a ridire e giurare e confermare l’antica novella dell’ospitalità degl’Inglesi. Ma voi, Contino mio, vi siete affaticato correndo a vedere il paese col volo e l’occhio dell’aquila e avendo conversato con postiglioni e con osti, non potete parlare che della ruvidità degl’Inglesi – e il marchese C*** e voi vi siete doluti della venalità di tutti e di tutte.

E cosí va fatto, da che è pur moda e anche inglese. Anzi, per dir giusto, l’andare e tornare volando è oggi in tutta l’Europa un indizio *du suprême bon ton*. Per lo

qual eu não espero de nunca poder passar – e quando também, disso precisaria de tempo, e, contudo, o brio e o lume da juventude se vão. Gozamos, o senhor e eu, daquele pouco que pudemos aprender da belíssima jovem. Tanto mais que nem o senhor poderia voltar aqui ou permanecer por anos, e de outra parte quando ficou aqui por três semanas o senhor cumpriu o seu intento. O senhor, na Inglaterra, ficou por três semanas – e o conde C*** por quatro – e o marquês V*** por cinco – e outros assim – entre os quais, dias atrás, o marquês C*** examinou a Inglaterra no *Hôtel Sablonière* e não saía nunca a não ser para ver o bel-mundo no circuito de *Leicester Square* e isso lhe bastava. Aborreceu-se; e depois de quinze dias começou a contestar e jurar e confirmar a antiga notícia da inospitalidade dos Ingleses. Mas o senhor, meu Condezinho, está cansado de ir ver o país com o voo e o olho da águia e tendo conversado com carteiros e com hospedeiros, não pode falar a não ser da rispidez dos Ingleses – e o marquês C*** e o senhor ficaram doídos pela venalidade de todos e de todas.

E assim segue, do que é tido por moda e também inglês. Aliás, para ser justo, o ir e vir voando é, hoje, em toda a Europa um indício *du suprême bon ton*. No mais, viajantes assim feitos levam

piú sî fatti viaggiatori portano seco fuori di casa loro tutte le virtù, eccettuata l'indulgenza, perch'ei se la serbano da poterla esercitare assai piú utilmente con le lor Dame. E intanto vedono a Milano, a Firenze e altrove le contesse A-B-C-D sino al Z, che assordano l'aria e tutte le vie col fracasso e la pompa delle carrozze – e saltando da baccanti ne' balli – e sfoggiando nelle veglie e ne' palchetti in teatro dinanzi i forestieri allo splendore di mille lumiere i loro vezzi invecchiati per la gioventú del paese, aspirano non potend'altro alla celebrità dell'infamia. Però i forestieri tornano attoniti dell'inverecondia delle Italiane. Ma scioperati! a voi bastano le lettere dell'abbicì a registrare ne' vostri itinerati le venti o ventiquattro che fanno chiasso per mille; ma a contare le vereconde vi bisognerebbero numeri – e non le trovereste mai fra quelle poche che sole ne' pochi giorni della vostra dimora possono darvi nell'occhio. Le cittadine italiane alle quali la mediocrità della fortuna concede moderate passioni e modestissima vita hanno piú desiderio e piú agio da coltivare il loro ingegno e il loro cuore, e tremerebbero d'aprire la loro stanza a sfaccendati, impertinenti, curiosi, impudenti, fastosi quali pur siete, e lasciarvi vedere quando le stanno lunghe ore sedute con gli occhi intenti or ad un libro e or al viso del loro

consigno para fora de casa todas as suas virtudes, com exceção da indulgência, porque eles a conservam para poder exercitá-la muito mais utilmente com as suas Damas. E, enquanto isso, veem em Milão, em Florença e onde quer que estejam as condessas A-B-C-D até o Z, que ensurdecem o ambiente e todas as ruas com o fracasso e a pompa das carruagens – e fazendo-se de bacantes nos bailes – e desfilaro nas festas de salão e nos palquinhos no teatro em frente aos forasteiros ao esplendor de mil luminárias os seus vícios envelhecidos pela juventude do país, aspiram, não podendo outra coisa, à celebridade da infâmia. Porém, os forasteiros retornam atônitos pela indecência das Italianas. Mas preguiçosos! ao senhor bastam as letras do ABC para registrar em seus percursos as vinte ou vinte e quatro que fazem barulho por mil; mas contando as indecências lhe seriam necessários números – e não as encontraria nunca entre aquelas poucas que, habitadas nos poucos dias de sua estada, podem lhe dar aos olhos. As cidadãs italianas às quais a mediocridade da sorte concede moderadas paixões e modestíssima vida têm mais desejo e mais tempo para cultivar o seu intellecto e o seu coração, e tremeriam em abrir a sua sala a desocupados, impertinentes, curiosos, despidorados, luxentos

bambino dormente. Ma questo di proverbare la fama delle donne forestiere era mestiero anche de' viaggiatori antichissimi e se ne veggono indizi in un frammento di un comico greco.

Ospite riedi a Sparta e di Medea
Narra e di Dante ingorda d'oro e
d'altre

Le buone; or va: qui l'ottima è
colei

Che molto in casa e poco in piazza
è nota.

Peraltro io ammiro – e in buona fede – ammiro chiunque adempie il suo scopo risparmiando il più che si può le tre cose le più care alla vita: oro, tempo e riposo. Or chi viaggia per moda non ha di mira se non il ritorno e si strugge di riaffacciarsi rinnovato di abiti, d'usi e di fama e poter raccontare

Le novità vedute, e dire: Io fui.

Ma voi beato! beatissimo più degl'Inglese, a' quali per essere arruolati almen da gregari nell'esercito della moda tocca correre ameno mezza l'Europa, né

come também o senhor o é, e lhe deixar ver quando estão longas horas sentadas com os olhos atentos ora num livro e ora diante de seu filho que dorme. Mas isto de proverbiar a fama das mulheres forasteiras era tarefa também dos viajantes antiquíssimos e veem-se indícios disso num fragmento de um comediante grego.

Hóspede, resides em Esparta e de
Medeia

Narra e de Dante cobiça ouro e
outras

As boas; ora segue: aqui a ótima é
aquela

Que muito em casa e pouco na
praça é notada.

Por outro lado eu admiro – e em boa fé – admiro aquele que cumpre o seu objetivo economizando, o mais que pode, as três coisas mais caras na vida: ouro, tempo e repouso. Agora, quem viaja por moda não tenciona se não o retorno e se consuma em se mostrar novamente, renovado de roupas, de hábitos e de fama e poder contar

As novidades vistas, e dizer: Eu
fui.

Mas bendito é o senhor! bendito mais ainda que os Ingleses, aos quais por serem chamados ao menos de gregários no exército da moda devem correr, pelo menos, meia Europa, nem se

s'attentano di troppo ostentare o promuovere a spada tratta usanze straniere; né fare le cose strane delle quali imbizzarriscono allorché sono nel continente come uno ch'io vidi andare attorno in Italia col cappellino da donna.

Invece a voi, Contino mio caro, a farvi invidiare dal vostro bel mondo bastano quattro mesi fra andata e ritorno; e se disprezzate gli usi, gli artefici e i libri italiani, se affettare di impazzare in casa vostra come alcuni Inglesi impazzano di casa loro, voi siete esaltato Eroe della moda.

Ed ecco come godete de' vostri allori pacifico – mentre la disgraziata mia gamba e la moda mi riducono piú infelice de' piú infelici Eroi della Grecia – mentre il bel mondo inglese che da mezzo gennaio in qua godeva delle veglie, de' conviti, de' balli, dello strepito, delle nebbie, del fumo e dei clubs di Londra, è costretto a' primi caldi della stagione a disperdersi, agitato dalla Moda che corre la città cavalcando un ronzone di posta e, scoppiettando con la frusta, desta chi dorme, e sferza chi non si muove e imperversa:

Non altrimenti fatta che d'un vento

percebem de tanto ostentar ou promover com grande determinação os hábitos estrangeiros; nem fazer as coisas estranhas das quais ficam bizarros quando estão no continente como alguém que eu vi ir por toda a Itália com chapeuzinho de mulher.

Ao contrário, para o senhor, meu caro Condezinho, para lhe deixar com inveja do seu belo-mundo bastam quatro meses entre ida e volta; e se despreza os hábitos, os artificios e os livros italianos, se fingir enlouquecer em sua casa como alguns Ingleses enlouquecem em suas casas, o senhor é exaltado Herói da moda.

E eis como goza dos seus louros pacificamente – enquanto a desgraçada da minha perna e a moda me tornam o mais infeliz dos infelizes Heróis da Grécia – enquanto o belo-mundo inglês que, de meados de janeiro para cá gozava das festas de salão, dos convites, dos bailes, da algazarra, da ignorância, da fumaça e dos *clubs* de Londres, é obrigado, aos primeiros calores da estação, a dispersar-se, agitado pela Moda que percorre a cidade cavalcando um pangarezinho de correios e, batendo com o chicote, acorda quem dorme, e castiga quem não se mexe e se zanga:

O tufão assim freme impetuoso,
Que, de ardores contrários se

<p>impetuoso per gli avversi ardori, che fier la selva e senza alcun rattento i rami schianta, abbatte e porta i fiori: dinanzi polverosa va superba e fa fuggir le dame e gli amadori.</p> <p>Chi rifugge alle sue ville – chi alle altri – chi alle locande della campagna – chi a’ bagni di Bath o di Cheltenham – e chi a bagnarsi lungo le spiagge dell’Oceano, e dame e donne e bambini a sei a dodici con le nutrici e ragazze a frotte come se le fuggissero dal monastero, ed aie ed avolte con i medici,</p> <p>movon battendo l’aure di clamori quasi stormi d’augei. Cosí campate al verno e alla rovina delle piove schiamazzano le gru quando alla zuffa rinfieriscon piú ardite in primavera e dritto all’Oceàn tendono l’ali a dar guerra a’ Pigmei; odi per l’alto dividersi alle strida orride l’aere.</p>	<p>excitando, Sem pausa fere selva, e furioso, Quebrando ramas, flores arrancando, Entre nuvens de pó soberbo assalta damas, amadores e lanoso bando.⁹¹</p> <p>Quem foge de suas vilas – quem das outras – quem nas pousadas do campo – quem nas termas de Bath ou de Cheltenham – e quem ao banhar-se ao longo das praias do Oceano, e damas e mulheres e crianças de seis a doze com as amas de leite e moças em grupos como se fugissem do monastério, e aias e envoltas com os médicos,</p> <p>gritando avançam: tal se eleva às nuvens Dos grouos o grasno, que em aéreas turmas, Da invernada e friagens desertores, Contra o povo Pigmeu com ruína e morte, O Oceano transvoam. Desejosos De entreajudar-se, tácitos os Gregos, Força e coragem respirando, marcham.⁹²</p>
--	---

⁹¹ Versos de *Inferno*, IX, 67-72, de “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, com adaptação no verso 72 (Vide capítulo sobre Análise das Traduções). ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. [Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro]. São Paulo: Atena Editora, 2003.

Dissi dame e donne, dacché per le ragioni assegnatevi nel numero precedente qui alle volte la figliuola di un bottegaio non vuol giurare fedeltà coniugale se lo sposo non le promette innanzi tratto ch'essa e si signorini futuri andranno per un paio di mesi *to enjoy the beauty of the country*, e a rifarsi in salute a' bagni di mare. – Ridete? Ma venti ani fa le madri e le suocere patrizie in Italia non ottenevano forse che il notaro nella scritta dotale rogasse che una giovinetta allevata fino allora al candore e al pudore, avrebbe avuto diritto di scegliersi a genio della madre e della suocera un cavaliere servente ed un confessore? Ed erano indispensabili affinché la sposa non fosse dissimile dalla suocera e dalla madre. Il cavaliere servente le faceva a un tratto smarrire la ridicola semplicità del candore – e il confessore avvezavala a poco a poco a raccontare senza pudore i suoi falli – a saldare i debiti con la coscienza, ed a farne con piú fiducia degli altri. – È vero che qui si trattava di bottegai, e in Italia era affare per patrizi. – Ed intanto il bel mondo inglese va al mare – Taluni ammalano e passando il mare a invocare le Naiadi minerali d'Aquisgrana e di Spa – chi corre in Olanda a compiacersi della bella

Disse damas e mulheres, já que pelas razões estabelecidas ao senhor aqui no número precedente, às vezes a filhinha de um comerciante não quer jurar fidelidade conjugal se o esposo não lhe prometer, diante de um pacto, que, se casados, futuramente irão por alguns meses *to enjoy the beauty of the country*, e a repor-se a saúde em banhos de mar. – O senhor ri? Mas há vinte anos as mães e as sogras patricias na Itália não obtinham talvez o notário na escritura do dote que rogasse como uma jovenzinha alimentada até então sob o candor e o pudor, teria direito de escolher para si sob o comando da mãe e da sogra um cavaleiro servente e um confessor? E eram indispensáveis até que a esposa não fosse diferente da sogra e da mãe. O cavaleiro servente lhe fazia de repente abandonar a ridícula simplicidade da candura – e o confessor a acostumava pouco a pouco a contar sem pudor os seus erros – a saldar os débitos com a consciência, e a fazer isso com mais confiança nos outros. – É verdade que aqui se tratava de comerciantes, e na Itália era função para patricios. – E, enquanto isso, o bel-mundo inglês vai para a praia – Alguns adoecem

⁹² Versos da *Ilíada* (III) de Homero. Tradução de Manoel Odorico Mendes. In.: *Clássicos Jackson*, vol. XXI. Versos 2-8.

unione de' cattolici fiamminghi e di tanti eretici d'ogni setta – chi va a Parigi a godere dello spettacolo de' gladiatori nella Camera de' Deputati – chi va a venerare per cinque o sei settimane la patriarcale integrità degli Svizzeri e l'austerità magnifica della natura, e arrampica per quelle montagne

Con la moglie e l'ancella, i figli e il cane,

e poi stampa un itinerario e narra al mondo ch'ei vi è salito

cum sociis natoque, penatibus et magnis Dîs.

Chi per vedere la cattedrale di Colonia, innanzi che i Prussiani la lascino andare in rovina, parte di Oxford o di Cambridge con cento lire ed avendone consumate cinquante fino ad Anversa, torna prudentissimo indietro – chi si contenta di bere alla salute della Moda una dozzina di bottiglie all'Hôtel Dessein a Calais – e chi non sa dove andare, va ad ogni modo – e chi non può, si rimpiatta in casa a finestre chiuse e ad orecchie incerate come i compagni d'Ulisse per non udire lo

e passando o mar a invocar as Náiades minerais de Aquisgrana e de Spa – quem corre para a Holanda a deleitar-se com a bela união dos católicos flamingsos e de tantos hereges de cada seita – quem vai a Paris para gozar do espetáculo dos gladiadores na Câmara dos Deputados – quem vai venerar por cinco ou seis semanas a patriarcal integridade dos Suíços e a austeridade magnífica da natureza, e se cansa por aquelas montanhas

Com a mulher e a serva, os filhos e o cachorro,

E depois imprime um itinerário e narra ao mundo que ele subiu

*cum sociis natoque, penatibus et magnis Dîs.*⁹³

Quem para ver a catedral de Colônia, antes que os Prussianos a deixem cair em ruínas, parte de Oxford ou de Cambridge com cem liras e tendo consumido cinquenta até Anversa, dá meia volta com muita prudência – quem se contenta em beber à saúde da Moda uma dúzia de garrafas no Hôtel Dessein em Calais – e quem não sabe onde ir, vai de qualquer forma – e quem não pode, esconde-se em casa com as janelas fechadas e orelhas enceradas como

⁹³ Citação de Virgílio, Aen., III, 12.

<p>schiozzettare del frustino della Moda; e se l'ode, rimpiazzati non so dove, e le donne che n'han piú paura</p>	<p>os colegas de Ulisses para não ouvirem o escopetar do chicote da Moda; e se a ode, substituída não sei onde, e as mulheres que não têm mais medo</p>
<p>Come le rane innanzi alla nemica Biscia per l'acqua si dileguan tutte.</p>	<p>Quais rãs, divisando a cobra imiga, Todas das água no seio desaparecem.⁹⁴</p>
<p>Ed io? eccomi qui dannato come il povero Teseo a sedere immobilmente e a dolorare impedito d'un piede e relegato in un'isola come il povero Filottete – e se potrò movermi e uscire di casa, sarò come il povero Bellerofonte il quale dal giorno</p>	<p>E eu? eis-me aqui danado como o pobre Teseu a sentar-se imovelmente e a sentir dor impedito por um pé e relegado numa ilha como o pobre Filótetes – e se poderei mover-me e sair de casa, serei como o pobre Bellerofonte o qual do dia</p>
<p>Che fu da tutti abbandonato i Numi Per la campagna degli Alei vagava Osolo; e si ritraea donde mirava Vestigio d'uomo, e il suo cor divorava.</p>	<p>Que fui por todos abandonado os Númios Pelo campo dos Alei vagava Ósolo; e se retrai de onde olhava Vestígio de homem, e o seu coração devorava.</p>
<p>Londra brulica tuttavia d'un milione e piú di mortali: ma guai se mi approssimassi a un di loro – se non dicessi che Londra è un deserto – e se si sapesse ch'io non sono andato in campagna. Noi, esercito della Moda, abbiamo per sacramento l'obbligo di osservare e ridire se tutti ed uno per uno i</p>	<p>Londres ferveilha, todavia, de um milhão e mais de mortais: mas ai se eu me aproximasse de um deles – se não dissesse que Londres é um deserto – e se soubesse que eu não fui ao campo. Nós, exército da Moda, temos por sacramento a obrigação de</p>

⁹⁴ Versos de *Inferno*, IX, 76-77, de “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri. ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. [Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro]. São Paulo: Atena Editora, 2003.

<p>nostri commilitoni fanno o no il debito loro. Onde come potrò salire in carrozza, viaggerò sino ad una casuccia che ho tolto a pigione tre miglia fuori di città tanto da poter dire anch'io che sono stato in campagna.</p>	<p>observar e repetir se todos e um por um dos nossos co-militares cumprem ou não o débito deles. Por isso, como poderei subir na carruagem, viajarei até uma casinha que tomei por aluguel a três milhas fora da cidade de modo a poder dizer que eu também fui ao campo.</p>
---	--

CAPÍTULO III

Neste capítulo, é feita uma reflexão acerca do traduzir, levantando os maiores problemas encontrados ao longo das traduções dos ensaios aqui evidenciados, partindo das ideias propostas por Berman (1995, 2012) sobre a tradução da letra.

3 O ESTRANGEIRO NO TEXTO DE CHEGADA E A TRADUÇÃO DA LETRA

A obra literária de Foscolo é ainda pouco conhecida no Brasil, se considerarmos as poucas traduções de obras suas publicadas em português brasileiro. A primeira tradução de Foscolo no Brasil teria sido feita em 1842, pelo italiano Luiz Vicente De Simoni, natural de Gênova e estabelecido no Rio de Janeiro. De Simoni traduziu o carme epistolar *Dei Sepolcri* (1807), e o publicou juntamente com a tradução de obras de Ippolito Pindemonte (1733-1828) e Giovanni Torti (1774-1852), todos sobre o mesmo tema, ou seja, túmulos (BUONAFINA, 2006). Outras traduções disponíveis em português do Brasil são da obra *Dei Sepolcri* [Os Sepulcros], empreendida por Gleiton Lentz⁹⁵, e *Ultime lettere di Jacopo Ortis* [As últimas cartas de Jacopo Ortis], tradução de Andréia Guerini e Karine Simoni⁹⁶. Outra tradução de *Ultime lettere di Jacopo Ortis*, embora não integral, foi realizada em forma de tese acadêmica por Maria Tereza Buonafina⁹⁷, em 2006, pela Universidade de São Paulo.

A produção de Foscolo abrangeu desde poesia até ensaios críticos, abordando os mais diversos temas, tais como política, sociedade, revoluções, etc. Traduzir suas obras, em especial aquelas que

⁹⁵ LENTZ, Gleiton. *Dei Sepolcri/Os Sepulcros*. In.: **Alea – Estudos Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 jul. 2016.

⁹⁶ FOSCOLO, Ugo. **As últimas cartas de Jacopo Ortis**. [Org. Marco Lucchesi, Trad. Andréia Guerini e Karine Simoni]. São Paulo: Rocco Jovens Leitores, 2015.

⁹⁷ BUONAFINA, Maria Tereza. **As Ultime Lettere di Jacopo Ortis de Ugo Foscolo**: tradução comentada e anotada de seleção da obra. Dissertação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

ainda não possuem tradução para o português, poderia contribuir para a inserção de Foscolo no Brasil e para o estreitamento da relação entre as culturas brasileira e italiana.

Na tentativa de trazer os elementos do texto de partida para o texto traduzido, primando pela originalidade do texto, especialmente de estilo, na língua de chegada, buscou-se traduzir os textos *Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo* e *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese* sob a ótica da tradução da letra, proposta por Berman (2012).

Considero ambos os ensaios como textos literários, ou seja, tomo ambos os *Saggi* de Foscolo como pertencentes à Literatura, visto que as características textuais, principalmente as estilísticas, me permitem enquadrar os dois ensaios como textos literários. Antes de iniciarmos as reflexões sobre a tradução destas obras, é válido considerar o conceito de Tzvetan Todorov (2013) sobre Literatura, reforçando a ideia do que seja um texto literário: “A Literatura é, e não pode ser outra coisa, senão uma espécie de extensão e de aplicação de certas propriedades da Linguagem” (TODOROV, 2013, p. 53). Sendo, pois, a Literatura a aplicação de propriedades da Linguagem, por que não considerar os dois ensaios de Ugo Foscolo como pertencentes à Literatura, considerando toda a primazia de sua prosa e a riqueza de seu estilo?

As *Lettere scritte dall'Inghilterra* possuem características, especialmente em sua linguagem, que são encontrados em textos considerados literários. As rimas utilizadas pelo autor, o jogo de palavras e de pensamento empregado nos textos, assim como a ironia sentida nas linhas das *Lettere*, remontam a textos qualitativamente literários e que devem aparecer na tradução aqui proposta.

Miller, ao dissertar sobre o conceito de tradução, afirma que “translation: the word means, etymologically, ‘carried from one place to another’, transported across the borders between one language and another, one country and another, one culture and another”⁹⁸ (1996, p. 207). Daí porque traduzir Foscolo para o português pode contribuir para a compreensão dos fenômenos literários, históricos, sociais e culturais presentes na sociedade da época.

Ao falar sobre o ato de traduzir, Miller (1996) afirma que o texto de partida é transportado de uma cultura a outra por alguém que pertence a outra cultura que não aquela da língua de partida. Diz o autor que “a work is, in a sense, “translated”, that is, displaced, transported,

⁹⁸ [...] tradução: a palavra significa, etimologicamente, ‘levada de um lugar a outro’, transportada pelas fronteiras entre uma língua e outra, um país e outro, uma cultura e outra.

carried across, **even when it is read in its original language by someone who belongs to another country and another culture or to another discipline**”⁹⁹ (1996, p. 207, *negritos meus*). Nesse sentido, a tradução pode acontecer de modo implícito, não necessariamente por meio de uma tradução escrita, mas inclusive quando determinado conteúdo é lido por alguém que não fala aquele idioma e / ou que não pertence à área/disciplina do texto. Ou seja, a tradução ocorre, nesta situação, de forma mental visto que o leitor necessita levar para a sua realidade o conteúdo abordado em tal texto.

Berman (2002, p. 17) ressalta que “traduzir é, obviamente, escrever e transmitir. Mas essa escritura e essa transmissão só ganham seu verdadeiro sentido a partir da visada ética que as rege”. O crítico aborda a ética da tradução acompanhada do ato de traduzir e sobre sua “fidelidade”, sendo esta definida a partir do resgate, da afirmação e da defesa da pura visada tradução, a qual seria o escopo de realizar um texto traduzido sem estar impregnado de ideologias e olhares que possam tirar o sentido do texto de partida no texto transportado para outra língua/cultura. Sendo assim, a tradução desejada seria a tentativa de escrever, na língua de recepção da tradução, o que o autor do texto primeiro almejou escrever e passar a seus leitores.

Um dos grandes problemas enfrentados pelos tradutores é a diferença cultural entre as sociedades e a busca por correspondentes nem sempre é de sucesso, necessitando de recursos que possam contribuir com a qualidade do texto traduzido. Tais recursos estariam em vários pontos do texto, iniciando com o tipo de vocabulário empregado até os recursos estilísticos utilizados no texto de partida e que devem estar na tradução a fim desta manter os traços essenciais que consigam carregar as características autorais. Ao falar sobre os desafios da tradução, Britto afirma que:

Se as diferenças entre as línguas se resumissem a isso – o chamado “problema da nomenclatura” – traduzir seria muito fácil. A questão é que as diferenças entre as línguas já começam na própria estrutura do idioma, tanto na gramática quanto no léxico; isto é, na maneira de combinar as palavras

⁹⁹ [...] um trabalho é, num sentido, ‘traduzido’, isto é, deslocado, transportado, levado por meio, até mesmo quando é lido em sua língua original por alguém que pertence a outro país e a outra cultura ou a outra disciplina.

e no nível do repertório de “coisas” reconhecidas como tais em cada língua. (2012, p. 14)

Falamos aqui de “correspondentes” e não de “equivalentes”, visto que buscar equivalência entre idiomas é algo assaz difícil, até mesmo utópico, exatamente pelo motivo explanado por Britto no excerto acima. Deste modo, a busca por termos correspondentes entre a língua de partida e a língua de chegada é vista como algo mais atingível. Berman (2012, p. 84), em sua obra *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo*, afirma que “as equivalências de uma locução ou de um provérbio não os *substituem*. Traduzir não é buscar equivalências”. Berman também reflete sobre o ato de romantizar uma obra. Segundo ele, “a obra romântica musicaliza o *medium* da representação e confunde assim seu conteúdo objetal” (BERMAN, 2002, p. 210). Isso tem a ver com o estilo do texto e o “colorido” que ele apresenta: sonoridade das palavras, tais como as rimas e as aliteraões presentes. Foscolo, enquanto pertencente aos novos românticos, muito se utiliza de tais jogos de palavras, inversões, além de trazer em seus escritos palavras e expressões de outros idiomas, tais como o inglês, o francês e o próprio latim, marcando um ponto ainda de neoclássico. O uso de idiomas diversos foi mantido na tradução por mim proposta a fim de manter o máximo de caracterização da obra original, sendo esse um dos pontos de observação nos comentários da tradução.

Retornando à questão da equivalência entre os termos, temos, nas palavras de Barone (1996 apud SCHNAIDERMAN, 2011, p. 26) que, “a rigor, qualquer tradução é falsa, não existem equivalentes exatos” e “isto é culpa dos dicionários, que fizeram acreditar na existência de equivalentes, o que não é verdade”. As frases aqui citadas são da obra de crítica literária *Diálogos Borges-Sabato* (1996), extraídas exatamente de uma conversa entre os dois a respeito da questão de equivalência em tradução, quando ambos defendem a inexistência desta no ato de traduzir pelo fato da impossibilidade de se encontrar todos os termos para todas as palavras e/ou expressões na língua de chegada. Citam, inclusive, o verbo “amar” do castelhano para o francês, sendo que em francês pode-se “amar” uma comida, como um bife ou arroz. (SCHNAIDERMAN, 2011).

Para Berman (2012), é preciso fazer com que se cultive no leitor a “consciência-de-provérbio”, ou seja, no caso da existência de uma expressão na língua de partida, o tradutor deve mantê-lo na língua de chegada e não buscar um equivalente a fim de que o leitor tome ciência de que na cultura da língua de partida existe determinado modo de falar, por exemplo, e não uma sua espécie de adaptação no idioma para o qual

foi traduzido querendo dizer algo. Para Berman (2012), a consciência do estrangeiro é de grande relevância para os estudos da tradução. O estudioso afirma que é importante que se sinta o estrangeiro habitando no texto traduzido. A respeito da importância da existência do estrangeiro em uma tradução, Berman (2002) cita o alemão Herder, que afirma:

Não é para desaprender minha língua que aprendo outras; é para intercambiar meus hábitos de educação que viajo entre os povos estrangeiros; não é para perder a cidadania de minha pátria que me torno um estrangeiro naturalizado; se eu assim agisse, perderia mais com isso do que ganharia. Mas passeio nos jardins estrangeiros para colher neles flores para minha língua, como para a noiva na minha maneira de pensar: observo os costumes estrangeiros a fim de sacrificar os meus ao gênio de minha pátria, como tantos frutos amadurecidos sob um sol estrangeiro. (2002, p. 72-3)

“Sob um sol estrangeiro” é que a reflexão da tradução da letra se pauta, buscando valorizar as potencialidades do autor do texto de partida, indo desde a língua até o estilo de se expressar, tendo, pois, como função, não o tornar acessível uma obra na língua do público que a receberá, mas proporcionar a quem recebe a tradução a sensação como se estivesse lendo um texto “estrangeiro”, isto é, vindo de outra cultura/língua. Complementa Novalis: “Só compreendemos naturalmente tudo o que é estrangeiro por meio de um tornar-se estrangeiro – uma modificação em si”. (apud Berman, 2002, p. 192)

Tal modificação implica deixar latente o “estrangeiro”, fazê-lo presente no texto traduzido para que o leitor possa identificá-lo como sendo pertencente a outra cultura. No caso de Foscolo, percebemos em suas cartas um tom politizado forte e uso de estruturas sintáticas invertidas, bem como um vocabulário composto de palavras e expressões soltas na frase, mostrando um pensamento fragmentado. Contudo, levamos em consideração o que Humboldt disserta acerca do que vem a ser “estrangeiro” e a sensação de estranho em uma tradução:

Se a tradução deve trazer para a língua e o espírito da nação o que não possuem diferentemente, a primeira exigência é a da fidelidade. Essa fidelidade deve estar dirigida para o verdadeiro caráter de original e não [...] para o que há de accidental nele; da mesma forma, de um modo geral, toda boa tradução deve nascer de um amor

simples e sem pretensão pelo original [...] A esse ponto de vista está necessariamente ligado o fato de que a tradução carrega em si um certo colorido de estranheza, mas os limites a partir dos quais isso se torna um erro [...] são aqui muito fáceis de traçar. Por mais que se tenha sentido o estrangeiro, mas não a estranheza, a tradução terá atingido seus objetivos supremos; mas no lugar em que aparece a estranheza como tal, obscurecendo talvez o estrangeiro, o tradutor denuncia que não está à altura de seu original. (apud Berman, 2002, p. 276)

Desse modo, sentir o “estrangeiro” sem causar estranhamento seria o ponto ideal de uma tradução, conforme Berman afirma em sua obra *A prova do estrangeiro* (2002). Causar o estranhamento na leitura de uma obra traduzida não representa o estrangeiro, pois é necessário que o público da língua de chegada compreenda o que está escrito, mesmo sabendo tratar-se de um texto escrito em outro período de tempo, por um autor oriundo de outra cultura, etc.

No que concerne à fidelidade da tradução, existem muitas discussões a respeito, como afirma Britto:

Não há como negar que é impossível que uma tradução seja absolutamente fiel a um original, por todos os motivos enumerados pelos tradutólogos: um mesmo original pode dar margem a uma multiplicidade de leituras diferentes, sem que tenhamos um meio de determinar de modo absolutamente inquestionável qual delas seria a correta; o idioma do original e o da tradução não são sistemas perfeitamente equivalentes, de modo que nem tudo o que se diz num pode ser dito exatamente do mesmo modo no outro; e as avaliações do grau de fidelidade variam, uma mesma tradução de um mesmo original sendo avaliada positivamente por um leitor e negativamente por outro. Ou seja: não há e não pode haver uma verdade absoluta e incontestável. (2012, p. 36-7)

Mais uma vez o termo “equivalente” retorna à nossa reflexão nas palavras de Britto (2012), o qual corrobora com a nossa análise de que não se pode buscar equivalência entre os idiomas por estes serem diferentes entre si, seja em estrutura, seja em sua própria cultura trazida dentro da obra a ser traduzida. Contudo, podemos buscar termos

correspondentes no idioma de chegada, sem necessariamente facilitar a leitura para o leitor do texto traduzido. Deste modo, “uma boa tradução deveria provocar em seu leitor o mesmo efeito provocado no leitor do original. Ou seja, se existe correspondência em tradução, ela estaria em produzir na nova língua uma correspondência de percepção” (ANDRADE, 2015, p. 346).

Tal correspondência de percepção é o que se intentou realizar neste projeto de tradução dos ensaios de Foscolo pertencentes ao *Gazzettino del Bel Mondo*, pretendendo mostrar ao leitor de hoje a riqueza da escrita do autor no início do século XIX, apresentando o seu pensamento e o olhar crítico de então.

O conceito de Berman em relação à fidelidade e à ética da tradução relaciona-se à paixão do tradutor para com o ato de traduzir, dizendo ele que “fidelidade e exatidão se referem a uma certa postura do homem em relação a si mesmo, aos outros, ao mundo e à existência” (BERMAN, 2012, p. 95). Sendo assim,

Traduzir, pois, não é uma ciência exata, mas uma atividade pragmática. Original e tradução, tradução e adaptação – não podemos abrir mão de tais distinções, ainda que tenhamos consciência das zonas cinzentas que há entre uma e outra categoria. O inatingível ideal do tradutor literário é recriar em seu idioma uma obra estrangeira, encontrando correspondências para cada um dos incontáveis elementos que compõem um texto: palavras, sintagmas, características morfossintáticas e fonológicas, trocadilhos etc.; na impossibilidade de realizar essa tarefa de modo perfeito, ele tenta ao menos **reconstruir da melhor maneira o que lhe parece de mais importante no original**. (BRITTO, 2012, p. 56, negritos meus)

Não é meu intuito aqui discutir a fidelidade em tradução, porém, julgamos importante, ao menos, trazer a ideia do que possa ser fidelidade, enfatizando a busca deste termo na tradução empreendida dos ensaios de Foscolo. A ideia de reconstruir no texto traduzido o que está escrito no texto original é o foco do trabalho de tradução aqui proposto, visto que, como pontua Berman (1995), é essencial analisar o emprego de adjetivos, de advérbios, de tempos verbais, das preposições, dentre outros elementos necessários para formar uma correlação sistemática entre texto de partida e texto de chegada. Os estudos da tradução da letra, aqui representados por Berman, afirmam que o

tradutor deve buscar na obra na língua de partida as características, os traços do autor para que sejam retratados na obra na língua de chegada, traços como rimas, inversões sintáticas, ritmo, etc. Caso o autor do considerado texto de partida se utilize de recursos estilísticos, o tradutor deverá buscar correspondentes no idioma para o qual está traduzindo.

Ademais, tendências deformadoras do texto traduzido devem ser evitadas, tais como a racionalização (tendência deformadora relacionada à sintaxe da obra original referindo-se à retirada das características do texto, como as repetições que podem existir, estrutura sintática das sentenças, uso ou não de verbos nos enunciados, entre outros), a clarificação (explicações de termos empregados nas traduções), o alongamento (consequência da racionalização e da clarificação, sendo forte tendência entre os textos traduzidos), o enobrecimento (quando são empregadas expressões na língua de chegada consideradas “mais belas” que as da língua de partida) e o empobrecimento qualitativo (perda de ritmo, de sons, por exemplo) e quantitativo (“enxugamento” de termos utilizados no texto de chegada em relação ao de partida). Também podemos considerar como tendência deformadora a homogeneização do texto, ou seja, a ação de tentar “arrumar” o texto de chegada, fazendo possíveis correções de erros encontrados no texto de partida, além da destruição das redes significantes subjacentes, como aponta Berman (2012), isto é, a destruição do subtexto que coexiste à obra central, contribuindo com o ritmo e o significado da obra. Berman (2012) também aponta a destruição dos sistemas textuais e a destruição das redes de linguagens vernaculares e das locuções e idiotismos como tendências deformadoras do texto de partida, contando com o uso de palavras e ou expressões de um idioma oficial mescladas a dialetos, as quais não deveriam ser apagadas em uma tradução.

Ao traduzir, procurei refletir e buscar soluções de modo a evitar as tendências deformadoras apontadas por Berman, embora ele mesmo afirme que não é possível fugir de todas as tendências. O fato de não ser possível evitar todas as tendências deformadoras não quer dizer que um determinado texto não deva ou não possa ser traduzido. Sobre a intraduzibilidade, Berman afirma que esta “é um dos modos de *autoafirmação* de um texto” (BERMAN, 2012, p. 56), ou seja, um modo de se sentir a tradução. Foi deste modo que *Lettere scritte dall’Inghilterra* teve sua tradução nesta minha proposta, valorizando o eu do autor Foscolo por meio de sentidos que pudessem realmente remeter a quem teve a ideia do escrito em seu formato de partida.

Em substituição ao ato de traduzir sem a devida reflexão, o que acarretaria no elevado número e incidência de tendências deformadoras,

Berman apresenta um trajeto analítico possível para se traduzir, dividido em etapas sucessivas, quais sejam: leitura da tradução e do texto original, a forma escrita e as categorias de base que dão estrutura ao trajeto trazido por Berman (1995).

Ele ainda destaca a importância de “aprender a ler uma tradução”, deixando de lado o original, evitando a sua leitura. Tal ato seria para compreender como é recebida a tradução a fim de verificar se ela “segura”. Segura o quê? Quem? Berman (1995) traz o termo em francês “tenir” que, para o português, poderia ser o correspondente a algo como “suportar”, “segurar”, levando-nos a entender que o texto de chegada deve conseguir o intento de suportar o texto original, isto é, suportar a ideia do estrangeiro.

Outro ponto necessário, segundo Berman, é a leitura do texto original, após o trabalho de tradução, o que, segundo a tradução da letra defendida por Berman (2012), corresponde a uma pré-análise textual. Ele ainda afirma que, nesta etapa, é necessário deixar a tradução de lado, assim como, durante o processo de tradução, o texto de partida foi deixado de lado. As leituras individuais requeridas no processo são importantes para que se prepare a futura confrontação de textos. (BERMAN, 1995)

A confrontação dos textos serve para reparar “tous les traits stylistiques, quels qu’ils soient, qui *individuent* l’écriture et la langue de l’original et en font un réseau de corrélations systématiques”¹⁰⁰ (BERMAN, 1995, p. 67). Nessa etapa, o tradutor busca, por meio da leitura, corrigir o tipo de forma frástica, o tipo dos encadeamentos proposicionais, os empregos de adjetivos, advérbios, tempos verbais, preposições, etc, destacando as palavras recorrentes e as palavras-chave para manter o sentido do texto. (BERMAN, 1995)

Um ponto essencial para a tarefa de tradução é o conhecimento de outras obras do autor do texto de partida, assim como o contexto em que ele estava inserido quando de sua produção. Como diz Berman, “d’une manière générale, traduire exige des lectures vastes et diversifiées. Un traducteur ignorant – qui ne lit pas de la sorte – est un traducteur déficient. On traduit avec des livres”¹⁰¹ (1995, p. 68). Portanto, a busca por dados que possam colaborar na tarefa de traduzir é

¹⁰⁰ [...] todos os taços estilísticos, seja quais forem, que individualizam a escrita e a linguagem do original e fazendo uma rede de correlações sistemáticas.

¹⁰¹ [...] de uma maneira geral, traduzir exige leituras vastas e diversificadas. Um tradutor ignorante – que não lê nada – é um tradutor deficiente. Nós traduzimos com livros.

parte essencial do trabalho de todo tradutor, e por esse motivo foi necessário pesquisar aspectos da vida de Foscolo no exílio, sabendo o tipo de vida que ele levava, amizades que conservava, pessoas de seu círculo de convivências, dentre outros fatores que pudessem colaborar com este projeto de tradução.

Os conhecimentos adquiridos a respeito da obra em processo de tradução corroboram com a confrontação dos textos, pois poderão dar o suporte necessário para que se realize um trabalho com eficiência, pois como afirma Berman, “oeuvre et existence sont liées”¹⁰² (1995, p. 73). A pré-análise textual é a preparação para o confronto dos textos original e traduzido, e foi o passo que procurei cumprir ao longo desta proposta de tradução.

Após o trabalho de pré-análise textual, dá-se início a um trabalho minucioso de *seleção de exemplos estilísticos* pertinentes e relacionados ao original. Para Berman (1995), esta etapa (dos exemplos) é delicada e essencial. Após, são feitas as seleções e recortes a partir de uma interpretação da obra, das passagens do texto original que, por assim dizer, são as mais representativas, as que praticamente resumem a ideia central do texto traduzido. Tais passagens são denominadas zonas significantes (BERMAN, 1995).

As passagens destacadas neste momento não são visíveis em uma simples leitura, mas é necessário um “travail interprétaif que les révèle, ou confirme leur existence”¹⁰³ (BERMAN, 2012, p. 70). Conforme o estudioso, num poema, tal passagem pode ser algum verso; num romance, determinada passagem, enquanto que numa coletânea de novelas, a frase final da última novela pode ser a passagem que retrata a essência do escrito. (BERMAN, 1995)

Depois das etapas cumpridas, “l’oeuvre finale est achevée, définitive, mais elle garde toujours quelque chose de cette phase de gestation à partir de laquelle elle a bifurqué vers sa figure finale”¹⁰⁴ (BERMAN, 1995, p. 71).

Outro ponto destacado por Berman (1995) é a dialética do que é necessário e do que é aleatório numa obra. O estudioso francês afirma que, caso a proporção do conteúdo aleatório se sobressaia ao necessário ou é muito grande, o texto fica afetado. Em contrapartida, caso o

¹⁰² [...] obra e existência estão ligadas.

¹⁰³ [...] trabalho interpretativo que as revela ou confirma a existência delas.

¹⁰⁴ [...] a obra final é alcançada, definitiva, mas ela guarda sempre alguma coisa desta fase de gestação, de busca, a partir da qual ela bifurcou para sua figur final.

conteúdo necessário seja superior em quantidade ao aleatório, a obra pode ficar manchada por um certo grau monológico. E, para o autor, esse balanço entre o necessário e o aleatório é o ponto determinante para a crítica de tradução e o tradutor (BERMAN, 1995).

No que diz respeito à tarefa do tradutor, Berman (1995) diz que há

une certaine impunité du traducteur, que lui garantissent ironiquement sa solitude et sa déréliction. En conséquence de quoi, le traducteur, «laissé à lui-même», peut aussi faire «ce qu'il veut». Et d'abord s'occuper de l'original à sa guise, au nom de sa liberté.¹⁰⁵ (BERMAN, 1995, p. 47).

As ideias defendidas por Berman foram levadas em consideração ao longo do projeto de tradução aqui proposto, de modo a valorizar o autor do texto de partida, neste caso, Foscolo, no texto traduzido. A seguir, apresento as considerações acerca da tradução levada a cabo bem como as dificuldades e escolhas realizadas ao longo do processo à luz da tradução da letra.

3.1 COMENTÁRIOS SOBRE AS TRADUÇÕES

As traduções aqui apresentadas de *Lettere scritte dall'Inghilterra (Gazzettino del bel mondo)* foram realizadas não apenas a partir do estudo dos textos a serem traduzidos, como também a partir da leitura de outros textos de Foscolo a fim de conhecer seu estilo e seu modo de expressão. Uma das características mais notáveis dos ensaios que se constituem o corpus desta dissertação é a presença constante da crítica e da ironia, que poderia ser interpretado também, do meu ponto de vista, como uma espécie de decepção para com a sociedade italiana de então. A busca por traduções já empreendidas para o português brasileiro também foi necessária a fim de conhecer o que havia sido realizado acerca da produção literária do autor.

A escolha pela tradução comentada de dois textos de Foscolo inéditos no português brasileiro como foco da pesquisa, está ligada à valorização do trabalho estético-literário criado pelo autor, com o intuito

¹⁰⁵ [...] certa impunidade do tradutor, que lhe garante ironicamente sua solidão e sua consolação. Em consequência do que, o tradutor, <<deixado a si mesmo>>, pode também fazer <<o que ele quiser>>. E, então, ocupar-se do original de seu modo, em nome de sua liberdade.

de fazer chegar o máximo de sua criação ao público de hoje, do século XXI, interessado na literatura e também na história italiana. Sobre o possível público leitor dos textos traduzidos, imaginou-se um leitor interessado na literatura produzida no período; e não só na literatura publicada dentro dos limites italianos, como também na literatura escrita em outros espaços geográficos; um leitor mais interessado em história social-cultural e nos costumes, tema dos textos traduzidos; um leitor interessado no gênero *ensaio*, motivado em observar as particularidades estético-formais do texto; e, por fim, um leitor mais especializado e empenhado, por exemplo, em perceber as escolhas de tradução de um texto como os que se apresentam aqui.

Em muitos momentos foram necessárias reflexões mais aprofundadas sobre os termos a serem empregados no texto traduzido, com o objetivo de preservar ao máximo as características da obra em italiano, como no caso das citações trazidas por Foscolo. A maioria das citações é do poeta italiano Giuseppe Parini (1729-1799), por quem Foscolo alimentava grande admiração. Para tais citações, algumas adaptadas pelo autor exilado em Londres, eu mesma tratei de realizar a tradução, como no caso do seguinte trecho de *La recita dei versi*, de Parini, presente em *Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo*:

...dalla cui lubrica arte Novvella sposa vergognando parte –		...de cuja indecente arte Nova esposa envergonhando parte –
--	--	---

A expressão em negrito foi adaptada por Foscolo dos versos “La recita dei versi”, de Parini. No original, lê-se “saggia matrona” em vez de “novvella sposa”. Tais alterações são comuns de serem encontradas nos textos foscolianos. Exatamente por isso optei em traduzir os versos adaptados de autores presentes nos ensaios escolhidos para esta tradução.

Enfatizo, pois, que a maioria dos versos foi traduzida por mim em virtude de uma das características de Foscolo ao escrever os ensaios ser a de adaptar as citações conforme seu parecer e interesse. Essa particularidade pode ser explicada pelo fato de Foscolo provavelmente conhecer tais versos de memória, mesmo que aproximada, motivo pelo qual os versos não são idênticos ao original dos autores citados. Por esse motivo, tive dificuldades em encontrar traduções de tais autores em português.

Realizar uma tradução não é tarefa fácil, ainda mais se tratando da tradução de textos escritos em um tempo distante do atual. Dentre os principais desafios encontrados, optei por comentar a respeito dos

elementos que mais se mostraram passíveis de dúvidas, a saber: a pontuação, o uso de pronomes pessoais e formas de tratamento, a sintaxe dos ensaios e a ironia, além dos marcadores temporais, conforme segue nos itens seguintes.

3.1.1 Marcadores temporais do texto

O fator temporal faz-se essencial para a escolha do tipo de tradução a ser empreendida. No que se refere ao distanciamento temporal, Paes defende que:

Incutir no leitor essa noção de distanciamento – vale dizer, de estar ele lendo um texto do passado – constitui-se num dos pontos daquele compromisso de fidelidade paramórfica de fidelidade [...]. Há estratégias em contrário, como as “modernizações” do teatro clássico, mas dificilmente se poderia, a rigor, chamá-las de traduções; são antes adaptações ou “imitações deslumbrantes”, para citar a frase com que Paulo Rónai rotulou as recriações poéticas de Ezra Pound. (1990, p. 97)

O passar dos anos não pode ser apagado da obra de Foscolo, e, no meu entender, não deve ser suprimido da história literária do autor. Do contrário, deve chegar até o leitor dos dias atuais para que este possa ter uma ideia aproximada das características estilísticas do escritor.

Ainda sobre o fator temporal, contribui Andrade (2015, p. 348):

Um texto antigo sempre exige do leitor a disponibilidade para se transportar no tempo. Um texto antigo bom, em geral, promove esta viagem de modo natural, ajudando o leitor a sair de sua cômoda posição linguística e a dar os passos necessários para entrar em outra época. A tradução de um texto antigo não é diferente: requer do tradutor o estabelecimento de estratégias para lidar com a transposição do tempo entre original e tradução, de modo que o texto produzido tenha o sabor de uma época sem vestir-se forçadamente de antigo.

Fazer com que o leitor do texto traduzido compreenda que está lendo um escritor de início do século XIX é meu intuito na tradução proposta. Vários foram os desafios, a começar pelas formas de tratamento encontradas ao longo do texto, como se acompanha no item seguinte.

3.1.1.1 Pronomes de tratamento: o caso do “Voi” e do “Tu”

Ao dissertar sobre um trabalho de tradução empreendido por ele próprio, Paes afirma que “um dos problemas mais embaraçantes com que tive de defrontar-me logo no início do trabalho de tradução foram as formas de tratamento” (1990, p. 94). A afirmação do autor cabe exatamente a esta tradução, visto que Foscolo, utilizando-se da linguagem própria de sua época, faz uso do pronome “voi” e seus derivados, como “ve”, como segue no trecho abaixo:

E diceva ch'ei nel partirsi di Milano ve lo aveva
promesso allorchè¹⁰⁶

O uso de “voi”, no *Saggio d'un gazzettino del Bel Mondo*, é para o Condeinho, cujo nome não é citado. Contudo, infere-se que tal Conde seja o Conde Cicogna, nome citado na carta *Lettera sulla Moda*, do mesmo projeto *Lettere scritte dall'Inghilterra*, onde Foscolo inicia escrevendo “Al mio Contino C***”. Buscando o nome pela inicial “C”, encontrei que tal pessoa seria o Conde Carlo Cicogna, amigo de Foscolo. O desafio desta tradução no que se refere à forma de tratamento é que Foscolo mostra ser amigo íntimo do “contino”, como ele mesmo diz na carta. No entanto, “voi”, se fosse traduzir literalmente para o português do Brasil seria “vós”, uma forma praticamente em desuso nos dias de hoje, embora, arcaicamente, também era utilizada como forma de tratamento, inclusive para uma só pessoa.

No início, pensei em manter o uso da segunda pessoa do plural (vós), assim como usa Foscolo. Tal escolha foi baseada na leitura de obras em português, como as de Castro Alves e Olavo Bilac, autores também do século XIX, período quando foram escritos os ensaios de Foscolo.

Tomei, a princípio, um trecho do soneto de Castro Alves (1847-1871), poeta abolicionista da literatura brasileira do século XIX, intitulado *A D. Joana*, no qual o poeta faz uso do pronome “vós” em segunda pessoa do plural, mas dirigindo-se a uma pessoa, neste caso, a D. Joana. Vejamos:

¹⁰⁶FOSCOLO, Ugo. *Lettera Sulla Moda*. In.: **Lettere Scritte dall'Inghilterra (Gazzettino del Bel Mondo)**. A cura di Edoardo Sanguineti. Milano: Mursia, 1978. p. 47

SENHORA, eu vos dou versos, porque apanho
 Das flores d'ahna um ramalhete agreste
 E são versos a flora perfumada,
 Que de meu seio a solidão reveste.

E vós que amais a parasita ardente,
 Que abre como um suspiro em pleno maio,
 E o aroma que anima o cálix rubro
 — Talvez de uma alma perfumoso ensaio, [...]

O vocativo “Senhora” é o “vos” do discurso do poema, assim como o verbo conjugado “amais” concorda com a segunda pessoa do plural, mas em forma de respeito, caracterizando um pronome de tratamento. Outro escritor da língua portuguesa do século XIX é Olavo Bilac (1865-1918), poeta parnasiano do período de transição entre os séculos XIX e XX, que também se utiliza de tal pronome para referir-se a uma pessoa somente. Acompanhemos no trecho abaixo do soneto parnasiano *Via Láctea*:

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
 Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
 Que, para ouvi-las, muita vez desperto
 E abro as janelas, pálido de espanto...

[...]

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
 Que conversas com elas? Que sentido
 Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
 Pois só quem ama pode ter ouvido
 Capaz de ouvir e entender estrelas"

Assim como ocorre com *A D. Joana*, *Via Láctea* traz o uso de “vós” para relação interpessoal (amigo), uso corrente do português arcaico no Brasil.

O fator *forma de tratamento* acentuou-se ainda mais ao ler um trecho do texto *Lettera sulla Moda*, carta pertencente às *Lettere Scritte dall’Inghilterra (Gazzettino del bel mondo)*, quando o personagem “Didimo Chierico”, pseudônimo de Foscolo, entra na narrativa, sendo tratado por “tu”, diferenciando o tratamento dado ao Conde e a Didimo. Ou seja, o conde era amigo de Foscolo, mas não ao ponto de ser tratado por “tu”:

Ma qui si tratta del nostro secolo di mode e di baci
— e tu sî Didimo Chierico amico mio! tu ne
sapevi più d'Anacreonte¹⁰⁷.

Deste modo, a escolha por manter o pronome “voi”, num primeiro momento, deu-se em virtude de manter o estrangeiro na obra traduzida, visto que o texto de Foscolo remete a séculos passados (XVIII e XIX). Até mesmo na Itália o uso de “voi” como forma de cortesia encontra-se em desuso, permanecendo somente em algumas localidades e em meio a pessoas mais idosas. Atualmente, a forma de tratamento cortês mais usual é por meio do pronome “Lei”. Como afirma Seriani¹⁰⁸ (2004) em um artigo no sítio da Academia della Crusca, “oggi l’uso del voi non è certo scomparso, [...] in un romanzo ambientato nei secoli scorsi, bisognerebbe certamente rappresentare tutti i tre i pronomi allocutivi”¹⁰⁹, sendo eles TU/VOI/LEI, a fim de representar este aspecto de época. E, assim, surgiu o questionamento: como preservar os alocutivos do italiano em português no texto de chegada sem prejudicar o texto de partida do autor e seu estilo?

Deste modo, após reflexões e mais leituras acerca dos alocutivos de cortesia em língua italiana, decidi alterar o uso de “Vós” para “o senhor”. Isso ocorreu porque “Voi” também pode ser considerado um termo neutro, com respeito, mas, ao mesmo tempo, com intimidade para com o interlocutor. Uma das leituras que me fez refletir sobre o tema e me fez alterar o pronome foi um trecho de uma carta de Pietro Brighenti, datada de 9 de agosto de 1820, mesmo período dos ensaios de Foscolo, a Giacomo Leopardi. Escreveu Brighenti: “Permettetemi che abbandonando il *Lei* adoperi il *Voi*, siccome più adatto al linguaggio della **vera amicizia**”¹¹⁰ (apud ANDRADE, 2015, p. 351, negritos meus).

¹⁰⁷ FOSCOLO, Ugo. Lettera Sulla Moda. In.: **Lettere Scritte dall’Inghilterra (Gazzettino del Bel Mondo)**. Milano: Mursia, 1978. p. 49

¹⁰⁸ SERIANNI, Luca. Gli allocutivi di cortesia. 2004. In.: **Accademia della Crusca**. Disponível em: <<http://www.accademiadellacrusca.it/it/lingua-italiana/consulenza-linguistica/domande-risposte/allocutivi-cortesia>>.

Acesso em: 05 jul. 2016.

¹⁰⁹ [...] hoje o uso do voi não está de todo desaparecido, [...] em um romance ambientado nos séculos passados, precisaria certamente representar todos os três pronomes alocutivos.

¹¹⁰ Permita-me que abandonando o *Lei* faça uso de *Voi*, pois é mais adaptado à linguagem da verdadeira amizade.

Sendo assim, pensei em fazer uso do pronome “você”. Contudo, “você”, no Brasil é íntimo-pessoal demais, podendo ser intercambiado com o pronome “tu”. Dependendo da região, “você” é a forma de tratamento entre amigos, assim como “tu”, mais utilizada no Sul do Brasil. Desta forma, ao refletir um pouco mais sobre os ensaios de Foscolo e a função do “voi” neles, resolvi fazer uso da expressão “o senhor”, decidindo enfatizar mais a forma de cortesia, o respeito que o “voi” carrega em detrimento do excesso de informalidade que o “tu” ou o “você” poderiam carregar. “Vós” foi descartado porque soaria estranho demais aos ouvidos do leitor brasileiro, indicando um grande excesso de formalidade, o que não parece ter sido a intenção do autor, e, portanto, nem deveria ser, no meu entender, a intenção da tradução (GÖRSKI; COELHO, 2009).

No quadro 1 segue o uso de pronomes de tratamento nos idiomas português, italiano, francês e inglês moderno a fim de comparação entre os idiomas envolvidos na tradução aqui proposta, o italiano e o português. Segundo Brown e Gilman (1960), esses idiomas são os que possuem mais dados para este tipo de análise.

Quadro 1 - Pronomes de tratamento de 2ª pessoa

Idioma	2ª pessoa singular (familiar)	2ª pessoa singular (cortesia)	2ª pessoa plural (familiar)	2ª pessoa plural (cortesia)
Inglês Moderno	You	You	You	You
Francês	Tu	Vous Il/elle	Vous	Vous Ils/elles
Italiano	Tu	Lei ou lei Voi (fora de uso) Ella (arcaico)	Voi	Voi Loro ou loro (raro)
Português (Norte, Sudoeste e Centro-oeste no Brasil)	Você, às vezes tu	Você (menos formal) O senhor/a senhora; seu (de sr.) ou dona, a madame; Vossa Excelência (obliquo: o/a, lhe, se, si) Vós/O	Vocês	<i>os senhores/as senhoras; Vossas Excelências</i>

		Senhor/ A Senhora)		
Português (Sudeste e Nordeste no Brasil, alguns socioletos em São Paulo, coloquial ao carioca (Rio de Janeiro) e Uruguai	<i>tu</i> (porém, quase sempre conjugava-se na 3ª pessoa do singular como “você”), às vezes <i>você</i>	<i>você</i> (menos formal) <i>o senhor, a senhora</i> (mais formal)	Vocês	Os senhores/as senhoras

Fonte: BROWN; GILMAN, 1960 (adapt.)

O quadro acima contribui para manter a expressão “o senhor”, pois o que Foscolo pareceu expressar foi respeito e informalidade ao mesmo tempo. O “vós”, pronome praticamente em desuso no Brasil, como já dito, soaria muito estranho e muito formal, já a opção pelo termo intermediário pareceu ser a opção mais adequada para esta tradução.

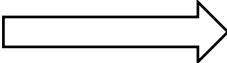
A partir de então, alterei as formas utilizadas com “vós” para “o senhor”, forma mais usual no português corrente e expressão abrandada em obras literárias do século XIX, como se pode verificar em trechos de textos de Tomás Antonio Gonzaga, escritor português árcade que, assim como Foscolo, possuía um pseudônimo (Dirceu). Nasceu em 1744, em solo português, filho de mãe portuguesa e pai brasileiro. Veio para o Brasil após a morte da mãe logo no primeiro ano de vida; estudou em Portugal. Ao retornar ao Brasil, participou da Inconfidência Mineira, sendo um dos precursores do movimento pela separação do Brasil de Portugal. Morreu em 1810, em Moçambique. Sua biografia se parece com a de Ugo Foscolo assim como os traços literários, pois Gonzaga também escreveu cartas e ensaios, sendo uma das obras mais famosas “Cartas Chilenas”. Nelas, o árcade da literatura brasileira envia textos, em forma de versos, tratando de situações do cotidiano do que se passava em solo brasileiro, especialmente no período da Inconfidência. Decidi buscar a relação dos ensaios traduzidos de Foscolo com as cartas de Gonzaga pelos motivos descritos ainda neste parágrafo. Em “Cartas Chilenas”, verifiquei que o escritor utiliza a forma “tu” ao escrever ao amigo citado ao longo do texto, como segue no verso 190: “**Tu** podes... mas, amigo, não gastemos [...]”.

Cliente	Oficial	Empregado	Genitor	Mestre	Irmão mais velho
---------	---------	-----------	---------	--------	------------------

Em outros momentos, Gonzaga faz uso do adjetivo “prezado” para chamar o amigo: “Mas eu, **prezado amigo**, com bem pouco [...]” (verso 331). Não li no texto de Gonzaga qualquer referência ao amigo fazendo uso da segunda pessoa do plural, o que corroborou para que eu mantivesse o uso de “o senhor” na tradução de Foscolo. É importante ressaltar que o uso de “tu” não foi opção porque Foscolo não se utilizou deste pronome para referir-se ao Conde ou a outro destinatário dos ensaios traduzidos, principalmente porque a língua italiana possui o “tu”, o que não causaria dúvida.

Deste modo, a linha de pensamento efetuada na tradução proposta ficou assim definida:

Quadro 2 – Estratégia de tradução dos pronomes do caso reto de 2ª pessoa

<u>Italiano</u> Voi Tu		<u>Português (tradução)</u> o senhor Tu
------------------------------	---	---

Fonte: Da Autora, 2016

Ao longo do processo de reflexão sobre a tradução, encontrei um quadro que resume a ideia de tratamento e as relações interpessoais a partir do uso de *Tu* e *Vos* do latim, língua que deu origem ao italiano. Faziam uso de *Tu* aqueles que tinham grau de superioridade seja por título ou idade para com o seu interlocutor, enquanto *Vos* saía do interlocutor menos nobre e / ou em forma de respeito para com o outro. Segue o quadro:

T↓V ↑V	T↓V ↑V	T↓V ↑V	T↓ T↑V	T↓ T↑V	T↓ T↑V
Garçom	Soldado	Empregador	Criança	Servo fiel	Irmão mais novo

Quadro 3 - Uso dos pronomes Tu e Vos do latim

Fonte: BROWN; GILMAN, 1960, p. 260 (adapt.)

Brown e Gilman escrevem sobre os níveis de hierarquia:

One person may be said to have power over another in the degree that he is able to control the behavior of the other. Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior. The power semantic is similarly nonreciprocal; the superior says T and receives V.¹¹¹ (1972, p. 256)

O quadro aqui transcrito colaborou para manter o meu posicionamento em fazer uso de “o senhor” a fim de marcar a relação de poder entre os interlocutores, pois Foscolo escrevia os dois ensaios para um nobre, para alguém que detinha o título de Conde mesmo que fosse amigo seu. Portanto, a relação de respeito teve de ser marcada na tradução e foi a opção escolhida para chegar ao leitor brasileiro do texto de Foscolo.

3.1.1.2 Abreviações e uso de iniciais maiúsculas

Outro aspecto que observei na tradução dos dois ensaios de Foscolo foi a utilização de determinados traços estilísticos do autor, como a utilização de letras maiúsculas para substantivos tidos como comuns.

Adjetivos pátrios, tais como Ingleses, Franceses e Suíços aparecem grafados com inicial maiúscula. Este traço foi mantido na

¹¹¹ Pode-se dizer que uma pessoa possui poder sobre outra no grau de que ele está apto a controlar o comportamento do outro. Poder é a relação entre, pelo menos, duas pessoas, e é não recíproco no sentido de que ambos podem não tem poder na mesma área de comportamento. O poder semântico é similarmente não recíproco; o superior diz T e recebe V.

tradução dos dois ensaios cada vez que uma das palavras aparecia. A própria palavra “Moda” também é grafada com inicial maiúscula. Provavelmente isso se dá porque Foscolo parece entender a “Moda” como um hábito social, os costumes, daí ser grafada em letra maiúscula, além de ser o tema dos escritos em questão. A palavra vem do latim *modus*, tendo relação semântica com medida, ritmo, moderação, modo, e, aqui, nos ensaios traduzidos, possui relação com as maneiras de um povo. (BUSARELLO, 2012).

A escolha em manter essas características se dá em virtude de que a ênfase é mostrar o trabalho de Foscolo enquanto autor do cânone literário italiano e com potencial para ser estudado além da Itália, valorizando o texto como um “objeto estético”, como afirma Britto (2012).

Sobre a ortografia, percebemos que o autor seguia certo ritmo e, por isso, suprimia sílabas do final de algumas palavras, tal como abaixo elencado:

Quadro 4 - Palavras reduzidas para manter o ritmo

Ensaio de um gazzettino do bel mondo		Ensaio de um gazzettino do bon ton inglês	
n'ho degli esempi	Tenho exemplos disso	Co' loro cavalli	Com seus cavalos
Ond'hanno	De onde têm	A' bagni	Nas termas
Ne' giorni	Nos dias	De' vostri allori	Dos seus louros
Sebbene ei sia capitato	Se bem qu'ele tenha chegado	A' primi caldi	Aos primeiros calores

Fonte: Da Autora, 2016

Como o sistema fonológico da língua italiana é consoante-vogal (CV), Foscolo utilizou-se do apagamento, usualmente, da última sílaba vocálica, geralmente ‘i’, fazendo as ligações entre a última e a primeira sílaba de cada palavra, como nos casos acima (AQUINO, 2014). Este recurso torna-se difícil de ser passado para o português, mesmo o sistema fonológico da língua também ser CV, seguindo o mesmo padrão do italiano. Contudo, como é fácil de perceber, a língua italiana utiliza-se muito dos apóstrofes para ocultar uma semivogal ou vogal repetida (quando termina a palavra e começa na palavra seguinte). Portanto, em português, o uso aconteceu normalmente com o uso das preposições dentro do padrão da língua traduzida, sem grandes perdas para o texto de chegada e, conseqüentemente, para o leitor da tradução.

3.1.2 Questões de léxico e semântica

Como foi possível visualizar, Foscolo utilizou palavras e expressões em latim. Deste modo, tais expressões / palavras foram mantidas tais quais no original, pensando no respeito para com o idioma estrangeiro presente na obra. O mesmo se deu com sentenças em francês e em inglês, que aparecem tanto em *Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo* e *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese*. Nos próximos itens, seguem as expressões, palavras e citações em outros idiomas preservados na tradução aqui proposta, além do uso de arcaísmos, todo o jogo de palavras utilizado pelo escritor na composição dos ensaios.

3.1.2.1 Arcaísmos

Ao realizar a tradução dos ensaios aqui em destaque, deparei-me com algumas expressões e vocábulos com conotação arcaica, de uso menos corrente na atualidade ou talvez com uso diferente nos dias de hoje.

Dentro da lista de arcaísmos, podemos citar as palavras reunidas no quadro abaixo:

Quadro 5 – Arcaísmos encontrados nos textos traduzidos

Palavra	Definição	Texto	Tradução
<i>zimarra</i>	nome para designar um casacão	<i>Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo</i>	chimarra
<i>pianelle</i>	atualmente, usa-se mais chinelo ou sandálias, mas preferi deixar o termo “chinelas” dando tom mais arcaico ao trecho	<i>Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo</i>	chinelas
<i>cocchio</i>	espécie de charrete, meio de transporte não mais utilizado hoje em dia	<i>Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese</i>	coche
<i>lacchè</i>	subalterno, aquele que faz o que o amo solicita/ordena	<i>Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese</i>	lacaio
<i>gregari</i>	soldados rasos, mas preferi deixar o termo em português parecido	<i>Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese</i>	gregários

	com o italiano com o intuito de causar estranheza ao leitor do século XXI		
<i>calessetto</i>	meio de transporte também não mais usado atualmente, mas frequente no século XIX	<i>Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo</i>	charretezinha
<i>Faeton</i>	mantido no texto, sendo esta outra designação para charrete, com sentido remetendo aos deuses. Aliás, Foscolo faz muitas referências a deuses gregos e romanos em seus ensaios, característica dos neoclássicos.	<i>Saggio d'un Gazzettino del Bel Mondo</i>	<i>Faeton</i>

Fonte: Da Autora, 2016

Das palavras listadas no quadro 5, somente *Faeton* foi preservada como ocorre no texto de partida. Essa escolha se justifica porque se julgou manter a palavra tal e qual aparece no texto em italiano para preservar a ideia que Foscolo colocou no texto, devendo o leitor remeter-se às ideias dos deuses gregos e romanos para compreender o que seria um *Faeton*, e não uma charrete qualquer, daí a necessidade de manter a palavra não traduzida para o português.

3.1.2.2 *Uso de sufixos e prefixos*

Por diversas vezes ao longo dos ensaios, leem-se palavras no grau superlativo sintético (-íssimo), o que poderia soar, por vezes, estranho aos ouvidos do leitor menos avisado. Contudo, sendo uma característica do autor, preferi continuar com o uso de tal forma.

Ao todo, são 14 usos do sufixo indicativo de superlativo (-íssimo) (a) que foram preservados no texto traduzido. Seguem, abaixo, as expressões que aparecem ao longo dos ensaios de Foscolo mostrados no Capítulo II:

Quadro 6 - Uso de sufixo indicativo de superlativo sintético

Texto de partida	Texto de chegada
...riesce utilíssima...	...consegue utilíssima...
...vivono oneste, o cautíssime; e siedono in compagnia fra le oneste cautíssime...	...vivem honestas, ou cautíssimas; e sentam-se em companhia entre as honestas cautíssimas...
...i mezzi-divorzi sono rarissimi...	...os meio-divórcios são raríssimos...
...ma com minime varietà piú di mille, argutíssime, bizzarrissime e spesso fanciullesche; e talvolta anche innocentissime,mas com mínimas variedades mais de mil, argutíssimas, bizarríssimas e frequentemente joviais; e talvez também inocentíssimas,...
...splendete d'antica e novíssima gloria;...	...resplandece da antiga e novíssima glória;...
...e alle notti serene aggiungere rarissime in Londra...	...e nas noites serenas acrescentar raríssimas em Londres...
...a farvi vedere um po' chiaro nelle torbidissime fonti...	...fazer-lhe ver um pouco claramente nas turbidíssimas fontes...
...imparare dalla bellissima giovane...	...aprender da belíssima jovem...
...e modestíssima vita...	...e modestíssima vida...
...anche de' viaggiatori antichissimi...	...dos viajantes antiqúíssimos...

Fonte: Da Autora, 2016

Sendo um traço estilístico do autor do texto de partida, optei em manter tal estilo, pois, como afirma Andrade (2015, p. 346), “uma boa tradução provoca em seu leitor o mesmo efeito provocado no leitor do original. Ou seja, se existe correspondência em tradução, ela estaria em produzir na nova língua uma correspondência de percepção”.

E é esta correspondência de percepção que desejei manter na tradução para que o leitor em português, mesmo que por vezes sentindo a leitura não muito familiar no idioma de chegada, faça uma leitura o mais próxima possível do texto de partida, como o próprio Foscolo possivelmente intencionara fazer.

Há momentos em que o autor utiliza-se de prefixos os quais nem sempre conseguem ser mantidos no texto de chegada, como é o caso de *svogliato* traduzido por *sem vontade*. Outros casos em que não consegui manter o prefixo foram:

Quadro 7 – Uso de prefixos

Texto de partida	Texto de chegada
sfoggiando	fazendo-se de
riaffacciarsi	se mostrar novamente (o prefixo do

	italiano “ri” apareceu como um advérbio em português – novamente);
scambievolmente	mutuamente (preservada a classe gramatical, mas com mudança de formação da palavra, sem prefixo);
rivestono	se trocam de novo (a opção por não usar ‘revestem-se’ é porque revestimento, em português, pode dar ideia de algo relacionado a ladrilhos, à cerâmica. No texto de Foscolo, <i>rivestono</i> refere-se aos ingleses e ao fato de eles trocarem outra vez de roupa para as refeições ao longo do dia)
incolpazione	enculpamento
sfaccendati	desocupados
riamato	reamado
rimbiondisce	reenlourece

Fonte: Da Autora, 2016

Deste modo, fazendo uma análise em relação às palavras e ou expressões com uso de prefixos em italiano, percebe-se que houve a tentativa de manter o sentido (no texto de chegada) que o autor provavelmente quis garantir ao escrever o seu texto. Mesmo apagando o prefixo em português por razões trazidas no quadro acima, como no caso de “riaffacciarsi” que traduzi como “novamente”, tentei preservar o sentido no texto de chegada.

3.1.2.3 Estilística e emprego de nomes e abreviaturas

Uma questão recorrente nos ensaios de Foscolo traduzidos foram os usos de onomásticos, estrangeirismos (e expressões em língua estrangeira), toponímia, antroponímia e axionímia. O quadro abaixo traz alguns dos onomásticos presentes nos ensaios:

Quadro 8 - Onomásticos encontrados nos ensaios foscolianos

ONOMÁSTICOS	SIGNIFICADO	CARTA/ENSAIO
Conte C***	Conde Cicogna	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese – Teoria del 'bon ton' XV</i>

Marchese V***	Marquês	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese – Teoria del 'bon ton' XV</i>
Marchese C***	Marquês	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese – Teoria del 'bon ton' XV</i>
Cavaliere P.	Cavaleiro P.	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>
Marchese F***	Marquês F***	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>
Lady ***	Lady ***	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>

Fonte: Da Autora, 2016

Os onomásticos trazidos no quadro acima se referem todos a nomes próprios, ou seja, classificam-se como antropônimos, pois dizem respeito a nomes de pessoas junto da axionímia, isto é, “palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc” (PESTANA, 2013, p. 81).

A toponímia, isto é, palavras que representam nomes de lugares, também é encontrada em alguns momentos dos ensaios foscolianos. Abaixo, segue elenco dos nomes de lugares que podem ser lidos nos ensaios traduzidos neste projeto:

- **Ensaio de um gazzettino do Bel-mundo:** Milão, Bond Street, Jerusalém, Londres;

- **Ensaio de um gazzettino do bon ton inglês:** Milão, Nápoles, Inglaterra, Europa, Itália, Florença, Esparta, Medeia, Grécia, Bath, Cheltenham, Paris, Aquisgrana, Spa, Holanda, Oxford, Cambridge, Calais, Londres.

Percebe-se que Foscolo percorre vários lugares em seus ensaios, tratando de escrever e descrevê-los ao leitor. No ensaio do “bon ton” inglês, há um número maior de referências a lugares porque Foscolo fala sobre o ato de viajar e o quão importante era para os costumes da classe abastada inglesa poder viajar. Não houve grande dificuldade na tradução dos nomes, sendo mantidos alguns conforme idioma original visto que alguns, como Oxford e Cambridge, por exemplo, também são assim chamados em português.

Em relação aos nomes próprios, vê-se que Foscolo não cita nomes inteiros das pessoas das quais e com as quais conversa, somente cita a inicial do nome e o título de cortesia à pessoa pertencente. Também manteve na tradução somente a inicial do nome.

3.1.2.4 Do emprego de línguas estrangeiras e outros autores

Em *Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese* Parini aparece com grande visibilidade, sendo citados versos seus de *Mattino*, poesia que deveria compor a obra *Il Giorno* (também citado por Foscolo no *Saggio d'un Gazzettino del bel mondo*). *Il Giorno* não foi concluído, tendo ficado prontas somente as partes *Mattino* e *Mezzogiorno* (ISELLA, 1996). Deste modo, também traduzi os versos de 1078 a 1083 de *Mattino*, de Parini:

<p>Temi il non mai da legge, o verga, o fune Domabile cocchier, temi le rote, che già piú volte le tue membra in giro avvolser seco, e del tuo impuro sangue corser macchiate, e il suol di lunga striscia, spettacol miserabile!, segnàro.</p>	<p>Temas o ‘nunca mais’ de lei, ou vara, ou corda Domável cocheiro, temas as rodas, Que já muitas vezes os teus membros Circularam seco, e do teu impuro sangue Correr manchados, e o solo de longa listra, Espetáculo miserável!, marcado.</p>
---	---

Nos versos acima, tentei preservar as expressões que aparecem no italiano em português. Como os idiomas possuem relação sócio-histórica entre si (ambos vêm do latim), traduzir tais versos tornou-se mais prático. Como o foco não era Parini, mas traduzir Foscolo, um trabalho de pesquisa maior sobre o trabalho de Giuseppe Parini não foi realizado, somente a busca por escritos dos versos que aparecem ao longo dos ensaios e os escritos em língua italiana.

Digo isso porque Foscolo também faz uso de versos em latim, principalmente de Horácio, Virgílio e Lucrecio. As palavras, expressões e versos em idioma estrangeiro estão elencados no quadro abaixo.

Quadro 9 - Citações e expressões em idioma estrangeiro preservados na tradução

CITAÇÃO/EXPRESSÃO	AUTORIA	ENSAIO
Tilbury	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
<i>Ut cum carceribus sese effudere quadrigae Addunti in spatia: et frustra retinacula tendens Fertur equis auriga, neque audit currus habenas.</i>	<i>O poeta Virgílio</i>	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
<i>bon ton</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
<i>high life</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
<i>à la guillotine</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
<i>Iam mens praetrepidans avet vagari.</i>	Catulo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
<i>du suprême bon ton</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
<i>to enjoy the beauty of the country</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
<i>Faeton</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>
<i>Quem tenues decuere togae nitidique capilli</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>
<i>Bond Street</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>
<i>Comuna</i>	Foscolo	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>
<i>Nec me animi fallit Graiorum obscura reperta</i>	Lucrecio	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel</i>

<p><i>Difficile illustrare latinis versibus esse: multa novis verbis praesertium cum sit agendum propter egestatem linguae, et rerum novitatem. Sed tua me virtus tamen, et spectata voluntas Suavis amicitiae quemvis perferre laborem Suadet: et induct noctes vigilare serenas, Quaerentem dictis quibus et quo carmine demum Clara tuae possim praepandere lumina menti Res quibus oculus penitus convisere possis.</i></p>		<p><i>mondo</i></p>
<p><i>Hôtel Sablonière</i></p>	<p>Foscolo</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>
<p><i>Leicester Square</i></p>	<p>Foscolo</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>
<p><i>Clubs</i></p>	<p>Foscolo</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>
<p>cum sociis natoque, penatibus et magnis Dīs.</p>	<p>Poeta Virgílio</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>
<p>Watchman</p>	<p>Foscolo</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>

Fonte: Da autora, 2016

Todas as citações descritas no quadro foram mantidas no texto traduzido. Somente foram traduzidas citações de outros autores quando estas estavam no idioma italiano, como no caso dos versos de Parini, poeta que aparece diversas vezes no texto foscoliano. Vale lembrar que traduzi para o português os versos e ou citações de autoria diversa quando não encontrado texto já traduzido para o português. Houve trechos traduzidos por outrem, como é o caso de versos de Francesco Petrarca, cuja tradução já havia sido publicada no idioma português. No

quadro abaixo segue a relação de trechos com tradução empreendida por outros tradutores e ou com adaptação de tradução por conta da alteração realizada nos ensaios de Foscolo, além de trechos traduzidos por mim nesta dissertação por não encontrar tradução em português.

Quadro 10 – Trechos de outros autores adaptados ou com tradução em português

Italiano	Português	Alteração/Tradução	Ensaio
<p>Temi il non mai da legge, o verga, o fune Domabile cocchier, temi le rote, che già piú volte le tue membra in giro avvolser seco, e del tuo impuro sangue corser macchiate, e il suol di lunga striscia, spettacol miserabile!, segnaro.</p>	<p>Temas o ‘nunca mais’ de lei, ou vara, ou corda Domável cocheiro, temas as rodas, Que já muitas vezes os teus membros Circularam seco, e do teu impuro sangue Correr manchados, e o solo de longa listra, Espetáculo miserável!, marcado. (Mattino, vv. 1078-1083, Parini)</p>	<p>Tradução realizada por este projeto de tradução. Versos de <i>Mattino</i>, de Giuseppe Parini (1729-1799).</p>	<p><i>Saggio d’un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>
<p>Le donne, i cavalier, gli affanni e gli agi Che ne invogliano amore e cortesia.</p>	<p>Cavaleiros e damas, glória rara, Que inspiram amor e cortesia.</p>	<p>Versos de <i>Purgatório</i>, XIV, 109-110, de “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri. Alteração realizada no verso 110. Consulta à tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, In: ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. São Paulo: Atena Editora, 2003.</p>	<p><i>Saggio d’un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>

<p>Le novità vedute, e dire: Io fui.</p>	<p>As novidades vistas, e dizer: Eu fui.</p>	<p>Citação de Tasso. Tradução realizada por esta proposta.</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>
<p>Non altrimenti fatta che d'un vento impetuoso per gli avversi ardori, che fier la selva e senza alcun rattento i rami schianta, abbatte e porta i fiori: dinanzi polverosa va superba e fa fuggir le dame e gli amadori.</p>	<p>O tufão assim freme impetuoso, Que, de ardores contrários se excitando, Sem pausa fere selva, e furioso, Quebrando ramas, flores arrancando, Entre nuvens de pó soberbo assalta damas, amadores e lanoso bando</p>	<p>Versos de <i>Inferno</i>, IX, 67-72, de “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, com adaptação no verso 72. Consulta à tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, In: ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. [Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro]. São Paulo: Atena Editora, 2003.</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>
<p>movon battendo l'aure di clamori quasi stormi d'augei. Così campate al verno e alla rovina delle piove schiamazzano le gru quando alla zuffa rinfieriscon piú ardite in primavera e dritto all'Oceàn tendono l'ali a dar guerra a' Pigmei; odi per l'alto</p>	<p>gritando avançam: tal se eleva às nuvens Dos grous o grasno, que em aéreas turmas, Da invernada e friagens desertores, Contra o povo Pigmeu com ruína e morte, O Oceano transvoam. Desejosos De entreajudar-se, tácitos os Gregos, Força e coragem respirando, marcham.</p>	<p>Versos da <i>Ilíada</i> (III) de Homero. Tradução de Manoel Odorico Mendes. In.: <i>Clássicos Jackson</i>, vol. XXI. Versos 2-8.</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i></p>

dividersi alle strida orride l'aere.			
Come le rane innanzi alla nemica Biscia per l'acqua si dileguan tutte.	Quais rãs, divisando a cobra imiga, Todas das água no seio desaparecem.	Versos de <i>Inferno</i> , IX, 76-77, de “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri. ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia . [Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro]. São Paulo: Atena Editora, 2003.	<i>Saggio d'un Gazzettino del bon ton inglese</i>
Per finzion non cresce il ver né scema;	Que a ficção não faz a causa maior;	PETRARCA, Francesco. Triunfos . [Tradução de Luís Vaz de Camões]. São Paulo: Hedra, 2006.	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>
Natura non può star contra il costume.	A natureza não pode estar contra o costume.	Tradução realizada por este projeto da canção <i>O aspettata in ciel beata e bella</i> . Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. Lettere Scritte dall'Inghilterra . Milano: Mursia, 1978. p. 83.	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>
<i>Quando novelle a chiedere Manda l'inclita Nice Del pie' che me costringe Suole al letto infelice, sento repente l'intimo petto agitarsi del bel nome al suon: rapido il sangue fluttua</i>	<i>Quando novidades a pedir Manda a illustre Nice Do pé que me costringe Calça ao leito infeliz, Sinto repente o íntimo Peito agitar-se do belo nome ao som: Rápido o sangue flutua Nas minhas veias; invade</i>	Tradução deste projeto. Versos da ode de Giuseppe Parini <i>Il messaggio</i> . Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. Lettere Scritte dall'Inghilterra . Milano: Mursia, 1978. p. 84.	<i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i>

<p><i>ne le mie vene; invade acre calor le trepide fibre, m'arrosso; cade la voce...</i></p>	<p><i>Acre calor as trépidas Fibras, me enrubesço; cai A voz...</i></p>		
<p>Predàro i Filistei l'arca di Dio, tacquero gl'inni e l'arpe de' Leviti -</p>	<p>Saquearam os Filisteus a arca de Deus, Calaram-se os hinos e as arpas dos Levíticos -</p>	<p>Soneto escrito por Giuseppe Parini na chegada dos austriacos a Milão. Tradução deste projeto. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. Lettere Scritte dall'Inghilterra. Milano: Mursia, 1978. p. 85.</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i></p>
<p>Tu sarai simfle Al tuo gran genitore</p>	<p>Tu serás parecido Com teu avô</p>	<p>Versos retirados da Ode de Giuseppe Parini intitulada <i>Vespro</i>. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. Lettere Scritte dall'Inghilterra. Milano: Mursia, 1978. p. 86.</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i></p>
<p>...dalla cui lubrica arte Novvella sposa vergognando parte -</p>	<p>...de cuja indecente arte Nova esposa envergonhando parte -</p>	<p>Versos adaptados da Ode de Giuseppe Parini intitulada <i>La recita dei versi, versos 35-36</i>. Informação constante em: FOSCOLO, Ugo. Lettere Scritte dall'Inghilterra. Milano: Mursia, 1978. p. 86.</p>	<p><i>Saggio d'un Gazzettino del bel mondo</i></p>

A partir do quadro acima, percebe-se que há um alto número de citações utilizadas por Foscolo ao longo dos dois ensaios foco deste estudo. Onde foi possível encontrar tradução já realizada em português, utilizou-se tal tradução; contudo, os trechos dos quais não se encontrou tradução em português, realizei a tradução, sempre que o idioma do texto de partida fosse o italiano.

O próprio nome *Gazzettino*, que aparece em alguns momentos nos ensaios foscolianos, foi mantido no texto em português, isso porque julguei mais adequado preservar o nome em italiano, mais por uma questão de estilo do que problema no correspondente em português. Pensei, inclusive, em traduzir por “Gazetinha”, com o diminutivo em português. Contudo, mesmo *Gazzettino* ser diminutivo de *Gazzetta* em língua italiana, talvez a mudança de gênero de um idioma a outro tenha dificultado a aceitação pela palavra em português. Deste modo, optei por manter *Gazzettino* no texto traduzido.

Sendo assim, preservou-se o estrangeirismo em partes dos textos, conforme visto no Quadro 9 e discutido neste item. A seguir, passamos às discussões sobre estilo e sintaxe.

3.1.3 Questões estilístico-sintáticas

Quando falamos de estilística, referimo-nos à parte criativa que o autor de um texto pode empregar ao escrever, usando a criatividade e “brincando” com as palavras nas sentenças. Como afirma Pestana (2013, p. 887), “a estilística trata daquela linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes”. Nos ensaios traduzidos, um ponto que podemos destacar é a pontuação e a inversão sintática utilizada nos períodos.

No que diz respeito à pontuação, Foscolo fez bastante uso de travessões, os quais geralmente indicam um aposto, além de um breve comentário a respeito de determinado assunto, como segue no exemplo abaixo:

[...] Comunque sia, io stassera mi starò alle parole di Madonna Laura discesa una notte in visione al suo innamorato già vecchio – **ed ei morì appunto in quell’anno** – e gli disse: [...]

Seja como for, eu, hoje à noite, trocarei algumas palavras com Madonna Laura descida uma noite na visão de seu amante, já velho – **e ele morreu bem naquele ano** – e lhe disse: [...]

O trecho em negrito representa a fala, o pensamento de Foscolo acerca de algo, nesse caso, sobre o “amante de Madonna Laura”, acrescentando a informação de que tal pessoa havia morrido naquele ano. O uso de travessão aponta pausa para trazer uma explicação, função esta do aposto. Vale lembrar que o uso do recurso gráfico *travessão* não era incomum no período, herança talvez do século anterior, no qual, segundo Costa e Freitas (2008, p.14), “Os recursos gráficos, como travessões, asteriscos ou páginas em branco eram prática corrente entre os autores do período e convidavam o leitor à decifração”

Sobre o uso de vírgulas, estas foram acrescidas conforme regras de pontuação do português. Como não há tantas vírgulas em língua italiana – ou ao menos não se faz tanto uso delas -, houve a necessidade de colocá-las para marcar as pausas na leitura do texto de chegada. Segue exemplo da tradução empreendida:

[...] vidi com'essa ne' gironi dele
sciagure die' prova di fede generosa e
virile alla Vice Regina piú che non lo
squadrone di tutti voi ciamberlani e
scudieri. [...]

[...] vi como ela, nos dias das
amarguras, deu prova de fé generosa e
viril à Vice-rainha mais que o
esquadrão de todos vocês, fidalgos e
escudeiros. [...]

Enquanto no texto de partida não há nenhuma ocorrência de vírgula, no texto traduzido foram colocadas três vírgulas, sendo as duas primeiras para marcar adjunto adverbial, e a terceira vírgula, marcando um tipo de vocativo, isto é, uma espécie de chamamento a determinado interlocutor, nesse caso, “fidalgos e escudeiros”.

Outro fator que pode ser destacado é o uso de polissíndetos, ou seja, “repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas” (PESTANA, 2013, p. 892). Abaixo segue trecho com presença de polissíndeto, figura também preservada no texto de chegada:

[...] **E** voi vivo ed ileso **e** compianto
dalle dame **e** ammirato nei caffè **e**
rispettato da' tribunali **ed** esecrato
[...]

[...] **E** o senhor, vivo **e** ileso **e**
agraciado pelas damas **e** admirado nos
café **e** respeitado pelso tribunais **e**
execrado [...]

O uso contínuo da conjunção coordenativa “e” é proposital, numa tentativa de marcar certa sequência de fatos na leitura do texto. Essa figura de linguagem também se preservou na tradução, como pôde ser observado acima.

Além disso, outra característica do texto de Foscolo é a inversão sintática dos períodos. A ordem natural da língua portuguesa é SVO (sujeito-verbo-objeto). Contudo, Foscolo, em seus ensaios, inverte muito a posição de sujeito, colocando-o posposto ao verbo. A seguir, seguem exemplos:

[...] – ma, e il ridicolo? gli diss’io – Ma e Alcibiade, mi rispos’egli , vestito da Spartano non sarebbe stato egli ridicolo agli Ateniesi? [...]	[...] mas, e o ridículo? lhe disse eu – Mas e Alcebiades, me respondeu ele vestido de Espartano, não teria sido ele ridículo aos Atenienses? [...]
---	---

As expressões em negrito representam a inversão sintática das frases, característica dos textos foscolianos. Ao escrever “lhe disse eu”, temos um complemento objeto indireto + verbo transitivo + sujeito; em “me respondeu ele”, temos também complemento objeto indireto + verbo transitivo + sujeito; em “teria sido ele”, temos locução verbal + sujeito posposto ao verbo, exatamente como está no texto de partida.

Na tradução, procurei apresentar os detalhes. Estes fazem a diferença ao lermos um texto de Foscolo e foram preservados na tradução, sendo que em nenhum momento houve a tentativa de “facilitar” a leitura para o leitor do texto traduzido. Muito pelo contrário, existiu o esforço em manter os traços característicos do escritor italiano, mesmo que em alguns momentos isso significasse construir estruturas mais complexas do que as usualmente utilizadas no português brasileiro.:

3.1.4 A ironia dos ensaios

Analisando os dois ensaios aqui traduzidos, verificamos a presença, pelo próprio autor, da palavra *ironia* explicitamente presente nos textos. Em especial, no *Saggio d’un Gazzettino del Bon Ton Inglese*, Foscolo cita duas vezes a palavra ironia. Vejamos:

Eu lhe entendo ao dizer-me: são **ironias** – e esta é poesia [...]

[...] E, enquanto isso, hoje à noite e amanhã à noite me defenderei do excesso de poesia – e amanhã da culpa que o senhor me dá pela **ironia** [...] (FOSCOLO, 1978, p. 71-2, grifos meus)

O próprio autor se define como irônico nos textos aqui analisados. Contudo, mesmo sabendo que Foscolo se autointitula como autor irônico, devemos compreender a amplitude do conceito de ironia dentro da teoria literária. Tomando o pensamento de Muecke (1995), temos que a palavra ironia somente no final do século XVIII e começo do XIX assumiu diversos significados novos. Para que consigamos abarcar a ironia em Foscolo, façamos uma breve análise do que seja ironia ou texto irônico. Em seu livro “Ironia e o irônico”, o pensamento de Goethe é parafraseado por Thomas Mann (in MUECKE, 1995, p. 19), afirmando que “a ironia é aquela pitadinha de sal que, sozinha, torna o prato saboroso”.

Qual seria a pitada de sal que Foscolo acrescentou a seus textos? Ou melhor, em que quantidade Foscolo adicionou o tal “sal” aos textos para que houvesse a ironia?

O teórico australiano Douglas Colin Muecke (1995) faz uma relação da palavra “ironia” com o fator temporal, afirmando que essa palavra possui relação de sentido diversa se observada em determinado período de tempo, assim como em diferentes lugares. Para ele, “o conceito de ironia a qualquer tempo é comparável a um barco ancorado que o vento e a corrente, forças variáveis e constantes, arrastam lentamente para longe de seu ancoradouro” (MUECKE, 1995, p. 22).

Portanto, como figura de fins do século XVIII e início do XIX, Foscolo merece ter sua ironia relacionada ao fator temporal, visto que, atualmente, tal marca irônica pode não ser vista como do mesmo modo àquela época.

Não é meu foco aqui abordar unicamente a ironia contida nos textos de Foscolo, contudo, não poderíamos deixar de falar a esse respeito no que diz respeito às obras suas. Quando lemos um texto de Foscolo, a impressão que se tem é que o escritor deseja passar um ponto de vista ligado à sátira, isso em diversas passagens dos ensaios aqui traduzidos. Exemplo disso é quando Foscolo escreve sobre as roupas e as modas nos tecidos. Na carta *Lettera sulla Moda*¹¹², também do epistolário incompleto *Lettere Scritte dall’Inghilterra (Gazzettino del Bel Mondo)* (1978), Foscolo descreve estampas de papagaio dando a impressão de estarmos lendo um texto cômico. Escreve ele na passagem em que ironiza as estampas:

¹¹² Esta carta não é foco de estudo desta dissertação, contudo, também foi traduzida pela autora da dissertação, com base na apresentação de Sanguineti (1978).

Por outro lado, visitando antes de ontem um amigo meu, juvenzinho de moda, o encontrei vestido da cabeça aos pés com uma certa tela indiana de fundo branquíssimo pintado de graciosíssimos papagaios. Na touquinha tinha um papagaio – sobre as mangas dois papagaios – no peito dois papagaios para cada mamilo – cinco ou seis ou dez que não pude contar, nas laterais, nas costas da roupa de dormir – e todos os papagaios parecia que eles falavam – e papagaios nas <<trose>>¹¹³ - e por tudo, enfim, além de que nas pantufas que eram amarelas com o bico para cima à la chinês. Perguntei-lhe se estavam na moda. (FOSCOLO, 1978, p. 56-7)

Essa citação, já presente no capítulo 1, é aqui retomada para mostrar como a repetição da palavra “papagaio” parece dar um tom zombeteiro ao texto, e pode ser entendida como uma marca de ironia do autor. Muecke (1995) diz, a respeito da ironia, que existem diversos tipos dela, sendo: a ironia como ênfase retórica; modéstia escarnekedora ou ironia autodepreciativa; zombaria irônica; ironia por analogia; ironia não-verbal; ingenuidade irônica; ironia dramática, ou o espetáculo de cegueira; ironia inconsciente; ironia autotraidora; ironia de eventos; ironia cósmica; incongruência irônica; ironia dupla; ironia ardil; e a ironia romântica. (MUECKE, 1995).

Foscolo parece carregar em seus ensaios a ironia romântica, sendo esta:

[...] a única dissimulação involuntária e, ainda assim, totalmente deliberada [...] tudo deveria ser jocoso e sério, francamente aberto e profundamente escondido. Origina-se da união entre o *savoir vivre* e o espírito científico, da conjunção de uma filosofia perfeitamente instintiva com uma perfeitamente consciente. Contém e desperta um sentimento de indissolúvel antagonismo entre o absoluto e o relativo, entre a impossibilidade e a necessidade de comunicação completa (SCHLEGEL apud MUECKE, 1995, p. 40-41).

¹¹³ Trose: derivado da palavras ‘trousers’, do inglês britânico, italianizado pelo escritor no texto.

O *savoir vivre* da citação acima possui relação com a vida de Foscolo no exílio inglês, visto que a (con)vivência do escritor naquela sociedade fazia-se exuberante, em meio à camada abastada da população, como traz Wicks (1968, p. 8) a respeito do círculo de amigos do autor:

If we look at the list of his English correspondents whose letters are preserved in the Biblioteca Labronica, and there are some six hundred and thirty-seven letters and notes, we can see how many of his friends and acquaintances he owed to Holland House. The names of the Duke of Bedford, Lord Brougham, Thomas Campbell, Samuel Rogers, Roger Wilbraham, Lady Aberdeen, Lady Westmorland, Lady Dacre, his faithful friend through all his years of adversity, Lady Romilly, Lady Lyttelton and numerous others recall Lord Holland's hospitality.¹¹⁴

Como foi mostrado no primeiro capítulo, a Holland House fez parte da vida de Foscolo, aparecendo por diversos momentos em sua biografia de exílio. Afinal de contas, foi lá que o escritor alargou sua roda de amizades podendo desfrutar dos “prazeres” que a vida de riquezas poderia lhe possibilitar, ao menos aparentemente.

E é exatamente ao tratar das aparências que Foscolo torna-se um irônico ainda mais perceptível em seus ensaios, como nos excertos abaixo retirados de *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* (FOSCOLO, 1978, p. 72-3):

Ma ne' paesi ove tutti hanno opportunità di farsi ammirare per l'eloquenza o il valore o le dignità, la signorile eleganza – e imitata e guardata come lume grazioso che i pittori chiamano velatura – alletta occhi altrui e provoca più emulazione

Mas nos lugares onde todos têm oportunidade de fazer-se admirar pela eloquência ou o valor ou a dignidade, a senhoril elegância – e imitada e vislumbrada como lume gracioso que os pintores chamam veladura – desperta olhares alheios e provoca

¹¹⁴ Se olharmos na lista de seus correspondentes inglesescujas cartas estão preservadas na Biblioteca Labrônica, e há umas seiscentas e trinta e sete cartas e notas, nós podemos ver quantos de seus amigos e amizades ele devia à Holland House. Os nomes do Duque de Bedford, Lorde Brougham, Thomas Campbell, Samuel Rogers, Roger Wilbraham, Lady Aberdeen, Lady Westmorland, lady Dacre, sua fiel amiga dos anos de adversidade, Lady Romilly, lady Lyttelton e numerosos outros remetem à hospitalidade do Lord Holland.

che invidia.

E cosí parmi sia in Inghilterra.

Ne' paesi dove i ricchi hanno occasioni di farsi guardare per la loro eloquenza, il valore e le dignità, essi quando possono avere magnificenza elegante, se ne giovano senza vantarsene; e cosí è in Inghilterra.

Ne' paesi dove il danaro trapassa velocissimo per tutte le case e le innaffia come rigagnoli d'un gran fiume tutti i prati d'intorno, ogni cittadino tenta allora d'imitare la eleganza – e cosí è in Inghilterra.

mais emulação que inveja.

E assim me parece que seja na Inglaterra.

Nos lugares onde os ricos têm ocasiões de deixarem-se observar pela sua eloquência, o valor e as dignidades, esses quando podem ter magnificência elegante, se favorecem disso sem se vangloriarem; e assim é na Inglaterra.

Nos lugares onde o dinheiro penetra de forma muito rápida por todas as casas e as banha como córregos de um grande rio todos os prados ao redor, cada cidadão tenta, então, imitar a elegância – e assim é na Inglaterra.

O olhar que Foscolo traz a respeito dos ingleses e do modo de vida deles permeia os ensaios aqui trazidos, descrevendo esse povo como banal e afeito às artificialidades que o capitalismo pode adquirir, tudo em nome da Moda, da elegância. É a visão irônica que o autor do cânone italiano traz ao leitor do século XXI sobre como se pensava e se vivia no século XIX na Inglaterra, como o trecho acima revela: “e assim é na Inglaterra”.

Foscolo não demonstra estar de acordo, mas, demonstra preocupação e certa indignação com os costumes artificiais demonstrados pela população da época. E é esse olhar indignado que vem permeado de ironia: ele não escreve, mas *pretende* dizer em suas linhas.

Ao longo do projeto de tradução, busquei manter os traços irônicos de Foscolo nos ensaios, não alterando sua linha de pensamento, mas realizando um trabalho de tradução pautado na letra do autor e no que sua mente se propunha a realizar, a escrever, como exposto no excerto acima retirado de *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de tradução pode até parecer simples num primeiro olhar e (acredita-se) que o seja a quem domina um idioma estrangeiro e faz a tradução mentalmente para captar o sentido do conteúdo em questão a fim de compreender determinado assunto. No entanto, quando se trata de “passar para o papel”, ou seja, tornar uma tradução não mais apenas um ato mental, mas algo concreto e que poderá ser lido por outros, a estrutura parece se alterar e ou tornar-se mais difícil de ser trabalhada.

Como trazido por este estudo, o tradutor deve pautar seu trabalho em escolhas e, dependendo da opção do tradutor, o projeto de tradução por ele empreendido tomará uma forma que será aceita ou não por determinados grupos.

Ao longo dos meses em que me deparei com esta tradução, senti “na pele” o quão difícil é traduzir um texto histórico. Ainda hoje Ugo Foscolo merece respeito e, por meio dos textos seus, conseguimos captar o sentimento do mundo de então por meio de seu olhar crítico.

Não me bastaria somente conhecimento linguístico para traduzir Foscolo. A busca pelo contexto da época e os efeitos que a leitura de um texto seu poderia causar no leitor de hoje, tudo isso me fez pensar ainda mais sobre o que e como traduzir esse autor.

Após conseguir uma primeira versão da tradução dos ensaios, outras mudanças ocorreram, mais pela necessidade de se conseguir um texto o mais “fiel” possível e próximo do pensamento foscoliano. Ler autores do mesmo período literário (século XIX) para tentar compreender a linguagem utilizada foi mais uma das etapas que me pus a realizar a fim de conseguir uma tradução bem elaborada e ou pensada.

Traduzir um autor como Ugo Foscolo é um caminho desafiador, pois nos leva a passar por estradas não imaginadas, visto que ele tão bem conseguiu infiltrar-se nos mais diversos gêneros literários, mantendo sempre uma postura criativa e, ao mesmo tempo, crítica de sua época. Muitas escolhas foram descartadas, isso porque o texto não era meu. A consciência do tradutor deve imperar do início ao fim do trabalho. E foi isso que tentei executar.

A escolha pelos pronomes de tratamento, por exemplo, não seria a que eu intentei, num primeiro instante, realizar. Porém, a análise fria do olhar do tradutor teve de acontecer. Digo fria porque busquei realizá-la de maneira isenta de qualquer olhar apaixonado em relação ao texto. A escolha aconteceu por meio de uma visão histórica e reflexiva sobre qual seria a escolha de Foscolo se tivesse de escrever para o público leitor de português no Brasil, pensando no leitor atual, do século XXI.

O trabalho de tradução sobre *Saggio d'un gazzettino del bel mondo* e *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* buscou contribuir para levar o estilo e a crítica de Foscolo sobre uma sociedade cheia de vulgaridades e vaidades a um público maior, não tirando a sua musicalidade e o ritmo de sua escrita, tampouco a criatividade irônica de suas linhas ensaísticas.

Ao realizar a busca por uma biografia concisa de Foscolo, em especial no Capítulo I, percebi que muito de sua vida encontrava-se nos seus textos e que essa leitura de mundo deveria constar no texto de chegada para o leitor em português do Brasil. A importância que a Inglaterra teve para a vida literária do autor foi além de um exílio político: pareceu servir como período de inspiração literária, conferindo-lhe novo vigor, apesar das dificuldades narradas ao longo do primeiro capítulo desta dissertação, a partir de análises de críticos da literatura italiana.

Os diversos exílios de Foscolo parecem tê-lo tornado mais crítico, mais afeito a escritos de análise, caso dos ensaios traduzidos. O olhar triste e decepcionado, por vezes, é o que se capta dos ensaios e cartas de Foscolo no epistolário *Lettere Scritte dall'Inghilterra*. As amarguras de uma vida difícil e precária, apesar do luxo que perpassou em alguns momentos de sua vida em solo inglês, refletiam nas linhas escritas e interpretadas nos dois ensaios aqui traduzidos. Tanto o *Bel Mondo* quando o *Bon Ton* inglês são indícios de um descontentamento e forte visão crítica em relação a uma sociedade de aparências, onde as *Modas* eram as senhoras ditadoras de regras e hábitos rotineiros.

Ao lermos os ensaios do autor de Jacopo Ortis, temos um retrato da sociedade inglesa de início do século XIX por meio das “lentes” de Foscolo, ou seja, um pensamento a partir das experiências de vida do autor e do que ele vivera até então. O uso do gênero ensaio mesclado às características epistolares é forte marca da época, visto que os ensaios foram muito difundidos na Inglaterra no período vivido pelos homens de letras da época. Contudo, há escassez de estudos no que diz respeito ao gênero ensaio, o que possivelmente pode ter contribuído para dificultar a inserção de um autor como Foscolo em solo brasileiro.

No Capítulo II, está a proposta de tradução dos ensaios *Saggio d'un gazzettino del bel mondo* e *Saggio d'un gazzettino del bon ton inglese* pautada nos fundamentos da tradução da letra, defendidos por Berman (2012). Algo que chamou a atenção durante o trabalho de tradução foi o grande número de citações de outros autores notáveis da Literatura, tais como Horácio, Dante Alighieri e Petrarca, além de outros nomes que marcaram as letras europeias ao longo dos anos. Não se sabe

se Foscolo possuía todas as obras as quais citava em seus ensaios – pois saíra exilado da Itália e, talvez, sem muitas posses - até mesmo porque a adaptação de versos e ou a troca de palavras pelo autor foi recorrente nos textos traduzidos, o que mereceu atenção a fim de buscar em outras traduções já empreendidas no Brasil, numa tentativa de valorizar o trabalho do tradutor conhecedor do autor citado por Foscolo. Não foi possível encontrar todos os versos traduzidos para o português, mas tentei realizar leituras e pesquisas acerca do estilo da época a fim de propor uma tradução o mais respeitosa para com o sentido do texto de partida.

Poderia dizer que o tradutor empresta sua ‘voz’ para o escritor traduzido, pois o texto passa por um filtro que é o olhar do tradutor e este anuncia a uma comunidade de fala o que o escritor almejou transmitir com sua escrita. Nesse sentido, espero com minha pesquisa e com a minha tradução também valorizar o papel do tradutor.

Desta forma, ao passarem pelo filtro do tradutor, os ensaios traduzidos de Foscolo tiveram sua essência preservada, o pensamento do autor italiano permaneceu nas linhas escritas em português, evitando o apagamento das ideias do texto primeiro. Ao menos esta foi a intenção desta proposta.

No Capítulo III, analisei os pontos de maior dificuldade de tradução e, com isso, foi possível perceber que existe a necessidade, por parte de quem traduz, de sempre buscar aparato teórico o suficiente para empreender um trabalho com qualidade, por meio de leituras diversas, conhecimento sócio-histórico-político de um período, como, neste caso, o contexto de início do século XIX, além de fazer um grande esforço ao atentar-me para as tendências deformadoras sugeridas por Berman (2012), evitando-as na tradução. Toda essa preocupação acentuou-se ainda mais ao revisar os textos traduzidos e verificar as escolhas tomadas.

Por ser um texto de cunho histórico, como destaquei no Capítulo II, quando citei que os ensaios de Foscolo eram ensaios com característica epistolar como uma espécie de documento histórico, a atenção aos marcadores temporais foi muito importante. A escolha pelo pronome de tratamento mais adequado foi um dos ápices do projeto, pois requereu pesquisa e leituras em autores diversos, inclusive de escritores no Brasil do mesmo período que Foscolo. Isso foi para tentar captar a essência da época e fazê-la ecoar na tradução.

Ainda sobre as escolhas realizadas, o uso de arcaísmos foi uma das questões que tentei utilizar no texto de chegada com o intuito de fazer chegar ao leitor de português um texto de século XIX, e não atual.

O próprio nome *Gazzettino* foi um dos pontos de reflexão mais importantes, pois substituir por Jornal, Jornalzinho, “Gazetinha”, talvez não fosse a melhor opção a partir da ideia do texto de partida, assim como outras palavras e ou expressões em idioma estrangeiro, que não o italiano.

O fator temporal foi o grande causador de reflexões ao longo da tradução realizada, pois desconhecer determinada expressão de épocas passadas pode gerar problemas de entendimento no texto traduzido. Nem tanto questões de pontuação e sintaxe foram situações-problema nesta dissertação, pois essas são questões que podem ser ajustadas dentro do idioma-alvo, neste caso, o português, idioma que possui vínculo histórico com a língua italiana, não sendo grandemente distanciados pelas diferenças linguísticas.

Além do mais, ao conseguir traduzir Foscolo, sinto que consegui captar um pouco do que pensavam os homens das letras de então assim como sua vida em meio à realidade vivida dia após dia. Por meio da tradução, é possível conhecer outros mundos, outras realidades, outros tempos, além de compreender certos fatos da sociedade em que vivemos, assim como a mente de Foscolo, parecendo conturbada, irrequieta e melancólica, talvez prevendo o destino que lhe parecia chegar. Intentando a tradução da letra nas cartas-ensaios de Foscolo, toda sensação ao lermos tais textos tentou-se transportar para o português. Sabe-se que há muito a se pesquisar no que concerne ao estudo dos ensaios e cartas produzidos por Ugo Foscolo, principalmente em seu exílio, pois o escritor que foi o coloca como um dos grandes homens das letras europeias, um dos maiores representantes da literatura italiana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: Adorno, W. T. **Notas de Literatura I**. p. 15-45. Coleção Espírito Crítico. [Trad. Jorge de Almeida]. São Paulo: Editora 34, 2003.

ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. [Trad. J. P. Xavier Pinheiro]. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ANDRADE, Adriana Aikawa da Silveira. **Cartas de Roma (1822-1823)**: tradução comentada das missivas de Giacomo Leopardi para o português. Tese de Doutorado. Florianópolis/Siena, 2015.

ANSELMINI, Gian Mario. **Profilo storico della letteratura italiana**. Milão: Sansoni, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo** - Obras escolhidas. 3. ed São Paulo: Brasiliense, 1994. [Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista]

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica**. [Trad. Maria Emília Pereira Chanut]. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. [Trad. Marie-Helène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini; Rev. Luana Ferreira de Freitas, Marie-Helène C. Torres, Mauri Furlan, Orlando Luiz de Araújo]. 2. ed. Tubarão: Copiart, 2012.

_____. **Pour une critique des traductions: John donne**. Paris: Éditions Gallimard, 1995.

BRIOSCHI, Franco; DI GIROLAMO, Costanzo; FUSILLO, Massimo. **Introduzione alla letteratura**. Roma: Carocci, 2003.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert (1960). The pronouns of power and solidarity. In: T. A. Seboek. **Style in Language**. Cambridge, MA: MIT Press. pp. 253–276. Disponível em:

<<http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Brown-Gilman-Pronouns.pdf>> Acesso em: 25 out. 2015.

BUNAFINA, Maria Tereza. *As Ultime Lettere di Jacopo Ortis de Ugo Foscolo*: tradução comentada e anotada de seleção da obra. Dissertação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BURKE, Peter; PO-CHIA HSIA, Ronnie (orgs.). **Cultural translation in early Modern Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. Disponível em: <http://ebooks.cambridge.org/search_results.jsf?searchType=quick&resultView=chapter&searchTerm=cultural%20translation&isbn=9780511497193>. Acesso em: 03 dez. 2015.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. [Trad. Alda Porto]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BUSARELLO, Raulino. **Dicionário básico latino-português**. 7. ed. rev. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 12. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. vol IV. 3. Ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Alhambra, 1985.

CLAUDON, Francis. **Enciclopédia do Romantismo**. s/l. Verbo - Coleção Enciclopédia das Artes, n. 2, 1986 [Traduzido do francês Encyclopédie du Romantisme, Paris; ed. em inglês; The Concise Encyclopedia of Romanticism].

COSTA, Walter Carlos; FREITAS, Luana Ferreira de. Introdução. In: STERNE, Laurence. **Viagem sentimental** [Trad. Luana Ferreira de Freitas]. São Paulo: Hedra, 2008.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Los traductores en la historia**. [trad. Grupo de investigación en traductología, bajo la coordinación de Martha Lucía Pulido] Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2005.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental**: autores e obras fundamentais. São Paulo: Editora Ática, 2002.

DUARTE, Vânia Maria Do Nascimento. **Uso do pronome vós: recorrente ou não?**. Brasil Escola. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/gramatica/uso-pronome-vos-recorrente-ou-nao.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: o dicionário da Língua Portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERRONI, et al. **Storia e testi della letteratura italiana**: l'età della ragione e delle riforme (1690-1789) e la rivoluzione in Europa (1789-1815). 3. ed. Castello: Mondadori Università, 2011.

GONZAGA, Tomás Antonio. **Cartas Chilenas**. s/d. Universidade da Amazônia. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000293.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. In: **Work. pap. linguíst.**, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

GUERINI, Andréia. A teoria do ensaio: reflexões sobre uma ausência. In.: **Anuário de Literatura** 8, 2000, p.11-27. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5416/4778>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

GUERINI, Andréia; Tânia Mara Moysés. A carta-ensaio de Italo Calvino: confluências entre os gêneros epistolar e ensaístico. In.: **Fragmentos** - Revista de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. v. 22, n. 2. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. pp.135-147. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/2175-7992.2009n36p135/21586>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; FERNANDES, Lincoln P. Sobre a descrição de traduções. In: **Literatura e Tradução**. Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

HAMMERTON, John Alexander. **Wonderful Britain** – its highways byways and historic places. v. 4. Londres: The Fleetway House, 1925. Disponível em: <<http://oreald.com/picture1345.html>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

HOMERO. **Iliada**. In.: Clássicos Jackson. v. XXI. Rio de Janeiro: Jackson, 1948.

KELLY, Linda. **Holland House**: a history of London's most celebrated salon. Nova Iorque: IB Tauris, 2013.

KOLKOVÁ, Lucie. **L'uso dei pronomi allocutivi tu, voi e Lei in italiano**. Filozofická Fakulta Masarykovy. Univerzity v Brně, 2006.

LENTZ, Gleiton. **Dei Sepolcri/Os Sepulcros**. In: Alea – Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, v.11, n.2, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2009000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 jul. 2016.

LE MALABLOGGER. **Speciale Ugo Foscolo**. 2015. Disponível em: <<http://recensione-libro-film-serietv.blogspot.com.br/2015/09/speciale-ugo-foscolo.html>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

Lezione sul Risorgimento italiano. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l0tgKh1wm-8>>. Acesso em: 07 set. 2015.

LUKÁCS, Georg. Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper. Neuwied: Luchterhand, 1971. In.: **Revista UFG**, Ano IX, v. 4, jun. 2008. [Tradução de Mário Luiz Frungillo]. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2008/index.htm>. Acesso em: 15 mai. 2016.

LUZZI, Joseph. **Il romanticismo italiano e l'Europa**: fantasia e realtà nell'immaginario occidentale. Roma: Carocci Editore, 2012.

MARAZZINI, Claudio. **Breve storia della lingua italiana**. Bologna: Il Mulino, 2004.

MARI, Roberto (a cura di). **Dizionario Italiano di base**. Firenze: Giunti, 2001.

MILLER, J. Hillis. Border crossings, translating theory: Ruth. In.: BUDICK, Sanford; ISER, Wolfgang (ed.). **The translatability of cultures: figurations of the space between**. Stanford, California: Stanford University Press, 1996.

MOYSÉS, Tânia Mara. **Lettere e i libri degli altri: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

NEWMAN, Gerald; BROWN, Leslie Ellen. **Britain in the Hanoverian Age, 1714-1837**. (Garland Reference Library of the Humanities – Book 1481). NY: Routledge Pub., 1997. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ZhaBz_5OZiUC&pg=PA335&pg=PA335&dq=holland+house+and+whig+society&source=bl&ots=z-OkGEB_PK&sig=ANpRVVu5gtnPANLz3eL8ijaDXN8&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CFIQ6AEwCGoVChMI8bLMtu37xgIVgYaQCh1qJwB1#v=onepage&q=ugo%20foscolo&f=false>. Acesso em: 10 jul. 2015.

NICOLETTI, Giuseppe. **Foscolo**. Roma: Salerno Editrice, 2006.

PAES, José Paulo. **Tradução - a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir**. São Paulo: Ática, 1990.

PALUMBO, Matteo. **Saggi sulla prosa di Ugo Foscolo**. Napoli: Liguori Editore Srl, 1994.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PETRARCA, Francesco. Triunfos. [Trad. Luís Vaz de Camões]. São Paulo: Hedra, 2006.

FOSCOLO, Ugo. **Lettere Scritte dall’Inghilterra (Gazzettino del Bel Mondo)**. A cura de Edoardo Sanguinetti. Milano: Mursia, 1978.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, ato desmedido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SERIANNI, Luca. Gli allocutivi di cortesia. 2004. In.: **Accademia della Crusca**. Disponível em: <<http://www.accademiadellacrusca.it/it/lingua-italiana/consulenza-linguistica/domande-risposte/allocutivi-cortesia>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

SIMONI, Karine. **As contribuições de Ugo Foscolo para teoria e crítica literárias**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

_____. “Necessaria non solo per l’Italia, ma anche per le altre nazioni”’: Ugo Foscolo intérprete de Dante. In: **Dante Alighieri**: Língua, Imagem e Tradução. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015.

TATTI, Silvia. Lettera Apologetica. s/d. In: Internet Culturale. Disponível em: <<http://www.internetculturale.it/opencms/directories/ViaggiNelTesto/fo-scolo/b26.html>>. Acesso em: 25 out. 2016.

TERZOLI, Maria Antonietta. **Con l’incantesimo della parola**: Foscolo scrittore e critico. Uomini e Dottrine, 46. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2007.

TINTELNOT, Hans. **Do Neoclassicismo à Arte Moderna**. v. 19. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. [Trad. Leyla Perrone Moisés]. São Paulo: Perspectiva, 2013.

TORRES, Marie-Helène Catherine. **Traduzir o Brasil literário**: história e crítica. v. 2. [Trad. Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Sousa]. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

TOSTO, Rosário. **História da Literatura Italiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1962.

UGO FOSCOLO. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/ugo-foscolo>>. Acessado em: 21 nov. 2014.

VERDENELLI, Marcello. **Foscolo: una modernità al plurale**. Roma: Anemone Purpurea, 2007.

WELLEK, René. **História da crítica moderna. Vol II – O Romantismo**. [Trad. Lívio Xavier]. São Paulo: Herder, 1967.

WICKS, Margaret Campbell Walker. **The Italian exiles: 1816-1848**. Freeport, N.Y.: Books for libraries Press, 1968.

PEREIRA, Vinícius. **Giuseppe Verdi e o nacionalismo italiano**. s/d. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Giuseppe_Verdi.pdf>. Acesso em: 07 set. 2015.

TRECCANI. **L'unificazione italiana**. s/d. Disponível em: <http://www.treccani.it/export/sites/default/scuola/lezioni/storia/UNIFICAZIONE_ITALIANA_lezione_sost.pdf>. Acesso em: 07 set. 2015.

TRECCANI. **L'unificazione italiana**. s/d. Disponível em: <http://www.treccani.it/scuola/lezioni/storia/unificazione_italiana.html>. Acesso em; 07 set. 2015.

VIALA, Alain. Littérature épistolaire. In: Encyclopaedia Universalis. Disponível em : <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/litterature-epistolaire/>>. Acesso em 30. out. 2016.

WALSH, Rachel A. **Ugo Foscolo's tragic vision in Italy and England**. Toronto, CA: University of Toronto Press, 2014. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=cMEeBQAAQBAJ&pg=PA199&lpg=PA199&dq=studi+sul+foscolo+inglese&source=bl&ots=CBsx61kHo2&sig=kk5CbuY4NmivCsVKwG9VuP2Fie0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewib7rTCuJnNAhXKpB4KHe2ZC8EQ6AEIRjAG#v=onepage&q=studi%20sul%20foscolo%20inglese&f=false>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

ZILLY, Berthold. “Entrevista de Berthold Zilly”. In **Revista Metáfora**. 2012. Disponível em <<http://verahelena.blogspot.com.br/2012/07/berthold-zilly-na-revista-metafora.html>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

SITOGRAFIA

Corriere della Sera: <<http://dizionari.corriere.it/cgi-bin/sansing/find>>

Dictionary Memidex:

<<http://www.zanichellibenvenuti.it/wordpress/?cat=25&paged=4>>

Dizionario De Mauro on-line: <<http://www.internazionale.it/dizionario>>

Dizionario etimologico on-line: <<http://www.etimo.it/>>

Dizionario italiano multimediale e multilingue d'ortografia e di pronunzia (RAI / DOP): <<http://www.dizionario.rai.it/>>

Dizionario latino Olivetti: <<http://www.dizionario-latino.com/dizionario-latino-italiano.php?browse=T>>

Dizionario Tommaseo (Accademia della Crusca):

<<http://www.tommaseobellini.it/#/>>

E-Dicionário de Termos literários: <<http://www.edtl.com.pt/>>

Lessicografia della Crusca in

rete: <<http://www.lessicografia.it/index.jsp>>

Macmillan (English): <<http://www.macmillanenglish.com/>>

Treccani: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/ricerca/>>

Verbi italiani: <<http://www.italian-verb s.com/verbi-italiani.htm>>

Wordreference.com: <<http://www.wordreference.com/definizione/>>

Woxikon: <<http://www.woxikon.it/>>